

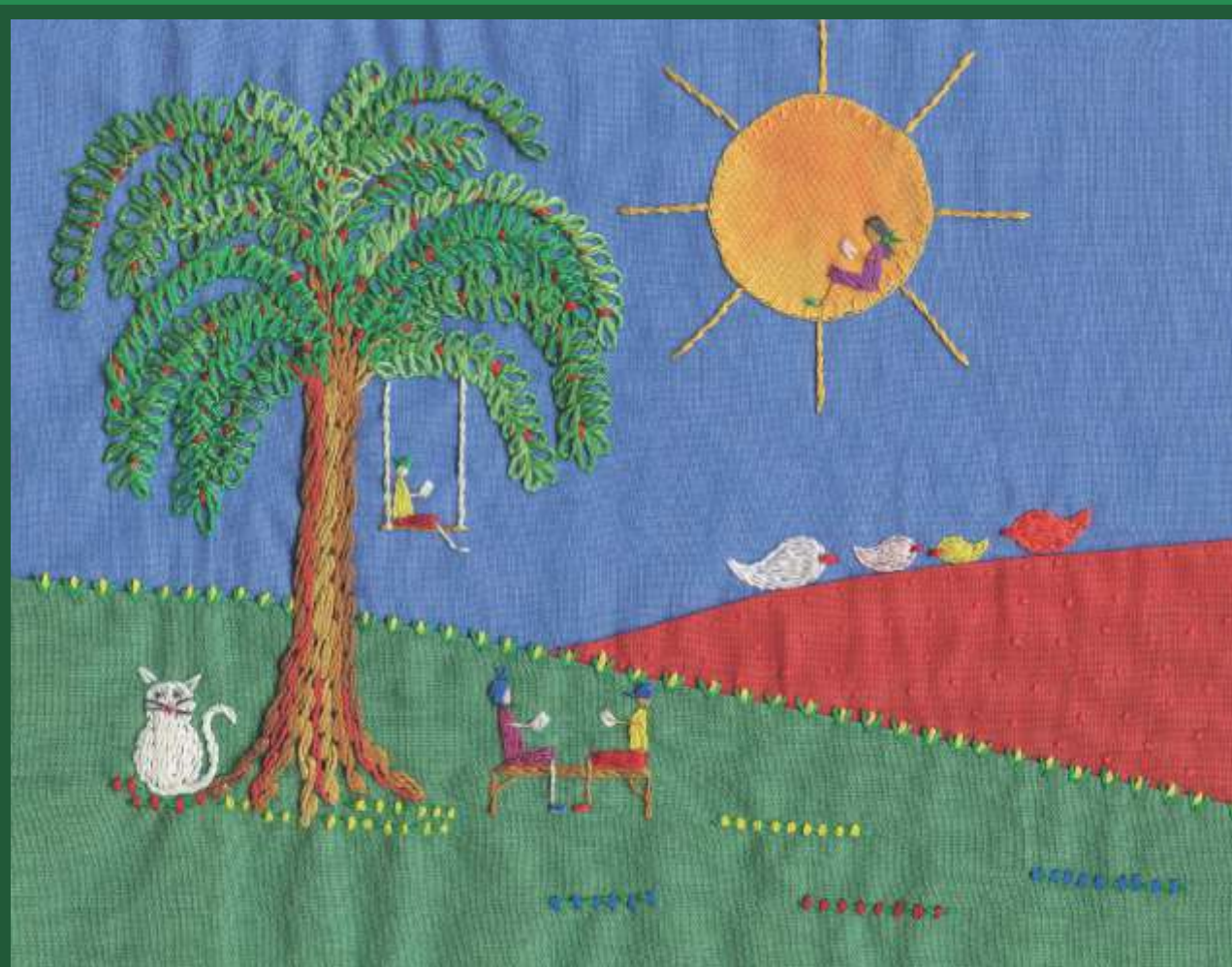


Pacto Nacional pela  
Alfabetização na Idade Certa

# ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS

## *Relatos de experiência docente*

Everaldo Silveira  
Maria Aparecida Lapa de Aguiar  
Rosângela Pedralli (Organizadores)



VOLUME III



Núcleo de Estudos e Pesquisa  
em Alfabetização e Ensino  
da Língua Portuguesa

***ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS***  
*Relatos de experiência docente*

**VOLUME III**

Everaldo Silveira  
Maria Aparecida Lapa de Aguiar  
Rosângela Pedralli  
(Organizadores)



# **ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS**

## *Relatos de experiência docente*

**VOLUME III**



Pacto Nacional pela  
Alfabetização na Idade Certa

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO



UFSC  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA



Núcleo de Estudos e Pesquisa  
em Alfabetização e Ensino  
da Língua Portuguesa

NÚCLEO DE  
ALFABETIZAÇÃO  
NUP  
UFSC-CED-NUP

*Florianópolis, 2017*

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO



Núcleo de Estudos e Pesquisa  
em Alfabetização e Ensino  
da Língua Portuguesa

COORDENADORA  
Nelita Bortolotto

VICE-COORDENADORA  
Maria Aparecida Lapa de Aguiar



Pacto Nacional pela  
Alfabetização na Idade Certa

COORDENADORA GERAL  
Nilcéa Lemos Pelandré

COORDENADORA PEDAGÓGICA  
Vânia Terezinha Silva da Luz



UFSC  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

REITOR  
Luiz Carlos Cancellier de Olivo

VICE-REITORA  
Alacoque Lorenzini Erdmann

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
EDUCAÇÃO – CED

DIRETOR: Nestor Manoel Habkost  
VICE-DIRETOR: Juares da Silva Thiesen

Ilustração da Capa  
"Leitura" de Olinda Evangelista, 2017

Ilustração da Folha de Rosto  
"Pipas" de Usha Roig, 2012 (detalhe)

Projeto Gráfico, diagramação e arte-finalização  
Carlos Righi

Revisão  
Laiana Abdala Martins

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da Universidade Federal de Santa Catarina

A385 Alfabetização de crianças de 6 a 8 anos :  
relatos de experiência docente: volume III /  
Organizadores, Everaldo Silveira, Maria  
Aparecida Lapa de Aguiar, Rosângela  
Pedralli. - Florianópolis : UFSC/CED/NUP,  
2016.  
122 p.; il.

Inclui bibliografia.  
Pacto Nacional pela Alfabetização na  
Idade Certa.

1. Educação de crianças. 2. Letramento -  
Educação. I. Silveira, Everaldo. II. Aguiar,  
Maria Aparecida Lapa de. III. Pedralli,  
Rosângela.

ISBN 978-85-9457-008-6

CDU: 37

### Produção Editorial



Núcleo de Publicações do Centro de  
Ciências da Educação – UFSC-CED-NUP

### Conselho Editorial

Camila Monteiro de Barros, David Antonio da  
Costa, Diana Carvalho de Carvalho, Eliane  
Santana Dias Debus, Giandrêa Reuss Strenzel,  
Gilka Elvira Ponzi Girardello, João Nilson  
Alencar, Lilane Maria de Moura Chagas,  
Marcos Edgar Bassi, Marlí Dias de Souza  
Pinto, Olinda Evangelista, Patrícia Laura  
Torriglia, Regina Ingrid Bragagnolo, Sandra  
Mendonça, Suzani Cassiani

### Coordenadora

Diana Carvalho de Carvalho

### Editoria Técnico-Administrativa

Bethânia Negreiros Barroso  
Jorge Cordeiro Balster

### Colaboradores

Aida Rotava Pain, Aline Cassol Daga, Carla  
Cristofolini, Cintia Franz, Clara Iracema  
Bewiahn, Daniela Cristina da Silva, Eliandra  
Moraes Pires, Eloara Tomazoni, Gracielle Boing  
Lyra, Hellen Pereira, Joanildes Felipe, Jussara  
Brigo, Laiana Abdala Martins, Liliâne Vanilde de  
Souza, Lisete Hahn Kaufmann, Maira G. F.  
Kelling Machado, Marisa Stragliotto, Natássia  
D'Agostin Alano, Roberta Schnorr Buehring,  
Sabatha Catoia Dias, Selma Felisbino  
Hillesheim, Suziane Mossmann

*Helena acudia, em carruagem, ao país onde os sonhos são sonhados. Ao seu lado, também sentada na boleia, ia a cachorrinha Pepa Lumpen. Pepa levava, debaixo do braço, uma galinha que ia atuar em seu sonho. Helena trazia um imenso baú cheio de máscaras e trapos coloridos.*

*O caminho estava muito cheio de gente. Todos iam para o país dos sonhos, e faziam muita confusão e muito ruído ensaiando os sonhos que iam sonhar, e por isso Pepa ia resmungando, porque não a deixavam concentrar-se como se deve.*

(Eduardo Galeano, 1991 – Viagem ao país dos sonhos.  
In: O livro dos abraços)

# SUMÁRIO

Apresentação da versão digital	09
Apresentação	11
<b>3. Seção III</b>	
<b>A criança na relação com as linguagens</b>	
3.1 Tantas pessoas, tantas diferenças: uma experiência com crianças do segundo ano do Ensino Fundamental <i>Isolete Guesser Lang, Cláudia Renate Ferreira &amp; Caren Cristina Brichi</i>	15
3.2 Sequência didática: direito das crianças <i>Regina Espíndola de Jesus, Elisandra dos Santos Oliveira de Farias &amp; Carmen Raymundi</i>	19
3.3 A diversidade na escola <i>Alienara Gonçalves Amaral Frigo, Lucimara Frigo Machado &amp; José Antônio Gonçalves</i>	22
3.4 Semear histórias e colher saberes <i>Vanderléia Jani da Cunha Gonçalves, Roseni dos Santos &amp; Caren Cristina Brichi</i>	25
3.5 Educação no trânsito é fundamental para a preservação da vida <i>Marlene Neiss Jungblut, Teresinha Staub &amp; Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	31
3.6 Alfabetizar brincando <i>Débora Regina Vaz Jenzura &amp; Luciane Wagner</i>	34
3.7 Cadê o docinho que estava aqui? <i>Cíntia Franz, Jucilene Nievinskij Pasini &amp; Marli Inês Jesuir Bernardi</i>	38
3.8 Ser diferente é normal <i>Silvana Zanco, Queila Stein &amp; Joanildes Felipe</i>	41
3.9 Trabalhando com gêneros textuais: a leitura como alicerce para a garantia do processo de alfabetização e letramento <i>Carla Simone Kirsten Kerber, Lucimara Frigo Machado &amp; José Antônio Gonçalves</i>	43
3.10 Brincando e aprendendo com <i>A Joanelinha que perdeu as pintinhas</i> <i>Edinara Cassol Kolenberg, Vera Lúcia Hermann Thies &amp; Maira Gledi F. Kelling Machado</i>	46
3.11 Alfabetização nos/para os usos sociais da escrita: a produção textual escrita como ponto de partida para a apropriação do sistema de escrita alfabética <i>Cristina Albertina Rodrigues de Souza, Rosângela Pedralli &amp; Jovino Luiz Aragão</i>	48

## **A criança na relação com as Ciências Humanas**

- 3.12 A cultura popular e a alfabetização 53  
*Cíntia Franz, Maria Lucia Deluque Altenhofen & Catia Barauna*
- 3.13 Projeto didático “A vida no gelo” 56  
*Jaqueline de Souza Matta Adão, Maria Luiza Beduschi & Gracielle Boing Lyra*
- 3.14 Nossa cidade, nossa história 60  
*Maria Letícia Naime-Muza, Lenise Flor & Gracielle Boing Lyra*
- 3.15 Sou parte do meio ambiente, por isso preciso cuidar dele 63  
*Maira Kosmann, Cleidiana Watte & Maira Gledi Freitas Kelling Machado*
- 3.16 Meu município: um lugar especial 67  
*Marli Nicodem Immig, Itoni Frey Manfroi, Rosa Maria Lazarotto Foletto & Maira Gledi Freitas Kelling Machado*

## **A criança na relação com as Ciências da Natureza e a Matemática**

- 3.17 Você passou protetor solar hoje? 73  
*Fernanda Nascimento & Jaqueline da Silva Silveira*
- 3.18 Criando com as formas geométricas e escrevendo parlendas 77  
*Cíntia Franz, Janete Regina Kist Neis & Marisa Pick Baller*
- 3.19 A geometria no cotidiano escolar: a importância do trabalho pedagógico interdisciplinar 81  
*Dauana Albara, Lucimara Frigo Machado & José Antônio Gonçalves*
- 3.20 Corrida dos carrinhos como estratégia para problematizar situações aditivas no ciclo de alfabetização 84  
*Claimira Toseto Kothe, Silvia Renata Monteiro, Gracielle Böing Lyra & Jussara Brigo*
- 3.21 Uma experiência com geometria no ciclo de alfabetização 86  
*Graciane Borges, Crislei Paim da Silva, Lisete Hahn Kaufmann & Carla Cristofolini*
- 3.22 Horta e jardim, da escola para casa 91  
*Deysi Maria Marques dos Santos & Rita Rosélis Schulka Vicente de Souza*
- 3.23 Plantas Carnívoras 94  
*Mônica Dias Vieira Quadros, Daniela Guse Weber & Gracielle Boing Lyra*

3.24	A matemática das energias: multiplicando alternativas	97
	<i>Evandra Regina Macagnan, Claudia Elizabet Fávero Boccalon, Claudinei Schimankø &amp; Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	
3.25	Minha vida em números	100
	<i>Keila Lúcia da Silva Arruda, Claudia Bocalon, Claudinei Schimankø &amp; Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	
3.26	Gêneros do discurso como coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem: o trabalho com anúncio	103
	<i>Cíntia Franz, Ieda Pertuzatti, Marlise Maria Junges Hackenhaar &amp; Maria Rita Spagnol Kist</i>	
3.27	Clact geométrica	108
	<i>Marinês Lúcia Fioreze, Claudia Elizabet Fávero Boccalon, Claudinei Schimankø &amp; Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	
3.28	Ecossistemas da Ilha de Santa Catarina	110
	<i>Cléia Fátima Slongo Barbosa, Maria Letícia Naime-Muza &amp; Gracielle Boing Lyra</i>	
3.29	Jogos e produção textual: uma articulação possível	113
	<i>Marinês Snigura, Edinara Perin Amann, Claudinei Schimankø &amp; Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	
3.30	Projeto “Mercadinho Raio de Sol”	116
	<i>Solange Boch, Andréa do Prado Felipe &amp; Gracielle Boing Lyra</i>	
3.31	Medidas e grandezas: sou grande ou pequeno?	119
	<i>Marli Nicodem Immig, Iloni Frey Manfroi, Nadia Inês Marconatto &amp; Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	



## Apresentação da versão digital

Esta coletânea, composta por cinco volumes, nasce de um desejo – gestado no plano da coordenação e dos encontros de formação ocorridos por ocasião do PNAIC/UFSC – de publicizar as ações didático-pedagógicas levadas a termo por alfabetizadores de diferentes regiões de Santa Catarina. Tal coletânea materializa, portanto, esse desejo com dupla finalidade: (i) dar visibilidade aos importantes trabalhos desenvolvidos por esses profissionais e (ii) socializar trabalhos educativos que carregaram consigo avanços em relação ao que tem se feito historicamente em processos de alfabetização via escolarização formal, a fim de que possam contribuir tanto como inspiração para o delineamento de ações didático-pedagógicas outras quanto como ponto de partida para discussões em cursos de formação inicial e continuada.

Os mencionados cinco volumes têm convergências e especificidades na sua organização. Esses volumes convergem, em linhas gerais, quanto à apresentação de relatos de experiências produzidos em coautoria por alfabetizadores, orientadores de ensino, formadores e, em alguns casos, supervisores, os quais derivaram de planejamento por *projetos* ou *sequências didáticas*, tal qual definido no material-base da formação do PNAIC. Marca a especificidade dos volumes o critério para aproximação dos relatos que figuram em cada qual deles: nos primeiros dois cadernos, a opção de organização foi por concentrar trabalhos que privilegiavam Leitura e Produção textual no primeiro deles e trabalhos que se debruçavam sobre a Educação Matemática no segundo; já nos três últimos cadernos, buscou-se articulação mais explícita com os documentos oficiais de ensino (DCNs, 2013; PCSC, 2014; BNCC, 2016), aproximando os relatos ali apresentados nas áreas do conhecimento – *Linguagens, Ciências Humanas e Ciências Naturais e Matemática*.

A decisão pela publicização digital deste material não descarta a ciência de que, como parte de um processo formativo que é, ele apresenta avanços, mas também fragilidades, ambos de natureza filosófico-epistemológica e teórico-metodológica. Tal ciência, no entanto, a nosso ver, não anula as suas con-

tribuições para o campo da alfabetização, na medida em que são bastante escassos exemplos de ações didático-pedagógicas convergentes com a concepção de alfabetização assumida no/pelo Pacto, que se quer na perspectiva do letramento. Isso porque, por algum tempo, estudiosos do fundamento teórico que sustenta tal concepção (os Estudos do Letramento) mostraram-se reticentes quanto à apresentação de encaminhamentos metodológicos precisos, incluindo exemplos, se não por outras razões, pelo zelo em não produzir modelos que pudessem ser replicados, o que contrariaria a defendida necessidade de considerar os usos situados da escrita.

A replicação modelizada das ações levadas a efeito em classes de alfabetização e convertidas nos relatos registrados nestas páginas certamente não foi o motor de nosso desejo de publicação na forma impressa e na forma digital desta coletânea, ainda que eventualmente isso possa ocorrer. Se assim o for, contamos com compreensão aguda de Vigotski (1968)<sup>1</sup> acerca do processo de desenvolvimento humano pela apropriação, que tende a demandar inicialmente um movimento de *imitação* para passar então a um movimento autônomo em relação ao objeto do conhecimento. Por outro lado, se a nossa compreensão acerca das contribuições deste material se confirmar, ele servirá como desencadeador, a ser ressignificado, expandido, realinhado, discutido, problematizado, em favor do que é a atividade-fim do processo formativo, que teve como embrião o PNAIC e no qual todos e cada um de nós nos engajamos: a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética nos/para os usos sociais da escrita por todas as crianças, tomando como ponto de partida do trabalho educativo práticas sociais e, no bojo delas, os diferentes componentes curriculares das áreas do conhecimento em relação interdisciplinar, sem, contudo, secundarizar suas especificidades.

*Organizadores da coleção*

<sup>1</sup> Registra-se a compreensão de que a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, ainda que apresente alguns compartilhamentos – concepção de sujeito e de língua, grosso modo – com os Estudos do Letramento, tem por fundamento outra corrente filosófico-epistemológica. Eximimo-nos de apresentar tais distinções, em razão de seu afastamento dos propósitos de um texto de apresentação.

## Apresentação

A concepção da *alfabetização na perspectiva do letramento* apresenta-se aos educadores como um grande desafio. Configura-se pela necessidade de reflexão contínua, articulando a todo o tempo teoria e prática no planejamento de ações didático-pedagógicas, as quais partem, inevitavelmente, da *prática social*.

Nessa perspectiva, trabalhar interdisciplinarmente deixa de ser uma opção e passa a ser uma condição. O trabalho interdisciplinar, além disso, não pode ser entendido como uma mera aproximação dos componentes curriculares derivada de uma temática comum.

O conceito de interdisciplinaridade no contexto do *letramento*, portanto, está envolto em uma maior complexidade: na *alfabetização* que assume como ponto de partida a *prática social*, o que une diferentes componentes curriculares é justamente a própria *prática social*, uma vez que, nela, os objetos da cultura que se dão a conhecer articulam sempre diferentes campos do conhecimento.

Essa articulação, por sua vez, não pode ser ignorada pelos educadores, sob pena de se negligenciar o que move a ação desses profissionais, que é o ato de levar sujeitos que não conhecem a conhecer, e de contribuir para que esses sujeitos se apropriem de conhecimentos – a exemplo da língua escrita – que são fundamentais para o seu desenvolvimento e para a sua inserção social efetiva. Nesse contexto, a pergunta que passa a mover o planejamento dos educadores, então, não é “o que mais é possível trabalhar?”, mas sim “o que mais é necessário trabalhar?”, isso porque o que fundamenta sua ação como profissionais da educação é a contribuição objetiva e deliberada para a formação de sujeitos heterogêneos na origem.

Parece inegável que alinhar-se à *alfabetização na perspectiva do letramento* e, com ela, à interdisciplinaridade, não significa desconsiderar as especificidades dos componentes curriculares ou, como quer Vigotski (2007 [1978], p. 104), “Cada assunto tratado na escola tem a sua própria relação específica com o curso do desenvolvimento da criança [...]”.

Assim concebendo, os cadernos de relatos em tela – volumes III, IV e V – foram organizados tendo como crivo a ênfase dos trabalhos em cada uma das três áreas do conhecimento, definidas pelos documentos norteadores de ensino contemporâneos, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação Básica (2013) e a versão atualizada da Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), quais sejam: (i) Linguagens; (ii) Ciências Humanas; e (iii) Ciências da Natureza e Matemática.

Nossa intenção com tal organização é, de algum modo, contribuir para a atividade fundamental do professor, que é agora, por imperativo de documentos oficiais, pensar seus planejamentos contemplando essas três áreas. Estamos cientes do risco de agir desse modo, uma vez que, por vezes, os limites das áreas nos projetos e nas sequências didáticas relatadas é bastante tênue, o que é absolutamente convergente com a própria essência da *alfabetização na perspectiva do letramento* e do conceito de interdisciplinaridade. Optamos por assumir esse risco por entendermos que, num momento inicial de trabalho nessa perspectiva, compreender como cada área é contemplada e, em seu bojo, cada componente oferece contribuições para a formação das crianças parece bastante significativo.

Outro aspecto que cabe frisar é o de que todos os relatos apresentados nestes cadernos foram orientados metodologicamente, em convergência com o definido pelo material norteador do PNAIC, por projetos e/ou por sequências didáticas. Esse comportamento evidencia um avanço em direção a processos de ensino mais consequentes e comprometidos com sujeitos reais, vivos, corpóreos.

Ainda no que diz respeito à relação estreita das experiências que figuram neste conjunto de cadernos, vale destacar que todos de certa forma estão fundamentados nas discussões do material norteador do PNAIC. Justamente em razão disso, a remissão a esse material, o que inclui paráfrases e ações afins, pode ser inferida ao longo de todos os trabalhos, ainda que não se tenha explicitado nas referências que acompanham os textos.

Por fim, a apresentação do critério de aproximação desses trabalhos exime-nos da necessidade de se realizar categorizações entre eles, de modo que o leitor encontrará aqui trabalhos pospostos a partir deste único fio condutor: as três áreas do conhecimento em favor de ações de ensino ocupadas em facultar a apropriação nos/para os *usos sociais da escrita* por crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, processos levados a termo por profissionais com diferentes perfis – alfabetizadores, orientadores de estudo e formadores – integrantes do PNAIC/SC.

***Everaldo Silveira***  
***Maria Aparecida Lapa de Aguiar***  
***Rosângela Pedralli***  
(Organizadores)



## A criança na relação com as linguagens







## TANTAS PESSOAS, TANTAS DIFERENÇAS: UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Isolete Guesser Lang<sup>1</sup>  
Cláudia Renate Ferreira<sup>2</sup>  
Caren Cristina Brichi<sup>3</sup>

O projeto *Tantas pessoas, tantas diferenças* foi desenvolvido pela professora Isolete Guesser Lang, no ano de 2013, em duas turmas do segundo ano do Ensino Fundamental formadas por 50 alunos com idade entre sete e oito anos, da Escola de Educação Básica Padre José Maurício, localizada no município de Blumenau, Santa Catarina.

A E. E. B. Pe. José Maurício está inserida em uma comunidade alemã, na qual encontram-se famílias tradicionais que residem no mesmo lugar, em moradias que passam de geração para geração. Nos últimos anos, porém, a vinda de famílias oriundas de outras regiões se intensificou. Assim, a comunidade escolar mudou. Os novos alunos têm hábitos, costumes, vocabulário e sotaque que se diferenciam daqueles que já pertenciam à comunidade. Levando em conta o momento difícil de adaptação, tanto dos alunos veteranos quanto dos novos, consideramos trabalhar as diferenças existentes entre as pessoas, por meio de um projeto didático com o intuito de conhecer e de respeitar as diferenças culturais e regionais das crianças e de seus familiares.



**Figura 1** - Livro: *Muitas maneiras de viver*  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figuras 2 e 3** - Crianças se divertindo com os brinquedos confeccionados  
Fonte: acervo pessoal da professora

Iniciamos, então, esse projeto, fazendo a leitura do livro *Muitas maneiras de viver*, de Cosell Lenzi e Fanny Espírito Santo. Essa história mostra que cada pessoa vive e se comporta de acordo com a comunidade da qual faz parte. Existem muitas variantes, tais como clima, vestuário, tipos de moradias, costumes, brinquedos e brincadeiras, religião e alimentação. Foi perceptível, já num primeiro momento, o interesse dos alunos pelas formas mais distintas de viver, morar e brincar.

Após a leitura do livro, a professora fez uma breve descrição de sua infância, relatando como eram as brincadeiras naquela época, os brinquedos improvisados com sucatas, feitos à mão, que, apesar de serem simples, exercitavam o corpo e despertavam a criatividade. A partir do relato da professora, as crianças realizaram, em casa, uma pesquisa, entrevistando pais, avós e familiares, a fim de descobrirem do que e com que essas pessoas brincavam quando crianças.

Percebemos, após a análise dos dados obtidos nas pesquisas, que algumas brincadeiras coincidiam, variando apenas seus

nomes, mudando de acordo com o local em que cresceram. Poucos alunos conheciam ou já haviam brincado com os brinquedos da infância de seus pais, avós e familiares. Esse resultado foi determinante para iniciarmos a confecção desses brinquedos, tais como *pé de lata*, *boneco de batata*, *bola de meia*, *bilboquê*, *elástico*, *cinco Marias*, *vai e vem* e *Escravos-de-Jó*.

O interesse dos alunos pelo projeto *Tantas pessoas, tantas diferenças* crescia a cada dia. O que começou discretamente foi tomando grandes proporções. Percebemos que, quando os alunos participavam, efetivamente, da confecção dos brinquedos para, em seguida, brincar, tinham maior facilidade para relatar oralmente e por meio da escrita como os fatos aconteceram: se gostaram, o que apren-

<sup>1</sup> Cursista, em 2013 e 2014. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Gestão e Metodologia de Ensino. Professora alfabetizadora na rede pública estadual no município de Blumenau.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, em 2013. Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação (UNIVALI). Professora da rede pública estadual, coordenadora da formação continuada na GERED de Blumenau e assessora pedagógica na Universidade Regional de Blumenau – FURB.

<sup>3</sup> Formadora, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização nas Diferentes Linguagens. Mestranda em Educação na UFSC/PPGE.

deram, quais as regras das brincadeiras.

Considerando a espontaneidade que os alunos demonstravam e a riqueza em escrever sobre o que vivenciaram, em relação à confecção dos brinquedos e em relação à experiência da própria brincadeira, construímos cadernos com as *produções textuais* realizadas por eles, abrangendo instrução para confeccionar os brinquedos, as regras das brincadeiras, os registros do que aprenderam e como se sentiram em relação a essa atividade. Montamos, então, o caderno do *boneco de batata* dos alunos, com instruções e vivências; o caderno do *boneco de batata* da professora, o qual permaneceu na sala de aula para acesso dos alunos, por quase dois meses; outros cadernos com brincadeiras e brinquedos, os tipos de moradias, instrução para confecção da *bola de meia* etc.



**Figura 4** - Caderno de textos produzidos pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

Quanto aos tipos de moradias, procuramos fotos de vários estilos de arquitetura, havendo grande interesse pelo iglu, a casa de neve dos esquimós. Pesquisamos sobre essa construção e assistimos documentários que mostravam como era feita. Ouvimos, então, a música *A Casa*, de Vinícius de Moraes, e os alunos descobriram que já estiveram na casa descrita na música – a barriga de suas mães.

Todas as atividades propostas eram registradas em desenho e por escrito. Nas

*produções textuais*, percebemos que os alunos haviam compreendido as diferenças entre as pessoas, considerando a região em que vivem, a sua situação financeira, a sua religião, a sua cultura e suas tradições, e que, por tudo isso, as pessoas têm diferentes conhecimentos, diferentes formas de se expressar e diferentes sotaques. Os alunos aprenderam sobre o respeito, sobre valorizar a diferença e a diversidade de ideias e formas de existir no mundo.



**Figura 5** - Atividades desenvolvidas pelas crianças

Fonte: acervo pessoal da professora

A montagem do *boneco de batata* foi marcante nas *produções textuais*. Os alunos vivenciaram esse momento com muito entusiasmo e escolheram um nome para cada boneco. Os alunos levaram seus bonecos para casa e o da professora ficou em sala, acompanhando a turma por quase dois meses. As crianças criaram vínculo com o Chiquinho, nome escolhido pela turma para o *boneco de batata* da professora. O elo entre os alunos e o boneco foi tão significativo que foi necessário trabalhar com a perda, pois os alunos ficaram tristes com a partida do Chiquinho.

O *boneco de batata* era para ser apenas mais um dos brinquedos confeccionados pela turma, mas o seu surgimento fez com que o projeto se expandisse para além do planejado. A turma ficou mais motivada para ir às aulas, pois queriam sempre saber como estava o Chiquinho. Eles con-



**Figuras 6 e 7** - Crianças confeccionando o boneco de batata

Fonte: acervo pessoal da professora

versavam, deram vida ao boneco e, nos finais de semana, se despediam, pedindo que ele esperasse por eles até o próximo dia de aula.

Nas *produções textuais* que tematizavam a vivência com o *boneco de batata*, os alunos relatavam seus sentimentos em relação a ele e a produção fluiu facilmente. Mesmo aqueles que tinham um pouco mais de dificuldade no processo de escrita, conseguiam expressar seus sentimentos e conhecimentos. A cada *produção textual*, os alunos adquiriam mais conhecimentos em relação aos sinais de pontuação, aos parágrafos, ao uso da letra maiúscula no início das frases e nos nomes das pessoas e personagens.

As produções eram corrigidas junta-



**Figura 8** - Produção Textual

Fonte: acervo pessoal da professora





**Figura 9** - Produção e reescrita dos textos  
Fonte: acervo pessoal da professora

mente com os alunos, a fim de problematizar as dificuldades encontradas. Após a correção, os textos eram reescritos, tendo em vista os apontamentos feitos pela professora.

Produzimos, também, textos coletivos. Nessa atividade, procuramos mostrar aos alunos que podemos substituir algumas palavras por outras, de modo que o texto ficasse coeso e não repetitivo. Antes de iniciar os textos coletivos, a professora trouxe ao conhecimento do aluno o conceito de *escriba*.

Assim, as crianças falavam o que gostariam que estivesse presente no texto coletivo e, em seguida, liam juntos para considerar possíveis adaptações. A escrita de textos coletivos é uma atividade importante, pois provoca os alunos a pensarem nessa produção – de que forma iniciarão o texto; o que irão escrever; qual a melhor forma de registrar as ideias; para quem o texto será direcionado; a clareza de ideias; quais palavras podem ser substituídas etc.



**Figura 10** - Texto coletivo e individual  
Fonte: acervo pessoal da professora

Resultaram textos muito interessantes dos circuitos de brincadeiras e da confecção de brinquedos. Nas produções, era possível perceber que os alunos vivenciaram, efetivamente, cada momento, conseguindo descrever detalhes mais perceptíveis e outros nem tanto. Descreviam sentimentos próprios, dentre os quais podemos citar, nas palavras de um aluno, após um circuito de brincadeiras: “Hoje é o dia mais feliz da minha vida”.



**Figura 11** - Texto coletivo e individual  
Fonte: acervo pessoal da professora

As salas de aula das turmas envolvidas no projeto ficam nos fundos da escola e contam com varanda e um espaço disponível para praticar atividades ao ar livre. Ao concluir as atividades propostas, os alunos podiam brincar, nesse espaço, com o brinquedo de sua preferência. Cabe observarmos que a professora organiza a rotina escolar de modo que o espaço da brincadeira se mantenha, não sendo única e exclusivamente o espaço já destinado ao recreio.

A brincadeira auxilia no desenvolvimento da criança, no que se refere aos aspectos cognitivo, social e físico, desenvolvendo diversas habilidades e a criatividade. As brincadeiras de outra geração foram passadas para a geração dos alunos, fazendo com que elas continuem conhecidas e sejam incorporadas no contexto educacional, ao passo que também vão sendo ressignificadas e estimulam o processo de aprendizagem das crianças. A aprendizagem deve ser um processo lúdico, pra-



**Figuras 12 e 13** - Crianças brincando, aprendendo e divertindo-se  
Fonte: acervo pessoal da professora

zoso, alegre e envolvente.

No decorrer do projeto, foi realizada a exposição dos trabalhos e dos brinquedos confeccionados. Essa mostra de atividades fez parte da *Noite Cultural* e resultou na participação e interação dos pais e familiares para a socialização das brincadeiras e dos brinquedos.

Esse projeto possibilitou compreendermos mais efetivamente que a criança precisa ser parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, que ela não pode ser considerada apenas um receptor, pois



**Figura 14** - Noite Cultural da escola  
Fonte: acervo pessoal da professora

a aprendizagem acontece quando se vivencia totalmente o processo. O professor precisa garantir a participação ativa da criança na organização de cada etapa a ser desenvolvida no projeto, como no delineamento dos objetivos e na organização das atividades que o compõem, incentivando-a a pesquisar, perguntar, levantar hipóteses, buscar respostas e a apropriar-se do conhecimento.



**Figura 15** - Noite Cultural da escola

Fonte: acervo pessoal da professora

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Planejando a alfabetização: integrando diferentes áreas do conhecimento - Projetos didáticos e Sequências didáticas. Ano 01: Unidade 06, Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Vamos brincar de Reinventar Histórias. Ano 03: Unidade 04, Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: A Organização do Planejando e da Rotina no ciclo de Alfabetização na Perspectiva do Letramento. Ano 02: Unidade 02, Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Ludicidade na Sala de Aula: Ano 01: Unidade 04. Brasília, 2012.

MORAES, Vinícius de. **A Casa**. Disponível em: <<https://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>>.

LENZI, Cosell; SANTO, Fanny Espírito. **Muitas Maneiras de Viver**. Edição 1. Curitiba: Editora Positivo, 2000.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA: DIREITO DAS CRIANÇAS

Regina Espíndola de Jesus<sup>1</sup>  
Elisandra dos Santos Oliveira de Farias<sup>2</sup>  
Carmen Raymundi<sup>3</sup>

A experiência que será relatada envolveu uma turma de 3º ano composta de 20 alunos entre nove e dez anos de idade, da Escola de Educação Básica Lino Pessoa, do município de Tubarão. O projeto foi desenvolvido pela professora Regina Espíndola de Jesus.

Considerando uma sugestão de atividade, dada em formação do PNAIC, para desenvolver uma *sequência didática* e, também, movida pelo interesse em trabalhar com o direito da criança e do adolescente, a professora elaborou um planejamento, a partir desse tema, enfocando o gênero *história em quadrinhos*. A partir do planejamento, foram trabalhadas as características desse gênero e propostas atividades envolvendo os eixos da *linguagem, oralidade, leitura, escrita, produção textual e análise linguística*. As propostas foram ampliadas considerando a matemática, com a construção de tabelas e grá-



Figura 1 - Descolado: Mudando o rumo da história

Fonte: Imagem disponível na web (Portal de pesquisa Google Imagens)



Figura 2 - Recorte da história

Fonte: Imagem disponível na web (Portal de pesquisa Google Imagens)

ficos referentes ao tema; *a geografia e a ética*, em desdobramentos referentes à zona urbana; e *temas transversais*, como a saúde. O trabalho foi finalizado com a produção de *história em quadrinhos* e a avaliação do trabalho realizado.

Trabalhar com *gêneros textuais* é importante para a formação de leitores e escritores críticos, uma vez que objetiva a compreensão e produção de textos e não de enunciados soltos, aproximando, assim, o aluno dos diversos textos encontrados no seu cotidiano.

Objetivamos mostrar, com a realização da *sequência didática com história em quadrinhos*, que, se as histórias forem bem selecionadas e se as atividades elaboradas a partir delas forem adequadamente planejadas, esse trabalho pode ser um excelente apoio didático para o professor na elaboração das suas aulas, não só em Língua Portuguesa, mas em outras disciplinas.

O projeto se iniciou com a leitura, em sala de aula, de *Descolado: Mudando o rumo da história*, produzida pela Prefeitura de São Paulo, a fim de tematizar o Estatuto da Criança e do Adolescente

(ECA), mostrando os direitos que são violados e, também, onde os que são respeitados.

Após a leitura, a professora e os alunos realizaram um estudo do texto, destacando alguns aspectos já presentes no texto e analisando outros, a partir de suas interpretações, tais como título; personagens; assunto; lugares onde a história acontece; seu desfecho; a opinião dos alunos sobre a história; pesquisa de significado de palavras que aparecem no texto com o auxílio do dicionário; verificação de palavras com o mesmo sentido. Nessas atividades, a professora dá ênfase à estrutura do *gênero textual*: o que é a história em quadrinhos; para que serve; quais os efeitos gráficos; os tipos de balões; o sentido das palavras nos balões; o sentido dos símbolos;

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 5. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Metodologia e Prática Interdisciplinar. Professora na Escola de Educação Básica Lino Pessoa, em Tubarão, Santa Catarina.

<sup>2</sup> Orientadora de estudos, Polo 5. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Metodologia de Ensino. Professora na Escola de Educação Básica Lino Pessoa, em Tubarão, Santa Catarina.

<sup>3</sup> Formadora, Polo 5. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil - Séries Iniciais e Processos de Alfabetização e em Gestão Escolar e Mestre em Ciências da Educação. Supervisora Escolar na rede municipal de ensino de Vargeão, Santa Catarina.

o uso das onomatopéias.

As crianças entrevistaram seus parentes a fim de saberem o que eles conheciam sobre os direitos das crianças e dos adolescentes. Cada criança apresentou sua pesquisa, elaborou um gráfico individual referente aos resultados da pesquisa e, depois, a turma elaborou um gráfico coletivo, contendo os resultados de todas as pesquisas.



**Figura 3** - Construção individual do gráfico  
Fonte: acervo pessoal da professora

Outros dois textos foram trabalhados, sendo eles: *As crianças têm direito*, do UNICEF e *Declaração dos Direitos da Criança*, de Ruth Rocha. Após a leitura, esses textos também passaram por uma análise da turma, incluindo uma pesquisa sobre o significado de UNICEF e a realização de atividades com cada direito representado. A fim de tornar as aulas mais dinâmicas, proporcionando diferentes momentos aos alunos, a professora os levou à sala de informática para jogarem o jogo *Direito das crianças*, no site *Escola Games*.

Para trabalhar os deveres das crianças, a professora Regina utilizou um fragmento de uma *história em quadrinhos*, de autoria de Maurício de Sousa, em que conti-

nam deveres das crianças e dos adolescentes. Os alunos deveriam, então, destacar os deveres presentes na história. Para complementar essa atividade, a professora solicitou aos alunos que escrevessem o nome de seis coisas, dos seres e dos personagens que aparecem nas cenas.

Também foi feita a leitura da biografia de Maurício de Sousa. No texto, todas as palavras estavam, propositadamente, escritas com letra minúscula, mesmo depois de pontuação final ou em nomes próprios. Os alunos corrigiram as palavras que deveriam iniciar com letra maiúscula, tais como Sousa, Petronilha, São Paulo e Mogi das Cruzes. Considerando que Maurício de Sousa trabalhou no *Jornal Folha da Manhã*, a professora solicitou aos alunos que fizessem duas frases com duplo sentido, usando as palavras *folha* e *manhã*.

A produção final foi realizada com base no poema *Sem Casa*, de Roseana Murray, seguindo as orientações propostas pela professora: transforme o poema *Sem Casa* numa *história em quadrinhos*; junte-se a um colega e produzam as falas



**Figura 4** - Adaptando o texto para história em quadrinhos  
Fonte: acervo pessoal da professora

dos personagens; combinem, entre si, quem ficará responsável pelo desenho do cenário da história, pelo desenho dos personagens e pela escrita dentro dos balões.

Como atividade final do projeto, os alunos fizeram a autoavaliação da sua *produção textual*.



**Figura 5** - História em quadrinhos elaborada pelos alunos com base no poema  
Fonte: acervo pessoal da professora

O desenvolvimento dessas atividades nos trouxe lições importantes. A compreensão de que as *histórias em quadrinhos* requerem esforço menor dos alunos e que, por isso, elas deveriam ser utilizadas para introduzir uma aula de leitura não pode se manter. A leitura de quadrinhos, como qualquer outra leitura, requer prática. Reconhecer os traços, as figuras, as formas dos balões, os sinais gráficos, o formato das letras, é algo que requer compreensão da estrutura dessas histórias.

A maioria dos alunos já teve contato com *histórias em quadrinhos*, visto que os gibis têm ampla circulação. Para a compreensão da história, é preciso levar em conta as expressões faciais, os pormenores do cenário, o formato dos balões. Ainda que o aluno possa desprezar a escrita para deter-se apenas às imagens, realizando uma leitura parcial, as *histórias*





**Figura 6** - História em quadrinhos elaborada pelos alunos com base no poema  
 Fonte: acervo pessoal da professora

em *quadrinhos* são constituídas por muitos detalhes e mesmo que a imagem tenha uma função secundária em relação à escrita, ainda assim ela é importante.

Durante a produção das histórias em quadrinhos, os alunos tiveram que usar a criatividade, interpretar e organizar ideias, juntando os aspectos visuais e os verbais presentes em cada quadrinho, orientados a não perder de vista nenhuma das linguagens que constituem os quadrinhos. Os alunos adquiriram novas habilidades leitoras e perceberam que, se por um lado a elaboração da imagem mobiliza certo esforço por parte do desenhista, cujo objetivo é o de orientar a compreensão do significado por ele pretendido, por outro lado, o leitor precisa questionar-se sobre o porquê das escolhas de tais elementos que se combinam na imagem.

Os alunos participaram ativamente de todo o processo. Gostaram bastante das leituras propostas e, também, de ler os quadrinhos produzidos pelos colegas. Foi bastante positivo perceber o interesse de-

les em escrever corretamente, atentando para a pontuação dos textos e escrita. Além do destaque para a leitura, as questões gramaticais e ortográficas foram consideradas em todo processo, sem que forçássemos o aprendizado, o qual se deu de forma natural. Os objetivos propostos foram alcançados e foi visível o capricho e a vontade de escreverem cada vez melhor, através dos trabalhos que realizaram.

O saldo positivo representa um incentivo para transformar as aulas em algo atrativo, tornando a aprendizagem prazerosa. É gratificante ouvir dos alunos: “professora, hoje a aula foi bem legal”. Para nós, o que proporciona o sucesso do trabalho entre professor e aluno é justamente esse desejo, essa vontade de se fazer o que se gosta. Existiram algumas falhas nesse percurso, como o pouco tempo disponível durante as aulas para se dedicar às atividades mais lúdicas, mas que não foi o suficiente para o comprometimento do projeto.

Cabe ressaltar que devemos diversificar os materiais utilizados em sala de au-

la, selecionar histórias que interessem aos alunos, proporcionando atividades mais desafiadoras e estimulantes. O aprendizado acontece não só por parte dos alunos, mas também por parte do professor, que procura melhorar sempre mais sua prática pedagógica, sanando suas falhas.

## REFERÊNCIAS

SOUSA, Maurício de. **A turma da Mônica em: O Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Editora Maurício de Sousa, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. O trabalho com gêneros textuais na sala de aula. Ano 2. Unidade 5. Brasília: MEC SEB, 2012<sup>a</sup>.

FUNDAÇÃO PROJETO TRAVAVESSIA. **Descolado - O ECA em quadrinhos**. São Paulo: Fundação Projeto Travessia – CMDCA. 3<sup>a</sup> edição, julho/2007.

MURRAY, Roseana. **Casas**. Belo Horizonte: Formato, 1994, p. 12.

O projeto *Diversidade na Escola* foi realizado em uma turma mista, formada por alunos do 1º, 2º e 4º anos do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Imigra, localizada no município de Presidente Castello Branco, em Santa Catarina. A *seqüência didática* fez parte dos estudos realizados pelos professores cursistas do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no ano de 2015.

Esse trabalho foi desenvolvido tendo como fio condutor o livro *Menina bonita do laço de fita*, de autoria de Ana Maria Machado. A professora da turma contou a história aos alunos em uma versão diferente, na qual a história era narrada pela menina bonita do laço de fita. Os alunos, em primeiro momento, conheceram o fantoche que representava a menina, analisando as características dessa personagem. Em seguida, ouviram a história contada pela menina bonita do laço de fita, atentos aos fatos relatados na história.



**Figura 1** - Ouvindo a história  
Fonte: acervo pessoal da professora

Depois de ouvir a história, as crianças destacaram seus personagens favoritos e o que lhes chamou mais atenção. A professora e os alunos analisaram a história, questionando o motivo de o coelho achar

a menina tão bonita e o porquê de ele ter feito as coisas que fez para poder ficar pretinho. Na roda de conversa, após os alunos debaterem sobre a diferença entre as raças e etnias, foram até o espelho, identificaram sua cor de pele e compararam suas cores entre si, destacando quais eram suas diferenças e semelhanças. Os alunos puderam perceber que existe uma diversidade muito grande entre as pessoas, mesmo entre aquelas que são parecidas, pois sempre há diferenças e elas devem ser respeitadas. A diversidade é o que torna nosso mundo tão bonito e diverso. Você já imaginou se todas as pessoas fossem iguais?

Os alunos compreenderam, também, que a história contada era uma conversa entre a menina e o coelho, o que chamamos de *diálogo*. Desse modo, a atividade proposta foi o registro de um *diálogo* baseado na história, utilizando a pontuação correta, com a ajuda da professora. Para que exercessem a oralidade, cada aluno apresentou seu texto aos demais colegas.

Para produzir um texto é necessário compreender sua estrutura básica, sua organização. Em um curso do PNAIC, recebemos uma sugestão de atividade, propondo disponibilizar aos alunos um texto fragmentado que deveria ser organizado, atendendo à seqüência dos fatos. Para desenvolver essa atividade, em sala de aula, foi necessário reler a história, a fim de que os alunos pudessem memorizar a seqüência dos acontecimentos. Em seguida, a professora distribuiu fragmentos da história pela sala, e os alunos deveriam procurar por esses fragmentos. Cada fragmento de texto

foi analisado de modo que os alunos pudessem encaixá-lo em outros fragmentos. O desafio era, então, colocar os parágrafos em ordem, para tanto, os alunos trabalharam em grupo, lendo e recordando-se dos fatos. A professora auxiliou os alunos orientando-os na seqüência dos acontecimentos: como se inicia a história; quem são os personagens; como eram; quem apareceu; o que disse; o que aconteceu; como terminou a história. A partir desses questionamentos, os alunos recordaram-se dos fatos e reconstruíram o texto.

Desse modo, os alunos compreenderam que, para se produzir um texto, são necessárias várias informações, sendo que os fatos devem acontecer em seqüência, a fim de haver coesão. Além disso, os alunos compreenderam, também, que o processo de reescrita é necessário, que uma história, até ficar pronta, pode ser corrigida muitas vezes.

Por meio dessas atividades, os alunos desenvolveram a leitura e a concentração, intensificaram a comunicação entre o grupo e desenvolveram a *análise linguística*. Para concluir, realizamos uma roda de conversa, com o intuito de proporcionar aos alunos um momento para exporem suas

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento. Professora na Escola Básica Municipal Imigra, em Presidente Castello Branco, Santa Catarina.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 4. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais e em Coordenação Pedagógica. Atua na Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, em Presidente Castello Branco, SC.

<sup>3</sup> Formador, Polo 4, em 2014 e 2015. Licenciado em Matemática e Especialista em Metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino. Atua na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Garopaba, em Santa Catarina; é professor da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, Catarina.

opiniões acerca da história, destacando o que haviam aprendido e qual o objetivo da história, e acerca da atividade proposta.



**Figura 2** - Corrigindo a produção textual  
Fonte: acervo pessoal da professora

Como parte integrante do projeto, os alunos analisaram as características físicas uns dos outros, identificando sua cor de pele, tipo e cor do cabelo, altura, cor dos olhos e o formato do rosto de cada um. Nesse processo, os alunos eram instigados a pensarem sobre alguns aspectos: por quais motivos eles tinham determinada cor de cabelo; se seus cabelos eram parecidos com os de outras pessoas e quem seriam essas pessoas; se alguém da sala tinha a cor dos olhos e a altura parecidas; se seria possível encontrarem pessoas iguais a eles; se haviam pessoas da família parecidas com eles; de quem herdaram suas características físicas; por que eram diferentes entre si. Discutindo sobre essa diversidade que nos permeia, a professora destacou pontos importantes que devem fazer parte dessa discussão, tais como o respeito, a amizade, a igualdade e os valores, ou-



**Figura 3** - Analisando os fragmentos do texto  
Fonte: acervo pessoal da professora

vinho a contribuição de cada aluno e seus relatos sobre esse tema.

Coube lembrar, então, aos alunos, o trecho da história no qual o coelho entende que nos parecemos com nossos parentes. Desse modo, os alunos registraram, em seus cadernos, uma lista contendo o nome de seus familiares mais próximos: o pai, a mãe, os irmãos e os avós. Em seguida, construíram uma árvore genealógica, analisando com qual(is) parente(s) eles mais se pareciam. Em casa, cada aluno deveria socializar sua árvore com os familiares, aproveitando esse momento para perguntar sobre sua descendência, sua cultura, sua etnia, sua crença e seus costumes de família, para, no dia seguinte, apresentar os resultados ao restante da turma.

Essa sequência foi realizada próximo ao Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro. Aproveitando a data, a professora abriu uma discussão com os alunos sobre a história desse dia e apresentou a música *Zumbi*, de Jorge Ben Jor, distribuindo a letra da música aos alunos para que pudessem acompanhar enquanto assistiam o *clip* da música. Discutiu-se o conteúdo da música, compreendendo a história dos negros trazidos da África para o Brasil, em tempos de escravidão. O diálogo possibilitou discussões acerca do racismo e do preconceito, não descurando do conteúdo da música a qual menciona a diferença social que perdura até os dias atuais. Aos alunos, foi solicitado que represen-



**Figura 4** - Dinâmica da teia  
Fonte: acervo pessoal da professora

tassem, em desenhos e frases, sua manifestação contra o preconceito destacando a importância de um dia tal qual o Dia Nacional da Consciência Negra.

A professora solicitou aos alunos que, na aula seguinte, trouxessem uma flor. No início da aula, os alunos apresentaram suas flores, mencionando o nome e a cor de cada uma. No momento da roda de conversa, observando as flores, os alunos deveriam pensar se haviam flores iguais na sala, se eram da mesma cor, mesmo tamanho. Ressaltou-se aos alunos que todas as plantas que estavam ali eram flores, independente de seu tamanho, de sua cor, de seu perfume, refletindo, assim, sobre a diversidade das flores que os alunos haviam levado e comparando, mais uma vez, com a diversidade humana.

Os alunos classificaram as flores por tamanho, cor e espécie. Cada aluno foi convidado a expor sua opinião sobre a reflexão feita anteriormente e muitos destacaram a importância de não sermos iguais.

Para finalizar esse projeto, foi proposta aos alunos a realização de uma dinâmica. Os alunos ficaram dispostos em círculo e a professora iniciou arremessando a um aluno um rolo de barbante, segurando a sua ponta. Cada aluno deveria arremessar o rolo a outro, até que se formasse uma teia. Todos ficaram presos por essa teia de barbante, enquanto eram convidados a pensar sobre o que poderia acontecer se os alunos soltassem a sua ponta, no que respon-



deram que a teia se desmancharia. Assim, coube, nesse momento, enfatizar o valor da união e da igualdade. Os alunos puderam compreender a necessidade de estarmos unidos, no dia-a-dia.

Destacar, na escola, a diversidade importa para a compreensão dos alunos de que vivemos numa sociedade plural culturalmente, em que o respeito a outras pessoas é um valor que deve se fazer presente em nosso meio, ser perpetuado. Importa observar as diferenças de cada um dentro de sala, refletindo sobre o respeito que se deve ter com os colegas no ambiente escolar e, naturalmente, ter essa empatia para além da escola.

Além disso, esses momentos de discussão despertou a curiosidade dos alunos para investigar suas origens, proporcionando momentos de diálogo em família, resgatando a história de seus antepassados, sua cultura e seus costumes. A socialização, em sala de aula, dessa pesquisa, fez os alunos perceberem diferenças e semelhanças entre suas famílias.

A dinâmica da teia, encerrando esse projeto, proporcionou mais um momento importante de reflexão, no qual puderam perceber que a diversidade cultural é inerente da sociedade, sendo ela o que enriquece o ambiente, através da união e da amizade.

Vale frisar que devemos sempre admirar a diferença do outro, assim como o coelho admirava a beleza da menina bonita do laço de fita, tão diferente dele; e, também, valorizar nossas próprias características, sem ter como ponto de chegada a superioridade, mas agindo de maneira igualitária e respeitosa.

## REFERÊNCIAS

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Coleção Barquinho de Papel. 7. Ed, São Paula. Ática. 2000.



O projeto foi realizado em uma turma de 1º ano, com 17 alunos, e de 2º ano, com 20 alunos, na Escola Reunida Municipal Judite Bernardina Aguiar, localizada no município de Barra Velha, Santa Catarina. A literatura foi o ponto de partida para despertar o encantamento e a magia, para vislumbrar o desconhecido que se desvela em cada encontro com as palavras. Assim, o projeto contou com o envolvimento da professora, das crianças, de outros educadores da escola e, também, da comunidade.

O projeto objetivou instigar e provocar os alunos no que concerne à *leitura*, sendo que, por meio da literatura, se estabeleceu a parceria entre a escola, a comunidade e os alunos, no sentido de resgatar saberes já produzidos nesses espaços e transformá-los em objetos.

Desse modo, o projeto foi organizado de forma que integrasse vários saberes em uma perspectiva interdisciplinar. Cabe enfatizar que

Uma abordagem interdisciplinar no tratamento da diversidade de temáticas relacionadas às diversas áreas do saber constitui, portanto, algo de extrema relevância e tal concepção propicia a concordância de que o tempo escolar não deve ser dividido por áreas de conhecimento. O desejo é a integração dessas diferentes áreas (BRASIL, 2012, p. 09).

Foi nesse cenário interativo que a ação interdisciplinar ganhou espaço na prática educativa, possibilitando diferentes estratégias de planejamento que favoreceram a integração de saberes à aprendizagem das crianças. Com o intuito de formar lei-

tores e motivar a fantasia, a imaginação e o encantamento, buscamos ousar na sala de aula e para além dela, traçando caminhos e espaços de diferentes aprendizagens para o processo de alfabetização.

Conforme apontam Neitzel e Oliani (2008, p. 8),

A arte requer apreciação e sensibilização estética. Se temos como objetivo favorecer o desenvolvimento estético das crianças é imprescindível oportunizar a exposição das crianças, com frequência, à arte. Escutar poesias ativa as percepções do leitor para com o texto literário, mas não só. Escutar poesias não implica apenas em desenvolver a criatividade ou ativar a “imaginação”, a subjetividade. A literatura promove, entre outras coisas, o desenvolvimento do pensamento lógico, a capacidade argumentativa, uma vez que, por meio dela o indivíduo desenvolve competências para analisar e comparar, selecionar e julgar, planejar e organizar, experimentar, produzir, concluir e tantas outras.

Nas atividades realizadas, o ato de ler e de ouvir histórias encantou as crianças, porque envolve sentimento de cada leitor e invade universos repletos de significação. Compreendemos que a criança é capaz de resguardar seu mundo de fantasia e a leitura é a janela que se abre para conhecer os infinitos mundos, dentro e fora de nós mesmos. É a possibilidade de ouvir, de sentir e ver, de usar a imaginação. É viajar sem sair do lugar, poder conhecer outros mundos, outras culturas, outros costumes. Sentir-se o personagem da história e poder sonhar. Nesse projeto, o encontro da literatura com a realidade trouxe novos frutos, novas sementes, novos leitores.

Para iniciar as atividades, os alunos foram levados ao campo de futebol, próximo à escola, onde havia um gramado e muitas árvores. Com os alunos sentados em círculo, a professora realizou a leitura do livro *Entre Nuvens*, de André Neves, e, em seguida, abriu uma discussão sobre o que significava a palavra *sonho*. Conversando sobre seus sonhos, os alunos deitaram no gramado para observar as nuvens. As crianças falavam: “Lá em cima alguma coisa existe... Deuses, fadas, anjos, até gente de verdade”



**Figura 1** - Após a leitura do livro, olhando o céu  
Fonte: acervo pessoal da professora

Na sala de aula, os alunos fizeram uma ilustração do que haviam imaginado, enquanto observavam as nuvens. As crianças trabalharam textura com esponja e tinta guache, no papel branco, retratando as nuvens. A professora ficou responsável por reproduzir a menina, personagem

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Professora na E. R. M. Judite Bernardina Aguiar, em Barra Velha, Santa Catarina.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudo, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

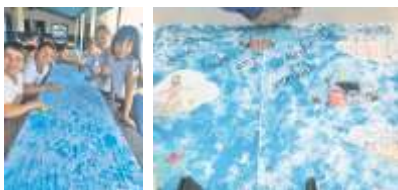
<sup>3</sup> Formadora, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Mestranda em Educação UFSC, na linha de pesquisa Educação e Infância.



**Figuras 2 e 3** - Leitura do livro  
Fonte: acervo pessoal da professora



principal da história, com pintura em papel Paraná – um papelão de alta gramatura e rigidez –, utilizando tinta de tecido. No painel com a textura, os alunos colaram as ilustrações que retratavam seus sonhos.



**Figuras 4 e 5** - O painel  
Fonte: acervo pessoal da professora

A professora levou à escola uma escada antiga de madeira que seu pai construiu quando jovem. Ela explicou às crianças que essa escada é um objeto histórico que retrata o trabalho de sua família no campo, e várias crianças afirmaram que, em suas casas, também havia objetos antigos. Juntos, lixaram a escada, confeccionaram alguns pássaros de papel e de tecido e co-



**Figura 6** - O painel  
Fonte: acervo pessoal da professora

laram nela, representando, assim, a escada da menina da história lida. A escada foi colocada no “livro gigante” que se tornou a sala de aula.



**Figura 7** - A escada  
Fonte: acervo pessoal da professora

Com o auxílio da professora de Artes, as crianças e a professora da turma trabalharam na confecção dos balões, fazendo uma releitura do balão presente na história, colando tecido e jornal em uma estru-



**Figuras 8 e 9** - Balão confeccionado pela turma  
Fonte: acervo pessoal da professora

tura de arame. Os balões, depois de prontos, foram pendurados na sala de aula. Para confeccionar as nuvens, os alunos fizeram colagem com fibra no isopor e também foram penduradas na sala.

Os alunos puderam levar o livro *Entre Nuvens* para suas casas, permanecendo um dia com cada aluno, a fim de lerem com a família. A professora propôs uma oficina chamada *Gotinhas de chuva*, na qual os alunos tiveram a oportunidade de confeccionar gotas de chuva, em dobradura 3D e colagem com tecidos, pendurando-as nas nuvens com fio de náilon, no forro da sala. Integrando as disciplinas, os alunos pesquisaram sobre a formação de nuvens, seus tipos e, também, o ciclo da água.



**Figuras 10 e 11** - Confeccionando as gotas de chuva  
Fonte: acervo pessoal da professora

Na disciplina de Artes, os alunos confeccionaram a cidade apresentada no livro. Com a professora dessa disciplina, desenharam os personagens e a cidade, em papel Paraná e com tinta tecido. A ci-



**Figura 12** - As gotas de chuva  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figuras 13, 14 e 15 - A cidade**

Fonte: acervo pessoal da professora

dade confeccionada pelos alunos foi exposta em nossa sala, de forma que, ao entrar na sala, tínhamos a impressão de que estávamos dentro do livro. Durante a montagem da cidade, a professora retomou o conteúdo sobre as formas geométricas, já estudadas na disciplina de Matemática.

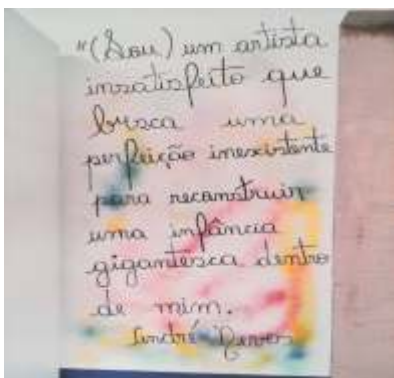
Em outro momento, os alunos escreveram, nas paredes da sala de aula, citações do autor e do ilustrador André Neves. Os alunos pesquisaram sobre sua biografia,



**Figuras 16 e 17 - Citações do autor**

Fonte: acervo pessoal da professora

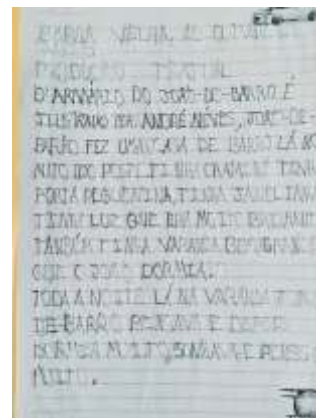
assistiram a vídeos com entrevistas e a professora apresentou fotos de uma exposição a qual ela foi, no município de Ribeirão Preto, intitulada *Tirando de Letras, André Neves em caminhos - Por aqui ou por ali ou acolá*.



**Figura 18 - Citações do autor**

Fonte: acervo pessoal da professora

As crianças puderam levar alguns livros do autor para casa. A professora solicitou que escrevessem sobre o livro que leram em casa. Cada aluno escreveu seu texto em um rascunho e a professora fez a correção com cada um deles, individualmente, para que as intervenções necessárias pudessem ser feitas e, também, para avaliar os avanços esperados em relação às produções textuais. Na sequência, os alunos puderam passar seus textos a limpo e ilustrá-los. Causou surpresa a escrita e as ilustrações das crianças. Foi uma experiência fantástica. Na escrita, os avanços foram ainda mais surpreendentes, porque ensinar a produzir texto é mais que ensinar a escrever.



**Figura 19 - Produção Textual**

Fonte: acervo pessoal da professora

A turma fez a leitura do livro *A caligrafia de dona Sofia*, de André Neves, e, em seguida, selecionaram alguns poemas desse livro. Cada aluno escolheu um poema, ficando responsável por lê-lo para o res-



**Figuras 20, 21 e 22 - Atividade do poema**

Fonte: acervo pessoal da professora



tante da turma. Os alunos digitaram seus poemas e fizeram ilustrações, utilizando os traços do autor.

Em diferentes momentos e espaços, a professora foi mediadora das leituras. Leituras foram feitas embaixo das árvores, nas quais os alunos penduraram os livros nos galhos com fios de náilon, sobre colchas de retalhos e muitas almofadas; na sala de aula; no parque; na escada da escola e até na praia. A experiência que os alunos tiveram, lendo na praia foi fantástica. Posteriormente, ainda na praia, os alunos realizaram uma brincadeira africana que aprenderam em suas pesquisas. Foi incrível!

Ao final, a professora organizou uma *Noite Literária*, com a participação do autor e ilustrador André Neves. A escola foi preparada para sua chegada, diversos professores, alunos, pais e pessoas da comunidade estavam presentes nesse momento. Em sala, os alunos tiveram a oficina de leitura com o livro *Entre Nuvens*. Da leitura, participaram a professora da sala, uma professora de outra turma, Rita, os alunos do 1º e 2º ano, e, no violão, um pai de aluno.



Figura 29 - Leitura e brincadeira na praia  
Fonte: acervo pessoal da professora

A história começou com a aluna Ana Clara declamando o poema *Falando de livros*, de Roseana Murray. Após esse momento, a professora da turma e a professora Rita começaram a leitura do livro, tendo a participação dos alunos em vários momentos. Para fechar, a turma cantou a música *A vida tem sol*, de Elizabeth Lacerda.

O autor se mostrou entusiasmado ao entrar na escola, pois o ambiente estava todo decorado com as releituras que os alu-

nos fizeram de suas obras, misturado com nossa cultura do campo. Os alunos também criaram obras próprias, com objetos antigos que foram trazidos por alguns agricultores e com sementes penduradas em 3D confeccionado com papel e tecido, representando o trabalho do homem do campo. Fizeram pêndulos de flores confeccionadas com jornal, pendurados com fio de náilon; pintaram alguns regadores e colocaram gotinhas de água penduradas no pátio, simbolizando a horta e o jardim. Um agricultor levou um pé de bananeira, com um cacho de bananas bem grande, que foi colocado na entrada, junto com a faixa que destacava o projeto desenvolvido. Outros agricultores levaram alguns balaies utilizados para carregar mandioca nos engenhos de farinha. Os objetos expostos representam nossa identidade e nosso modo de vida. Buscamos entrelaçar os fios da identidade da população do campo, recriando as possibilidades de fazer da nossa escola um espaço de apropriação do conhecimento, tendo como fio condutor a literatura.

Após a oficina, as pessoas foram convidadas para a contação da história do livro *Obax*, também de André Neves, no pátio



Figuras 23, 24, 25, 26, 27 e 28 - Leituras em lugares outros  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 30** - Recepção do autor do livro  
Fonte: acervo pessoal da professora

da escola. A história foi iniciada com a música *Oro mimá*, resgatando a cultura afro-brasileira. Essa canção foi ensaiada com as crianças, em sala, utilizando instrumentos musicais, tais como atabaque, pandeiro e berimbau.

A professora da turma e a professora Rosemir, gestora da escola, iniciaram a leitura do livro. Durante a leitura, era visível o encantamento das crianças, dos pais e, principalmente, do autor, que estava vendo uma de suas criações sendo apresentada com tanta criatividade e fantasia.

Para finalizar a história, os alunos fizeram uma roda de capoeira, com a participação do professor Fábio e de sua equipe. No atabaque, estava o professor de música, Rodrigo. A música da roda foi animada por todos, professores e alunos que participaram da roda, e alunos do 4º e 5º anos que jogaram capoeira. As cantigas usadas na roda foram trabalhadas em sala, com o professor Fábio e a professora de Educação Física, Flávia. Esses professores trabalharam a história afro-brasileira, os instrumentos e movimentos.



**Figura 31** - Recepção do autor do livro  
Fonte: acervo pessoal da professora

No final da apresentação do livro, o autor e ilustrador, André Neves, foi apresentado a todos. Alguns visitantes foram surpreendidos com sua presença. Ele deu uma palestra, falou do seu trabalho de ilustrar e de criar histórias que mexem com a imaginação de crianças e adultos, destacando que seu público-alvo são as crianças. Além disso, foi um mediador de leitura, lendo dois livros para os espectadores.

Vale destacar que esse trabalho foi além dos muros da escola, pois a turma, com tudo o que produziu nesse projeto, participou de um grande evento do município, o *Porto Literário*, uma festa do livro. A turma levou os trabalhos realizados, a fim de serem expostos em um estande no local do evento. Durante o evento, mais de 3 mil pessoas passaram no estande. No evento, foi feita a contação da história do livro *Obax*, a mesma apresentação da *Noite Literária*.

A inserção do projeto literário no campo mudou a rotina das crianças da escola, levando às atividades escolares e ao espaço da sala de aula, muitas vezes considerado tedioso, a ludicidade, a pesquisa, a vivência, a interatividade entre as crianças, aguçando, assim, o processo de aprendizagem e o gosto pela leitura.

Podemos afirmar que não existe receita para que aconteça uma mudança significativa no universo escolar, mas é certo que o primeiro passo já foi dado. Essas crianças que tiveram a oportunidade de vivenciar as atividades propostas se apropriaram da fantasia, de algo que fez com que elas entrassem em contato com seus universos pessoais, percebendo a si mesmos. O contato com a literatura e a convivência com a música redimensionou toda a ação educativa na escola, estimulando as crianças no sentido de propor novas possibili-

dades de olhar para si e para o outro, pois a literatura é compartilhar e trocar saberes, é alegria e encantamento.

O trabalho interdisciplinar, o diálogo e os saberes romperam fronteiras e promoveram uma aprendizagem significativa, despertando a curiosidade nos diferentes campos do conhecimento. Um dos pontos positivos nesse trabalho foi a articulação com as diversas disciplinas, demonstrando um movimento integrador em torno das práticas interdisciplinares, em que o foco não ficou somente na área de Língua Portuguesa, mas gerando, assim, um diálogo com diversas áreas do conhecimento, tais como as Ciências Humanas, a História, a Geografia, a Matemática, as Artes e a Educação física.

Como observado no relato, o projeto criou a possibilidade de atividades que puderam ser integradas e desenvolvidas, na escola, na interdisciplinaridade, apresentando-se como um caminho promissor no processo de alfabetização e do letramento.

Portanto, esse projeto de leitura com as turmas de alfabetização rompeu com as práticas cristalizadas que, ainda, permanecem no chão das escolas, defendidas por muitos alfabetizadores, em que, muitas vezes, a criança não lê por prazer. A escola deve ser um ambiente onde há inúmeras razões para ler e escrever, porque ler é alimentar-se de vivências!

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** planejando a alfabetização; integrando diferentes áreas do conhecimento; projetos didáticos e sequências didáticas. Ano 01, Unidade 06. Brasília: MEC, SEB, 2012.

IGUAPE, Bantos. **Oro mimá.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tsl2-ioQQA4>.

LACERDA, Elizabete. **A vida tem Sol.** Música espiritual infantil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oqn0Xwk13PA>.

MURRAY, Roseana. **Poemas e comidinhas.** Editora: Paulus, 2008.

NEITZEL, Adair de Aguiar; OLIANI, Rita de Cássia. **Literatura como fenômeno estético.** Itajai: ANPED SUL, 2008.

NEVES, André. **A Caligrafia de Dona Sofia.** Editora: Paulinas, 2011.

NEVES, André. **Entre Nuvens.** Editora: Brinque Book, 2012.

NEVES, André. **OBAX.** Editora: Brinque Book, 2010.



## EDUCAÇÃO NO TRÂNSITO É FUNDAMENTAL PARA A PRESERVAÇÃO DA VIDA

Marlene Neiss Jungblut<sup>1</sup>  
Teresinha Staub<sup>2</sup>  
Maira Gledi Freitas Kelling Machado<sup>3</sup>

O presente relato busca apresentar a *seqüência didática* desenvolvida a partir da história *O trânsito no mundinho*, de Ingrid Biesemeyer Belinghausen (2008), desenvolvida no ano de 2013 pela professora alfabetizadora Marlene Neiss Jungblut em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, na escola Centro Educacional Cristo Rei, município de São João do Oeste (SC). Essa turma era formada por sete crianças com idades entre seis e sete anos.

O tema trabalhado foi “educação no trânsito” e os objetivos principais em relação a esse tema foram explicar e conscientizar os alunos acerca dos cuidados que devemos ter no trânsito e da importância dos meios de transporte para facilitar nossas vidas e a de outras pessoas na cotidianidade. Primeiramente, os alunos foram questionados acerca do que sabiam sobre o trânsito e quem faz parte dele. Em seguida, sentados em roda no Cantinho da Leitura, iniciamos a leitura do livro *O trânsito no mundinho* (BELINGHAUSEN, 2008), que faz parte do acervo das Obras Complementares 2010-2011-2012.

Os comentários da turma a partir da



**Figura 1** - Contação da história  
Fonte: acervo pessoal da professora

história giraram em torno de: em que momentos usamos os meios de transporte, o que fez o trânsito ficar complicado e quais as leis que foram criadas para melhorar o trânsito. Cada aluno escreveu em seu caderno de atividades três atitudes que se deve ter ao transitar. Também foram incluídos no debate o estudo sobre os meios de transporte, tipos de meios de transporte e sua utilidade. Após isso, foi entregue aos alunos o poema “Barquinho”, de Gilda Figueiredo Padilha, realizada uma leitura individual e depois coletiva. Posteriormente, desenvolvemos uma interpretação oral sobre o seu conteúdo e, na seqüência, cada aluno fez uma lista dos meios de transporte que já usou ou que conhece, realizando em grupo a sua classificação (terrestre, aquático ou aéreo).



**Figura 2** - Poesia  
Fonte: acervo pessoal da professora

Para os alunos terem uma melhor compreensão do que é certo e errado no trânsito, jogamos o jogo educativo Grande Prêmio de Trânsito. Para desenvolver esse jogo são necessários um tabuleiro, dois carrinhos plásticos e um dado. Inicialmente, explicamos para os alunos as regras e o regulamento do jogo que constavam no próprio tabuleiro. Para iniciar, ca-

da jogador joga o dado uma vez e aquele que obtiver o maior valor, escolherá seu carrinho e dará início ao jogo, com um novo arremesso de dado. Após a primeira jogada, todas as seguintes terão início com o arremesso de dado por um dos jogadores, sendo que o carrinho percorrerá o número de casas correspondentes ao valor obtido, desprezando-se a casa em que se encontra. Os jogadores poderão ultrapassar a linha de chegada quando o valor obtido com o arremesso for exatamente igual ao número de casas correspondentes à chegada. Se for superior, o carrinho retornará o número de casas correspondente à sobra. O jogador campeão definirá uma situação de trânsito, para que o jogador perdedor a encene de forma correta.

Durante a realização do jogo foram sendo feitas algumas reflexões acerca da necessidade de se respeitar as sinalizações de trânsito. À medida que o jogo ia acontecendo, tecemos comentários propositivos com base nas situações que apareceram. Após o jogo, propusemos uma atividade baseada nas reflexões e comentários que surgiram durante a brincadeira, e então cada aluno recebeu uma folha xerografada com várias questões relacionadas ao tema desta *seqüência didática* para serem respondidas com a marcação de “ver-

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora Efetiva da Rede Pública Municipal de São João do Oeste.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora Efetiva da Rede Pública Municipal de São João do Oeste.

<sup>3</sup> Formadora, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).

MARQUE UM X NA OPÇÃO VERDADEIRA, SE A QUESTÃO FOR CERTA E SE A QUESTÃO ESTIVER ERRADA, MARQUE UM X NA OPÇÃO FALSA.

1. MENORES DE 10 ANOS DEVERÃO SER TRANSPORTADOS NOS BANCOS TRASEIROS DOS VEÍCULOS, EXCETO NAQUELES QUE NÃO TÊM BANCO TRASEIRO.  
( ) VERDADEIRO ( ) FALSO
2. MENORES NÃO PRECISAM USAR CINTO DE SEGURANÇA QUANDO TRANSPORTADOS NOS BANCOS TRASEIROS DOS VEÍCULOS.  
( ) VERDADEIRO ( ) FALSO
3. EM FRENTE DE SUAS CASAS AS CRIANÇAS PODEM BRINCAR NA RUA.  
( ) VERDADEIRO ( ) FALSO
4. ONDE NÃO HOUVER FAIXA DE PEDESTRE DEVERÁ ATRAVESSAR A RUA CORRENDO.  
( ) VERDADEIRO ( ) FALSO
5. CRIANÇA MENOR DE SETE ANOS NÃO PODERÁ SER TRANSPORTADA EM MOTO.  
( ) VERDADEIRO ( ) FALSO
6. O CICLISTA DEVE PARA QUANDO CHEGAR NAS ESQUINAS, ASSIM COMO OS CARROS?  
( ) VERDADEIRO ( ) FALSO

Figura 3 - Atividade sobre o tema

Fonte: acervo pessoal da professora

dadeiro” ou “falso”. Primeiramente, a professora leu para a turma as questões, depois cada aluno leu-as individualmente marcando as respostas, e por último foi feita a correção.

Situações-problema envolvendo adição e subtração também foram prestigiadas; utilizamos situações que envolviam meios de transporte (corrida de bicicletas, revenda de carros e outros), como conta na Figura 4, a seguir.

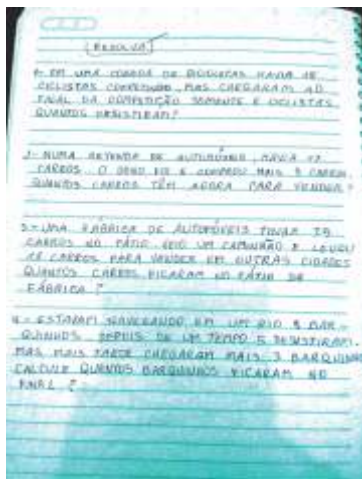


Figura 4 - Situações-problema

Fonte: acervo pessoal da professora

Para verificar a compreensão que os alunos têm sobre infrações que acontecem no trânsito, foi projetada a história *Mão e contramão: a aventura do trânsito*, de Liliana Iacocca e Michele Iacocca (2012), que compõe o acervo das Obras Complementares 2013-2014-2015, do 2º ano. Os alunos foram observando as cenas nas páginas e retratando as infrações que os pedestres e veículos foram cometendo. Dependendo da infração, eles não identificavam imediatamente, então a professora foi dando algumas pistas, observando novamente, e assim conseguiam descobrir os erros que estavam sendo cometidos. Ficou claro que, por meio da observação feita em conjunto para descobrir as infrações, a turma compreendeu mais e melhor, através dos desenhos, o que é uma infração de trânsito.



Figura 5 - Livro de Literatura

Fonte: Iacocca (2012)

Depois de ter trabalhado o tema *trânsito*, podemos afirmar que o trabalho foi proveitoso, pois contribuiu muito para o aprendizado dos alunos. Eles começaram a tomar mais cuidado no trânsito, na hora de embarcar no ônibus, por exemplo; e foi importante principalmente para os que se deslocam a pé para a escola, precisando atravessar a rodovia. Após o estudo, as crianças começaram a ter mais noção dos perigos envolvidos quando se está perto

de rodovias, e também na hora que embarcar no transporte escolar.

Durante as atividades, um fato curioso aconteceu: um aluno comentou que ao andar de carro com seu pai, quando ia vestir o cinto de segurança, seu pai disse-lhe que não era necessário, pois a distância a percorrer seria mínima, e mesmo assim o aluno usou o cinto, pois sabia que a necessidade do uso não era por conta da fiscalização policial, mas sim pela segurança. Outras crianças relataram que deixaram de pedir aos seus pais para sentarem no banco dianteiro do carro, pois entenderam que ainda não possuem idade para ocupar esse espaço. Considerando a opinião dos alunos no início e posteriormente ao trabalho realizado, pudemos notar que todos estão mais conscientes e seguros sobre os perigos e cuidados envolvidos no trânsito, no que se refere a pedestres, ciclistas, motoristas ou passageiros.

Este trabalho parte da premissa de que a mudança ocorre de forma eficaz por meio da educação, pois é possível transformar a cultura e a forma como as pessoas veem, por exemplo, o trânsito. Segundo Siqueira (2007, p. 251), “[...] educar é mais que mudar comportamento, é transformar a mentalidade, formar personalidade, ampliar e desenvolver a inteligência”, portanto esperamos que as pessoas se conscientizem da importância do respeito às leis do trânsito, que foram criadas para a proteção da vida de quem o utiliza.

Acreditamos que a educação para o trânsito deve se dar desde a educação básica de nossas crianças e adolescentes, uma vez que, quanto mais cedo se aprende, melhor se desenvolve a educação e a cultura. Afinal, é muito mais fácil educar e mudar os hábitos de uma criança do que de um adulto. Se ensinarmos uma criança a não jogar lixo no chão, ela aprende e leva isso para o resto da vida, diferentemente de



quando tentamos fazer o mesmo com um adulto que já tem o hábito de jogar lixo no chão – é muito mais difícil mudá-lo.

Para finalizar, destacamos que uma das contribuições do trabalho aqui relatado foi a articulação das diferentes áreas do conhecimento, fato que possibilitou desenvolver nas crianças habilidades e conceitos diversificados, permitindo que a alfabetização acontecesse na perspectiva do letramento. Cabe destacar, também, que todas essas aprendizagens se deram em situações significativas, nas quais as crianças puderam falar, escrever, escutar, calcular, jogar, interpretar e ler em situações reais de interação.

## REFERÊNCIAS

BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **O trânsito no mundinho**. Ilustrações da autora. 2. ed. São Paulo: DCL, 2008.

BRASIL. **Código Nacional de Trânsito**, Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, Brasília, Casa Civil, 1997. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9503.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9503.htm)>. Acesso em: nov. 2016.

IACOCCA, Liliana. **Mão e contramão**: a aventura do trânsito. Ilustrações de Michele Iacocca. São Paulo: Anglo, 2011.

SIQUEIRA, Vera Lúcia de. Educação sem Educação. **Educativa**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 249-252, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ucg.br>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

A atividade que relataremos a seguir foi realizada na Unidade Escolar Grupo Escolar Municipal Reinaldo Kruger, e estiveram nela envolvidos 24 alunos com idade entre seis e sete anos, do primeiro ano do Ensino Fundamental, do Município de Canoinhas, Santa Catarina. O trabalho desenvolvido surgiu com base nos conceitos estudados durante a formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e visou a alfabetização e a aprendizagem dos alunos desenvolvida de uma forma lúdica.

Logo após as férias de julho, em 2015, diagnosticamos que os alunos ainda apresentavam dificuldades no processo de alfabetização e de aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Além disso, não tinham muito conhecimento sobre rimas. Diante das dificuldades notadas, no decorrer da alfabetização, com relação à apropriação do SEA, pudemos, a partir do curso do PNAIC e do trabalho com as *seqüências didáticas*, compreender que buscar meios de alfabetizar de forma lúdica, focando o tema das rimas, poderia auxiliar na alfabetização da maioria das crianças – com ou sem problemas na aprendizagem.

Além disso, compreendemos ser de grande importância atentar para os conhecimentos prévios dos alunos, é preciso reconhecer que eles já vêm de casa com uma grande bagagem de conhecimentos, o que facilita a alfabetização. Sendo assim, e de acordo com as dificuldades encontradas nessa turma relativamente ao tema das rimas, buscamos maneiras diversas de facilitar a aprendizagem.

O presente trabalho traz como objetivo principal a busca pela alfabetização e pela aprendizagem nos eixos *leitura, compreensão do texto, oralidade e produção textual*, que acontece em todo o processo de ensino por meio das articulações da linguagem escrita. É preciso estimular a criança a perceber a relação que há entre fonema e grafema, e é possível fazer isso aplicando estratégias lúdicas, seja através das poesias, das rimas ou das brincadeiras, de modo que a criança se familiarize com o SEA.

Quando se trata de alfabetizar, é preciso despertar o interesse da criança, a necessidade de ouvir, de ver, compreender as atividades e situações diferentes; despertar o fascínio pelas descobertas, pelo novo, pelo concreto. Isso torna prazeroso o processo de aprendizagem na alfabetização, além de fácil e dinâmico. A *Seqüência Didática* nada mais é que uma seqüência de atividades dispostas em momentos que envolvem os alunos de forma prazerosa, lúdica e criativa, com objetivo de verificar a aprendizagem adquirida pelos educandos através da alfabetização.

Como primeiro passo desta *seqüência*, perguntamos aos alunos: “O que é Rima?”, “Alguém sabe o que é rima?”. Após esses e outros questionamentos, fomos expondo e colando no quadro-negro algumas palavras escritas, uma rimando com a outra, cada palavra com uma imagem, e fomos lendo em conjunto. Em um segundo momento, propusemos o registro coletivo das palavras no caderno de linguagem. Como tarefa de casa, eles deveriam

am levar no dia seguinte a rima que combinasse com seu nome.



Figura 1 - Quadro negro da sala de aula  
Fonte: acervo pessoal da professora

No dia seguinte, o próximo passo dentro da *seqüência didática* foi registrar no quadro-negro todos os nomes dos alunos com a rima que cada um trouxe – os pais participaram, auxiliando-os em casa. Em seguida, em uma folha A4, cada aluno inseriu nome e rima, ilustramos e montamos em conjunto o *Caderno de Rimass*, com foco na ordem alfabética (Figura 2).



Figura 2 - Caderno de Rimass confeccionado  
Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil, Anos Iniciais. Professora no Grupo Escolar Municipal Reinaldo Kruger, em Canoinhas (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos e Pedagogia, Polo 2. Licenciada em Pedagogia, Séries Iniciais e Educação Infantil, e Especialista em Psicopedagogia. Atua no Grupo Escolar Municipal Ney Pacheco de Miranda Lima, em Canoinhas, e faz parte do grupo da formadora Amanda Machado Chraim.

O quarto passo da sequência foi trabalhar a cantiga de roda popular “A cobra”, de forma prazerosa e lúdica. No primeiro momento, assistimos ao vídeo “A cobra”, em seguida as crianças fizeram o registro da cantiga popular no caderno de linguagem, trabalhando oralidade, leitura, escrita, produção textual e identificando a rima em cada verso do poema. Identificamos também o animal, a cobra, aproveitando para classificar suas características: se era um réptil, animal terrestre, selvagem, doméstico, se era um animal que possuía vértebras ou não, etc. A partir da palavra “cobra”, foi trabalhada a família silábica complexa, no âmbito do SEA, tendo como base os trabalhos desenvolvidos no PNAIC.



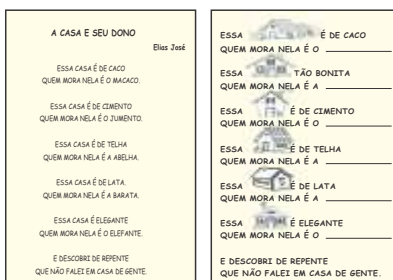
**Figura 3** - Crianças na sala de aula  
Fonte: acervo pessoal da professora

No quinto momento da *sequência didática*, fizemos a leitura deleite do poema “Macaco”, de Ruth Rocha, presente no livro *Letramento e Alfabetização* (BORGATTO, 2011, p. 145), identificando coletivamente as rimas, circulando e colo-



**Figura 4** - Capa do livro utilizado  
Fonte: acervo pessoal da professora

rindo cada rima com uma cor. Após isso, foi realizado um momento de leitura. Os alunos na idade de alfabetização, e principalmente os do 1º ano, adoram esse momento, que é quando se sentam em suas almofadas na sala de aula e colocamos um boneco na porta da sala com o aviso de que está havendo a leitura de história, para não haver interrupções. A leitura é realizada pela professora vagarosamente, para que os alunos possam identificar a rima de cada página lida do livro. A cada página mostrada, os alunos vão soltando a imaginação com a leitura, e depois o livro é passado entre eles para que possam ma-



**Figura 5** - Atividade impressa utilizada  
Fonte: Linguagens e Afins (2015)



**Figura 6** - Carta enigmática  
Fonte: Acervo pessoal da professora



**Figura 7** - Carta enigmática  
Fonte: Acervo pessoal da professora

nuseá-lo. Para essa leitura literária, o livro utilizado foi *O menino que descobriu palavras* (SANTOS, 2010).

Como sexto momento da *sequência didática*, realizamos a leitura deleite de “A casa e seu dono” (ELIAS, 1984), um poema muito conhecido. Gostamos de trabalhar esse poema, pois traz as rimas bem em destaque, o que facilita o aprendizado da criança e a memorização das rimas e frases. Em duplas, através de uma atividade impressa em forma de frases enigmáticas, fomos identificando a rima e registrando cada uma delas. Em seguida, recortamos cada frase, reescrevemos as frases em cada cartolina A4 e montamos um caderno de rimas.

O sétimo momento da *sequência didática* contou com a leitura deleite do poema “A casa”, que também é muito utilizado na alfabetização como cantiga de roda, pois auxilia na memorização e na aprendizagem das crianças no que diz respeito ao SEA, com destaque para as relações entre grafemas e fonemas.

Como oitavo momento, apresentamos



**Figura 8** - Registro do poema “A casa”, de Vinícius de Moraes  
Fonte: Acervo pessoal da professora

esta *sequência didática* no encontro do curso do PNAIC, ocasião em que cada professor foi lançado à tarefa de apresentar uma sequência didática ou projeto. Com a apresentação, as colegas de trabalho do 1º ano ficaram encantadas com essa experiência feita com as rimas e tiveram a brilhante ideia de registrar no fim do caderno de rimas um recadinho para a turma. Cada professora colocou seu nome, identificando-se, e também encarou o desafio de achar uma rima para seu nome (Figura 9). No dia seguinte, na sala de aula, relatei aos alunos o acontecido e eles adoraram a ideia, e gostaram principalmente da rima da professora Alcione: “Falem suas rimas no microfone”.



**Figura 9** - Rimas das colegas de trabalho  
Fonte: acervo pessoal da professora

Com essa repercussão do trabalho, demos continuidade à sequência didática trabalhando com os filmes *A abelha Maya: a Bela Adormecida* e *Zumzum: a colmeia feliz*.



**Figura 10** - Crianças na sala de vídeo  
Fonte: acervo pessoal da professora

Depois de assistir aos filmes, retornamos à sala de aula e, como leitura deleite, fomos ao texto “As abelhas”, de Vinicius de Moraes. Identificamos as palavras grifadas do poema no caça-palavras, regis-



**Figura 11** - Mascote e caderno de registro  
Fonte: acervo pessoal da professora

tramos no caderno de linguagem e propusemos aos alunos termos uma mascote da turma do primeiro ano: uma abelha (Figura 11). Então, realizamos o desafio de encontrar um nome para a mascote, que era uma abelha de pelúcia. Por meio de uma votação, a escolha foi pelo nome Abelhita, e ficou decidido que a cada semana a professora faria o sorteio de um aluno que a levaria para casa e cuidaria dela como se fosse membro da família por um dia. Além disso, cada aluno deveria contar como foi o dia em casa com Abelhita, escrevendo no caderno de registro. Os alunos ficavam ansiosos semana após semana.

No décimo momento da sequência, utilizamos como pré-texto o poema “A foca” (Figura 12), também de Vinicius de



**Figura 12** - Atividade impressa utilizada  
Fonte: Atividades de Colorir (2016)

Moraes. Realizamos a leitura oral, colorindo depois e circulando as rimas que se destacavam no poema; em seguida, de maneira lúdica, apresentamos o poema em forma de “texto fatiado”, de modo que a professora realizava a leitura de cada verso, os alunos identificavam-no em sua carteira e faziam a colagem no caderno. Essa atividade de recorte e colagem favorece a coordenação motora das crianças.



**Figura 13** - Atividade de recorte e colagem  
Fonte: acervo pessoal da professora

Para finalizar a *sequência didática*, alguns alunos decoraram o poema “A foca” e recitaram-no na apresentação final de fechamento de curso do PNAIC 2015, juntamente com a professora. Desenvolvida ao longo de oito semanas, a *sequência didática* foi uma forma de trabalho diário e contínuo, envolveu a apropriação do SEA, a socialização em conjunto através de cantigas e vídeos. Na fase da alfabetização, essas atividades favorecem a interação sociocultural, contribuem para desenvolvimento cognitivo da criança, fazendo aflorar a criatividade, facilitando a aprendizagem na leitura, na oralidade e na produção escrita. Contemplam, portanto, a abordagem de alguns dos *direitos de aprendizagem* preconizados para o 1º ano do Ensino Fundamental.

A *sequência didática* favorece, através das atividades desenvolvidas em sala de aula, o avanço do alfabetizando de forma lúdica e prazerosa, aguça a cada dia que passa o interesse do educando em apren-

der mais, conhecer mais o mundo da alfabetização, tanto na leitura quanto na escrita, na oralidade e na produção de texto. A *sequência* aqui apresentada foi trabalhada não só no 1º ano do Ensino Fundamental, como também em outra turma em que a professora leciona, e foi possível identificar avanço, ao longo de um ano, na aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. É gratificante perceber que é possível conseguir alfabetizar, em um ano, esses pequenos anjos através da ludicidade, de brincadeiras e atividades afins.

## REFERÊNCIAS

ATIVIDADES PARA COLORIR. **A foca:** atividades para imprimir. Projeto Arca de Noé. Disponível em: <<http://atividadescolorir10.blogspot.com.br/2014/10/a-foca-atividades-para-imprimir-projeto.html>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi et al. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Ática, 2011.

FERNANDES, Edna Lucia. **Sequência Didática: A casa e seu dono**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/ednalucialopesfernandes/sequencia-didtica-a-casa-e-seu-dono-1>>. Acesso em: 20 set. 2015.

LINGUAGENS E AFINS. **A casa feia**. Disponível em: <<https://linguagemeafins.blogspot.com.br/2012/11/a-casa-feiacada-um-mora-onde-pode.html>>. Acesso em: 20 set. 2015.

SILVEIRA, Everaldo et al. (Org.). **Alfabetização de crianças de 6 a 8 anos:** relatos de experiências docentes. Vol. II. Florianópolis: UFSC/CEDNUP, 2016.

SANTOS, Cineas. **O menino que descobriu palavras**. Ilustrações Gabriel Archanjo. 12. ed. São Paulo: Ática, 2010.



## CADÊ O DOCINHO QUE ESTAVA AQUI?

Cíntia Franz<sup>1</sup>  
Jucilene Nievinski Pasini<sup>2</sup>  
Marli Inês Jesuir Bernardi<sup>3</sup>

Esta proposta de atividade foi desenvolvida pela professora Jucilene Nievinski Pasini em uma turma de 2º ano que contempla 34 alunos com idade entre seis e oito anos, do Centro Municipal de Ensino Fundamental Professor João Revers, pertencente à Rede Pública Municipal de Ensino de Belmonte (SC). Essa escola tem ao todo 186 alunos e atende turmas do 1º ao 5º ano.

Este trabalho teve início com a leitura da obra *Cadê o docinho que estava aqui?*, escrito por Maria Ângela Resende, que compõe o acervo de literatura e jogos pedagógicos do MEC.



Figura 1 - Capa do livro utilizado pela professora  
Fonte: Resende (2008)

A escolha do livro se deu pelo fato de ser uma obra agradável de se ler, divertida e fascinante, levando a criança a imaginar lugares fantásticos, onde tudo é possível de acontecer. Por ser um livro que emprega no título uma interrogação, leva a criança a dar asas à imaginação, faz com que ela pense sobre a pergunta e seja criativa, possibilitando a criação de histórias orais e escritas. Além disso, essa interrogação possibilitou aos alunos a reflexão sobre

em que momentos, no texto, é utilizado esse sinal de pontuação, o que contempla o eixo de *análise linguística* da Língua Portuguesa.

O objetivo inicial da leitura desse livro foi mobilizar conhecimentos prévios, explorando a capa do livro e suas informações, imaginando as personagens que compõem a história, de modo a perceber as expressões empregadas no texto. Após essa dinâmica, foi a vez de fazer a releitura com a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?”, na qual o texto dialoga com as perguntas e respostas que conduzem à brincadeira proposta.

Trata-se de uma *sequência didática* que visa levar o aluno a refletir sobre a função social da escrita, bem como promover a interação dos alunos por meio de um gênero, no caso, a receita. Segundo Brasil (2012, p. 27), essa é uma ação desafiadora que se estabelece em:

um trabalho pedagógico organizado de forma sequencial, estruturado pelo professor para um determinado tempo, trabalhando-se com conteúdos relacionados a um mesmo tema, a um gênero textual específico, uma brincadeira ou uma forma de expressão artística.

Com base nesse entendimento, inicia-se a aplicação da sequência de atividades desenvolvidas, que se deu da seguinte forma: foram 14 aulas que se estabeleceram desde a escolha do livro no acervo e do gênero a ser desenvolvido, na busca de articular a esse planejamento o lado lúdico da alfabetização. Preconizamos um ensino de base sociointeracionista, que influencia bastante o pensamento atual so-

bre o papel da participação dos sujeitos e da ludicidade, a partir da ideia defendida por Leontiev (1988) de que na infância a atividade principal da criança é a brincadeira e que, com base nela, a criança aprende a interagir e compreender o mundo (BRASIL, 2012, p. 14).

Para iniciarmos o trabalho, no primeiro momento relembramos e brincamos com a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?”. A professora questionou os alunos sobre quem se lembrava da parlenda, que já haviam estudado em momento anterior do ano letivo. No segundo momento, a professora fez suspense, disse aos alunos que teria uma surpresa em sua mesa, sobre a qual constava uma bandeja com forminhas e um pano de prato. A professora dirigiu-se até a mesa, ergueu o pano de prato e perguntou: “Cadê o docinho que estava aqui?”.

Com o questionamento, os alunos foram levantando hipóteses, o que comprovou que, quando incentivados, são muito criativos. Com as possibilidades consideradas, as crianças criaram respostas, e a professora deixou-as procurar, de modo que se envolvessem cada vez mais com a proposta.

Quando o grupo estava curioso para desvendar o sumiço dos doces e os alunos

<sup>1</sup> Formadora, Polo 3. Licenciada em Letras, Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares e Mestranda do PROFLETRAS da UFSC. Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Rio do Sul (SC).

<sup>2</sup> Professora Alfabetizadora do 2º ano do Centro Municipal do Ensino Fundamental Professor João Revers, em Belmonte (SC).

<sup>3</sup> Orientadora de Estudos. Pedagoga do Município de Belmonte (SC).



**Figura 2** - Alunos procurando o docinho

Fonte: acervo pessoal da professora

voltaram para a sala sem conseguir localizá-los, a professora os acalmou, posicionou-os em um semicírculo, pegou o livro que estava embaixo da bandeja e iniciou a leitura para a turma, explorando as ilustrações e demais informações da capa, que serviriam para auxiliar na compreensão total da história.

No terceiro momento, ao final da leitura, a professora perguntou se alguém havia conseguido descobrir quem pegou o docinho. Pediu para que os alunos, individualmente, ilustrassem onde estaria o docinho e que descrevessem o lugar em que ele estava. No quarto momento, com o auxílio das professoras, os alunos foram levados a compreender a transformação da frase oriunda da Parlenda original “Cadê o toucinho que estava aqui?” para “Cadê o docinho que estava aqui?”.



**Figura 3** - Alunos na roda de leitura

Fonte: acervo pessoal da professora



Explicaram que essa é uma característica do *folclore*, em que as pessoas modificam o que escutam e passam de geração em geração, justamente por se tratar de um gênero da tradição oral.

No quinto momento, uma vez que as crianças estavam falando de docinhos e ansiosas em saber onde encontrá-los, a professora os convidou a fazer os doces, atividade que foi aceita de imediato.

**Ingredientes**

1 colher (sopa) de manteiga  
 1 lata de leite condensado  
 2 colheres (sopa) de chocolate em pó  
 1/5 xícara (chá) de chocolate granulado

**Como fazer**

1. Numa panela, junte o leite condensado, a manteiga e o chocolate em pó.
2. Misture bem até incorporar tudo.
3. Leve ao fogo brando mexendo sempre.
4. Utilize panela de fundo grosso.
5. Quando a massa começar a se desprender do fundo da panela (o tempo varia de acordo com a panela) passe a massa para um prato untado com manteiga e deixe esfriar.
6. Unte as mãos com manteiga e enrole os brigadeiros, passando-os no granulado.
7. Coloque em forminhas de papel.

**Rendimento: 15 porções**

**Tempo de Preparo: 30 minutos**

**Figura 4** - Receita utilizada para a atividade

Fonte: acervo pessoal da professora

Então, a professora planejou uma aula que estabelece conexão entre Língua Portuguesa e Matemática, instigando os alunos a transformar uma receita apresentada pela professora de modo que houvesse quantidade suficiente para todos.

Então, a professora entregou a receita a cada um dos alunos, leu e questionou so-

bre as quantidades que constavam na receita e como deveriam proceder para que não faltassem doces. Novamente os alunos foram criando hipóteses, e a professora levou-os a perceber que para resolver o problema deveriam fazer a soma dos ingredientes, e por último fez com que compreendessem a noção de dobro.

Este trabalho, articulando os eixos de aprendizagem de Língua Portuguesa, envolveu uma estratégia lúdica, fez com que os alunos interagissem por meio da escrita e da leitura de uma maneira mais profícua e, assim, favoreceu a apreensão de conceitos. Brasil (2012, p. 38) faz referência a essa ação:

[...] entendemos que as crianças têm direito a ter acesso a diferentes linguagens, inclusive à linguagem escrita e sua notação, desde a Educação Infantil, convivendo, de maneira lúdica, com a leitura e a escrita, por meio, por exemplo, de brincadeiras de ler e escrever e de jogos com palavras.

Na receita utilizada pela turma, consta que o tempo de preparo é de 30 minutos, então a professora cronometrou com os alunos esse tempo para ver se conferia, de modo a levá-los a refletir sobre por que demoraram mais tempo que o previsto – fizeram o dobro da receita e, nesse caso, o tempo aumentou um pouco. No sexto momento, após saborear os doces, a professora solicitou, como tarefa, que cada aluno levasse, na aula seguinte, uma brincadeira que os pais ou os avós brincavam quando crianças. Enquanto isso, resgatou-se com a turma a brincadeira que certamente seus pais e avós já brincaram: “telefone sem fio”. Essa ideia surgiu porque a história lida começa e termina com a avó e seus netos procurando o gato fujão que comeu “o docinho que estava aqui”. Foi uma oportunidade de propiciar aos alunos momentos de deleite e aprendizado, através das brincadeiras populares, como as cantigas de roda.



**Figura 5** - Alunos mostrando os brigadeiros

Fonte: acervo pessoal da professora

Na aula seguinte, oralmente, cada aluno socializou a sua tarefa, compartilhando das mais diversas brincadeiras. Isso fez com que valorizassem a sua cultura e a do colega, compartilhando de semelhanças e diferenças culturais. Durante a realização do trabalho, assumimos o desafio de buscar o envolvimento de todos os alunos, bem como de outros profissionais de áreas diferentes, ao que se destaca que todos participaram, direta ou indiretamente.

Consideramos que, sem dúvida, o grande “facilitador” durante todo o transcurso do trabalho foi a metodologia do ensino baseado em um problema: o do “fazer acontecer”. Todos deveriam pôr a mão na massa para que realmente os docinhos fossem feitos e pudessem ser degustados. Foi um planejamento curto, mas que possibilitou, através de atividades pontuais, a superação de algumas dificuldades por parte da maioria das crianças. Concebemos, dessa forma, que aos poucos conseguiremos atingir o objetivo maior da alfabetização. Conforme Brasil (2012, p. 72),

Alfabetizar e possibilitar a ampliação do letramento às crianças até os 8 anos de idade é o objetivo maior do Pnaic. No âmbito desse Programa, que defende a alfabetização na perspectiva do letramento, considera-se alfabetizada a pessoa que lê e produz textos de modo autônomo. Assim, o domínio do sistema de escrita alfabética não é suficiente para que o indivíduo seja considerado alfabetizado.

Também ficou evidente, no decorrer das diversas fases do trabalho, a dificul-

dade de alguns dos alunos em conseguir formar ideias próprias, um dos grandes problemas que influenciam na criatividade e na aprendizagem dos educandos. O planejamento, assim, possibilita propor estratégias que visem a orientação e a progressão, de maneira a incidir na aprendizagem de cada aluno.

Com base nessa *sequência didática*, observamos que os alunos estavam engajados no desenvolvimento das atividades, diferentemente de outros momentos em que a escrita e a leitura foram planejadas de forma descontextualizada. O trabalho articulado com outros componentes curriculares e com base na interação social dos alunos permitiu aprendizado não somente para os discentes, mas também mudanças na prática docente.

## REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: a criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02. Brasília: MEC/SEB, 2015.

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: ludicidade na sala de aula. Brasília: MEC/SEB, 2012.

RESENDE, Maria Angela. **Cadê o docinho que estava aqui?**. São Paulo: Formato, 2008.



Para iniciar este relato, nada mais apropriado que as palavras da Pedagoga e Especialista em Inclusão Escolar da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Maria Teresa Egler Mantoan:

Os maiores desafios que encontramos em uma instituição como a escola ou em uma sociedade que não avançou no sentido da inclusão, é repensar as suas próprias regras, o próprio modo de atuar a partir de práticas naturalmente excludentes, que consideram as diferenças em alguns e não em todos (MANTOAN, 2004).

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), preocupado com a necessidade de ampliar a discussão sobre esse tema tão relevante, dedicou um caderno específico sobre o assunto e, durante os três anos de formação, a temática sempre permeou nossas práticas. A experiência relatada a seguir foi desenvolvida no ano de 2014 pela professora alfabetizadora que atuava com uma turma de 1º ano da Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa, em Seara (SC), composta por 18 alunos. A professora tinha na turma um aluno autista e desafiou-se a desenvolver uma *sequência didática* sobre *diversidade*, com o objetivo de discutir com a turma a inclusão e o respeito às diferenças.

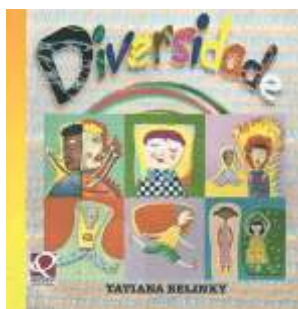
O trabalho teve início a partir de um questionamento: “O que é Diversidade?”. Em uma roda de conversa, as crianças tiveram a oportunidade de expor suas ideias, e as respostas foram variadas, envolvendo diversidade entre animais, plantas, brincadeiras, pessoas.

Naquela ocasião, foram discutidas dife-



**Figura 1** - Roda de conversa sobre diversidade  
Fonte: acervo pessoal da professora

renças físicas, culturais, raciais, econômicas e, dando continuidade ao assunto, foi explorado o livro de Literatura Infantil *Diversidade*, de Tatiana Belinky.



**Figura 2** - Obra literária  
Fonte: Belinky (1999)

Após a leitura, foi realizada uma discussão sobre o livro e solicitamos aos alunos que levassem figuras de pessoas em diferentes contextos. No dia seguinte, foi organizado um mural com imagens que as crianças trouxeram para a sala. Assim, foi possível novamente perceber as diferenças culturais, físicas, econômicas retratadas nas imagens. A turma, então, sugeriu uma definição para *diversidade*: “Diversidade é tudo que nos diferencia do outro”.



**Figura 3** - Mural de imagens: diversidade  
Fonte: acervo pessoal da professora

Outro livro utilizado para discutir a diversidade cultural foi a obra *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (1986), que relata a história de um coelho branco encantado com a cor de uma menina negra.



**Figura 4** - Obra literária  
Fonte: Machado (1986)

O livro serviu para discutir com a turma as diferenças presentes entre os cole-

<sup>1</sup> Professora Alfabetizadora. Pedagoga e Especialista em Atendimento Educacional Especializado. Professora da Rede Estadual de Ensino de SC, na EEB Raimundo Corrêa, do município de Seara (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos. Pedagoga e Especialista em Alfabetização e Séries Iniciais. Professora da Rede Estadual de Ensino em Seara (SC).

<sup>3</sup> Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem. Professora de Educação Básica na Rede Estadual de Ensino (SC).

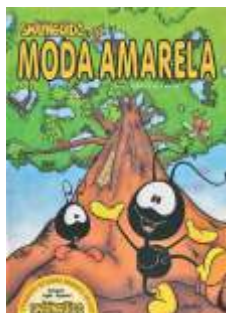
gas, ritmos de cada um, temperamento, personalidade, enfatizando que cada ser humano é único e diferente. A obra literária ainda garantiu espaço para explorar outros componentes curriculares: a partir da figura do coelho, ampliou-se o estudo sobre animais domésticos e animais silvestres, suas diferenças e seu hábitat.

Nos aspectos ligados à exploração do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), foram organizadas listas com nomes de animais e atividades diversificadas, como cruzadinhas, caça-palavras, fichas técnicas sobre o assunto. Já no componente curricular da Matemática, foi explorada a construção de gráfico a partir de animais de estimação.



**Figura 5** - Gráfico: animais de estimação  
Fonte: acervo pessoal da professora

Foi também trabalhado com a turma o filme *Moda amarela*, que ressalta as características individuais de cada um e o respeito às diferenças. Após o filme, foi explorada a música: “Aos olhos do Pai”, de Ana Paula Valadão.



**Figura 6** - Filme *Moda amarela*  
Fonte: Arvicris (2016)



**Figura 7** - Dia da Diversidade  
Fonte: acervo pessoal da professora

Encerrando o trabalho, foi organizado o Dia da Diversidade, em que as crianças foram para a escola usando fantasias, roupas típicas e realizaram um desfile na sala. Cada criança desenhou em papel a palma da mão e recortou, depois colamos em papel pardo, formando um mural coletivo exposto na entrada da escola, com a frase “Ser diferente é normal”.

Durante todo o trabalho, a professora procurou ouvir os alunos, respeitando suas vivências pessoais, motivando a turma a perceber e a respeitar as diferenças entre o grupo. A *sequência didática* possibilitou estabelecer um ambiente de companheirismo e solidariedade na turma. A professora procurou construir o conceito de *diversidade* com a turma, a fim de que percebessem que cada um tem seu ritmo, suas características físicas, personalidade, qualidades, defeitos, limitações, e o que nos difere nos faz únicos.

O trabalho focado na *diversidade* possibilitou o alfabetizar na perspectiva do *letramento*, discutindo questões sociais, assegurando os *direitos de aprendizagem* e a aquisição do SEA pela turma. A *sequên-*

*cia didática* também serviu de base para aproximar a turma do aluno autista, integrá-lo ao grupo de forma natural, respeitando seu espaço e ritmo. Podemos ainda ressaltar a importância de um planejamento focado na *diversidade* em todos os aspectos, organizando espaços, materiais e metodologias diferenciadas a fim de garantir a aprendizagem eficiente do grupo.

## REFERÊNCIAS

BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto, 1999.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade**: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o Ciclo de Alfabetização. Caderno 01. Brasília: MEC, 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? O que fazer? São Paulo: Summus, 2004.

### Vídeos

ARVICRIS. **Moda Amarela**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FGTzmZEAv4g>>. Acesso em: nov.2016.

VALADÃO, Ana Paula. **Aos olhos do Pai**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gEbfB-MzcBg>>. Acesso em: nov. 2016.

## TRABALHANDO COM GÊNEROS TEXTUAIS: A LEITURA COMO ALICERCE PARA A GARANTIA DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Carla Simone Kirsten Kerber<sup>1</sup>  
Lucimara Frigo Machado<sup>2</sup>  
José Antônio Gonçalves<sup>3</sup>

Nas atividades que iremos aqui relatar, estiveram envolvidos seis alunos, com idades entre sete e oito anos, do 2º e 3º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Taquaral. Trata-se de uma escola do campo, com turmas multisseriadas, pertencente à Rede Municipal de Ensino do município de Presidente Castello Branco (SC).

Como profissionais envolvidos com o programa de formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), e dada a atuação de uma de nós como professora alfabetizadora, entendemos ser relevante contemplar que o aluno pode se alfabetizar, decodificar o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), bem como desenvolver a consciência fonológica, ao passo que se integra à sociedade letrada, compreendendo as práticas de linguagem nela utilizadas e participando dessas mesmas práticas

Quando falamos em uma prática educativa voltada ao cotidiano do aluno, referimo-nos aos meios que a sociedade usa para se comunicar, por isso consideramos muito relevante estudar os *gêneros textuais*, fazendo da leitura um alicerce para o processo de *alfabetização e letramento*, tornando a aprendizagem significativa e, em consonância com o cotidiano das crianças, trazendo informações e conhecimentos que estão imersos na sociedade e dos quais elas necessitam para poder atuar socialmente.

Para iniciar as atividades desta *sequência*, levamos para a sala de aula materiais dos mais diferentes *gêneros textuais* para

que os alunos identificassem quais os do seu cotidiano e escolhessem os de sua preferência para realizar a leitura.

Trabalhar com os *gêneros textuais* que fazem parte do cotidiano faz com que a criança sinta-se parte integrante do processo de aprendizagem; trabalhar com gêneros abre uma imensa janela de conteúdos e estratégias que podem ser usadas na sala de aula, trazendo a realidade para o âmbito escolar e tornando as aulas mais atrativas e interessantes para o aluno.



**Figura 1** - Trabalhando o gênero textual *receita* na prática

Fonte: acervo pessoal da professora

No planejamento diário, procuramos contemplar uma leitura e uma produção textual, incorporando os gêneros do cotidiano dos alunos, tais como *receitas*, *reportagens*, *textos científicos*, *seminários*, *pesquisas*. Os gêneros mais utilizados são *contos e fábulas*, mas, sabendo da necessidade de que os alunos compreendam demais gêneros, procuramos fazer com que compreendessem e utilizassem outros gêneros que são encontrados com frequên-

cia na sociedade. Nos momentos de leitura promovidos em sala de aula, muitas vezes a professora realiza a leitura e outras vezes, os próprios alunos.



**Figura 2** - Leitura realizada pelo aluno

Fonte: acervo pessoal da professora

“Ensinar envolve estabelecer uma série de relações que devem conduzir à elaboração, por parte do aprendiz, de representações pessoais sobre o conteúdo objeto de aprendizagem” (ZABALA, 1998, p. 90). O professor deve ser o mediador das experiências do aluno, trabalhando de forma interativa, fazendo-o se tornar parte in-

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 4. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Ações Interdisciplinares no Processo Ensino-Aprendizagem em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Escola Municipal Taquaral, no município de Presidente Castello Branco (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 4. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais e em Coordenação Pedagógica. Atua na Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto do município de Presidente Castello Branco (SC).

<sup>3</sup> Formador, Polo 4. Licenciado em Matemática e Especialista em Metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino. Atua na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Garopaba (SC) e como professor da Rede Estadual de Ensino de SC.





**Figura 3** - Leitura pela professora: contação de história  
Fonte: acervo pessoal da professora

tegrante da aprendizagem e participante das trocas de experiências entre a turma, entre colegas e professores, tornando-o protagonista de seu aprendizado e dando significado ao que conheceu.

Nas atividades realizadas durante a sequência, buscamos desafiá-los em diversos momentos, a exemplo de quando estudaram o gênero *poema*. Estudamos o poema, que depois foi utilizado para formar um texto em tiras, com as quais teriam de lembrar “de memória” a ordem do poema para reorganizá-lo. Alguns alunos apresentaram dificuldades, buscando apoio dos colegas e da professora.

Compreendemos que é possível trabalhar através de *gêneros textuais*, pois a par-



**Figuras 4 e 5** - Organizando e montando o texto em tiras  
Fonte: acervo pessoal da professora

tir deles podemos desenvolver muitas atividades com interdisciplinaridade, fazendo com que os alunos compreendam a função dos gêneros e utilizem-nos conforme sua necessidade, em interações na sociedade e perante sua classe, na escola.



**Figura 6** - Alunos desenvolvendo a leitura  
Fonte: acervo pessoal da professora

Com os estudos realizados durante os encontros do PNAIC, fomos levados a considerar que nem sempre podemos trabalhar com o gênero com o qual mais temos familiaridade, pois é preciso oportunizar aos alunos conhecer e entender todos, para que tenham a oportunidade de poder opinar, relatar suas experiências referentes aos mais variados gêneros e, sobretudo, apropriar-se do conhecimento acerca daqueles gêneros que nem sempre são utilizados em seu cotidiano.

Sob essa perspectiva, realizamos muitas atividades de produção textual com os alunos, muitas vezes realizadas em duplas, ou pesquisa no laboratório, individualmente, buscando exercícios que viessem ao encontro da realidade de cada um e tornassem significativo aquele aprendizado.



**Figura 7** - Produção textual individual  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 8** - Pesquisa no laboratório de informática  
Fonte: acervo pessoal da professora

O professor precisa planejar e replanejar suas ações compreendendo que o educando, ao interagir com os colegas, irá aprender o conteúdo repassado e, nesse sentido, o professor precisa dominar o que repassa. Segundo Bomtempo (2008, p. 39),

Aprendizagem é diferente de memorização de informações e de técnica. É diferente também da mera participação ou observação da ação do professor ou do outro colega. É diferente de imitação, aquisição de hábitos, memorização de fatos ou desenvolvimento de percepções. Aprendizagem é construção, é descoberta, é significado para quem aprende.

Pudemos perceber, durante os trabalhos que se estenderam durante todo o ano, a importância da leitura e da produção por parte dos alunos, pois fizemos um combinado de que todos os dias faríamos a leitura de um gênero textual em algum momento da aula, e então os alunos tiveram oportunidade de ler e produzir os mais variados gêneros de seu cotidiano, e também os mais complexos, focando principalmente na leitura e interpretação dos textos para compreender sua função social.

Na continuidade das atividades referentes aos gêneros textuais, os alunos realizaram a dramatização de músicas, trabalharam com poemas em tiras, contação de histórias com personagens fantasiados, desenvolveram a leitura perante a turma, produziram histórias em quadrinhos, autobiografias. Os alunos participaram



de cada atividade em sala e puderam levar para casa seus aprendizados.



**Figura 9** - Contação de história com fantasia  
Fonte: acervo pessoal da professora

Em se tratando de turma multisseriada, fica ainda melhor o trabalho com os gêneros, pois os maiores aprendem e ensinam os menores ao mesmo tempo, repassando suas experiências e incentivando-os a querer melhorar cada vez mais. Por isso, professores que atuam em escolas do campo trabalham com criatividade alfabetizando educandos por caminhos mais atrativos e prazerosos.

Procurando estratégias para contemplar as quatro turmas, percebem-se as dificuldades dos alunos em determinados assuntos e, para melhorar a aprendizagem, muitas vezes a melhor forma de trabalhar o assunto é brincando, mas sem deixar de lado os conteúdos, sabendo que trabalhar na zona rural, hoje, não significa estar desconectado do mundo, mas sim com um ensino direcionado às necessidades locais e ligado às novas tecnologias.



**Figura 10** - Turma do 3º ano com a professora, no Cantinho da Leitura da sala  
Fonte: acervo pessoal da professora

As atividades que mais ficaram na memória das crianças foram as cantigas e parlendas, que ainda hoje cantam e se lembram, devido ao resgate que fizeram com suas famílias. Desenvolvemos todas as semanas a visita à biblioteca escolar, com momento de leitura coletiva e/ou individual e retirada de livros para ler com as famílias no decorrer de uma semana.



**Figura 11** - Entrega do livro para os alunos de toda a escola

Fonte: acervo pessoal da professora

O trabalho foi concluído de uma forma muito gratificante, pois percebemos que os alunos estão demonstrando mais interesse pelos livros e suas produções textuais estão muito melhores. Foi bom trabalhar e retomar estudos sobre *gêneros textuais*, pois revisamos e estudamos alguns gêneros que tornaram as aulas mais interessantes, por meio de dramatização de músicas, textos de memória, produção de poemas, pesquisa e seminários explicativos, produção de histórias em quadrinhos e muitos outros estudos pertinentes aos conteúdos curriculares. Para concluir com chave de ouro, entregamos um livro de literatura infantil para cada aluno, para que levassem para casa e lessem com seus familiares.

## REFERÊNCIAS

- BOMTEMPO, Luzia. De A a Z: uma ação de cada vez. **AMAE Educando**, Belo Horizonte, n. 360, p. 38-39, nov. 2008.
- ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

## BRINCANDO E APRENDENDO COM 'A JOANINHA QUE PERDEU AS PINTINHAS'

Edinara Cassol Kolenberg<sup>1</sup>  
Vera Lúcia Hermann Thies<sup>2</sup>  
Maira Gledi Freitas Kelling Machado<sup>3</sup>

A experiência aqui relatada foi realizada na Escola pública municipal Castro Alves, localizada no Centro da cidade do município de Dionísio Cerqueira, Santa Catarina. O município é localizado em um ponto peculiar da região, pois é onde se encontram cinco fronteiras: dois países: Brasil e Argentina; três estados: Santa Catarina, Paraná e Missões; e três municípios: Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Argentina). O Rio Peperiguá, que divide Brasil e Argentina, também nasce nesse município, em nosso meio urbano, onde foi construído um lago com Parque Turístico Ambiental.

É importante destacar que a rede municipal de ensino conta com 27 educadoras que fizeram o curso do PNAIC, as quais trabalham em turmas do 1º ao 3º ano das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, atendendo ao todo em torno de 500 alfabetizandos, distribuídos em 13 Escolas nos meios rural e urbano.

No trabalho de orientação de estudos do PNAIC no município de Dionísio Cerqueira, buscamos sempre com o gru-



Figura 1 - Imagem de satélite: região das cinco fronteiras  
Fonte: acervo da professora

po de alfabetizadoras realmente “fazer acontecer” em sala de aula tudo o que aprendemos e discutimos nos encontros de formação. Sempre tivemos um acompanhamento, nas escolas, do trabalho direto com as crianças. Observamos bons trabalhos, os quais nos deixam emocionadas e despertam o desejo de divulgá-los, para que mais educadores possam conhecer e também desenvolver em seus espaços escolares. Organizar o trabalho pedagógico segundo as orientações do PNAIC, como relatam as alfabetizadoras, dá mais trabalho, porque somos levadas a refletir mais profundamente, de forma bem pensada e planejada, com propósitos definidos para cada atividade, sempre considerando o valor da alfabetização e do letramento e também os variados níveis de desenvolvimento que temos em nossas salas de aula.

Sabemos que as crianças quando vem para a escola já tiveram um contato ou outro com a escrita pois em nosso meio ela aparece a todo momento. Cabe a escola levá-la a compreender, a sua função social, significação e como se apropriar da escrita.

Desenvolver com nossas crianças a *alfabetização na perspectiva do letramento* é um desafio grandioso, mas quando temos uma boa formação, trocamos experiências, temos materiais e condições para tal trabalho, desafiamos a nós mesmos sem problemas. E quando começamos a colher os frutos, sentimos ainda mais vontade de estudar e estar sempre em formação, para realizar cada dia mais trabalhos de qualidade.



Figura 2 - A joaninha que perdeu as pintinhas:  
capa de livro  
Fonte: Paes (2013)

A *sequência didática* que a professora Edinara Cassol Kolenberg realizou com sua turma do 1º Ano, uma turma com 18 alunos da já mencionada escola, data do ano de 2015. A educadora realizou tal sequência com seus alunos utilizando o livro *A Joaninha que perdeu as pintinhas*, que levou primeiramente para uma leitura de leite, por ter gostado da história, mas as crianças gostaram tanto que pediram para que ela repetisse a leitura em outros dias. Então, ela pensou: “Bem, já que eles gostaram, vou planejar uma *sequência didática* com esta história”.

Assim, promoveu a interpretação, a compreensão do texto e atividade em que as crianças desenharam a Joaninha ou o que mais lhes havia chamado a atenção.

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora da Rede Pública Municipal de Dionísio Cerqueira-SC.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Gestão Escolar, Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Rede Pública Municipal de Dionísio Cerqueira-SC

<sup>3</sup> Formadora, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).

Como a maioria dos seus alunos já estavam alfabetizados e com poucas dificuldades de escrita, planejou trabalhar o gênero textual *poema*, com rimas. Primeiro fizeram uma reescrita coletiva do texto principal, depois leram outros textos, também escritos com rimas, para que compreendessem melhor como escrever um poema com rima. Então, trabalharam em duplas, e depois individualmente, criando poemas também com outros personagens, sempre usando rimas. Depois que cada um produziu o seu poema, a professora fez uma coroa e uma capa vermelha e cada criança, quando ia ler seu poema, subia num palco vestida de rei/rainha e, bem ensaiada, com entonação, lia como tal. Ficaram uma graça.

No final da sequência didática, as crianças criaram figurinos, cenários, ensaiaram, dramatizaram a história e apresentaram na escola. Depois disso, como temos um evento da Secretaria de Educação que acontece todos os anos no Clube da cidade, a Feira Municipal do Livro e Mostra Cultural, realizadas em outubro,

no Clube Independente.

A turma apresentou a peça teatral na Feira para toda a rede e as famílias; o trabalho foi maravilhoso, com certeza as crianças nunca vão esquecer essa história. O trabalho foi amplamente divulgado em toda a rede de ensino do município, emocionou pessoas e desenvolveu aprendizagem, movimentou a Escola e as famílias. Enfim, foi um trabalho excelente, de desenvolvimento e envolvimento pedagógico, didático e social. Por essas e outras tantas experiências, sabemos o quanto o trabalho desse programa de alfabetização em nível nacional tem feito a diferença para alfabetizadores, crianças e para o desenvolvimento do próprio país.

Estamos contentes com o desenvolvimento dos nossos alfabetizando, estudamos muito sobre como as crianças aprendem, conseguimos avaliar em que fase de desenvolvimento da escrita cada criança se encontra, aprendemos como intervir com mais segurança para que desenvolvam a leitura, alfabetizando-as com muita alegria. Trocamos muitas ideias e suges-

tões de atividades sobre alfabetização, o que vem nos dando subsídios para melhorar cada dia mais o nosso trabalho, obtendo êxito e alcançando nossos objetivos com as crianças.

Não podemos deixar de mencionar que foi com o PNAIC que esclarecemos para todos os alfabetizadores o que são os *direitos de aprendizagem* das crianças e o quanto a escola e os educadores têm a obrigação e compromisso de oportunizar às crianças a obtenção desses direitos, em cada etapa de seu desenvolvimento.

O direito à Educação é garantido a todos os brasileiros e, segundo prevê a Lei 9.394, que estabelece as diretrizes e base da educação nacional, a Educação Básica “tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.” (Art. 22) (BRASIL, 2012, p. 24).

Com um bom desenvolvimento dos educandos desde a mais tenra idade, com certeza eles terão sucesso em seu desenvolvimento acadêmico, pessoal e social, tornando-se sujeitos capazes de fazer suas escolhas e defender sua opinião sempre que necessário, para contribuir com a construção de uma sociedade justa e democrática.



**Figura 3** - Dramatização a história para apresentação  
Fonte: Acervo pessoal da professora

## REFERÊNCIAS

PAES, Ducarmo. **A joaninha que perdeu as pintinhas**. Ministério da Educação, PNLD/FNDE: Obras Complementares. São Paulo: Best Book, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa**. Ano 1, Unidade 2. Brasília: MEC/SEB, 2012.

## ALFABETIZAÇÃO NOS/PARA OS USOS SOCIAIS DA ESCRITA: A PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

Cristina Albertina Rodrigues de Souza<sup>1</sup>  
Rosângela Pedralli<sup>2</sup>  
Jovino Luiz Aragão<sup>3</sup>

As ações de ensino descritas ao longo deste relato foram empreendidas em duas turmas de 1º ano da Escola Estadual Básica João Frassetto, no município de Criciúma, em Santa Catarina. Cada uma das turmas contava, à ocasião, com 19 crianças. O presente relato consiste em um recorte de ações levadas a termo em um projeto de letramento (KLEIMAN, 2000), que tinha como ponto de partida a intenção de problematizar junto às crianças o significado (VIGOTSKI, 1978) do Dia da Criança, com seus contornos contemporâneos de aproximação com aspectos mercadológicos. Para tal, a alfabetizadora<sup>4</sup> alçou a objeto do conhecimento o objeto cultural *Estatuto da Criança e do Adolescente* (BRASIL, 2010 [1990]), empreendendo um conjunto bastante amplo de ações, a fim de que a atividade *apropriação da ECA* se consolidasse, o que implicou apropriação de conhecimentos de diferentes áreas e trabalho sistemático com o Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

O relato em tela, entretanto, não consiste em apresentação do projeto de letramento como um todo. Optou-se por apresentar um recorte que tem como ênfase a apropriação do SEA nos/para os usos sociais da escrita desde o 1º ano do Ensino Fundamental, ênfase que encontra consonância com os pressupostos defendidos pelo PNAIC. Nesse processo, em razão da preocupação de situar as ações empreendidas, ampliamos o escopo do relato para o projeto em si, para depois retomar a especificidade da apropriação do SEA

em práticas sociais de uso da língua.

Cabe, ainda, a ressalva de que, do mesmo modo que diferentes áreas do conhecimento (Linguagens, Ciências Humanas e Ciências da Natureza e Matemática) foram contempladas no projeto realizado com esse grupo de alunos, os quatro eixos demarcados pelo PNAIC (BRASIL, 2012) para o trabalho com Língua Portuguesa – *leitura, produção textual escrita, análise linguística e oralidade*<sup>5</sup> – foram também contemplados no planejamento da alfabetizadora. Nossa escolha, no entanto, foi dar tratamento a uma ação que envolveu mais diretamente a produção textual escrita.

No bojo do mencionado projeto, as crianças foram convidadas a pensar sobre o que significava ser criança. Depois de levantarem muitos sentidos para a infância, foi apresentado a elas pela alfabetizadora o ECA (BRASIL, 2010 [1990]). A professora explicou ao grupo que: (i) tratava-se de um documento com valor de lei, (ii) dividido em dois livros, (iii) sendo definidos no livro I os direitos das crianças e dos adolescentes. Os alunos olharam o tomo, a professora mostrou-lhes o sumário e depois propôs que lessem que direitos eram esses, já que boa parte das crianças verbalizou não conhecê-los. Tendo realizado a leitura em voz alta para o grupo, a professora solicitou que o grupo expusesse o direito que havia considerado mais interessante. O grupo, como era de se supor, mencionou o direito ao lazer – Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer (BRASIL, 2010 [1990]).

Com o direito definido, a professora pediu aos alunos que realizassem um pequeno relato das atividades relacionadas ao lazer de que mais gostassem, a fim de socializar com os colegas, da turma e da turma do contraturno. Algumas das produções derivadas dessa solicitação são apresentadas na sequência.

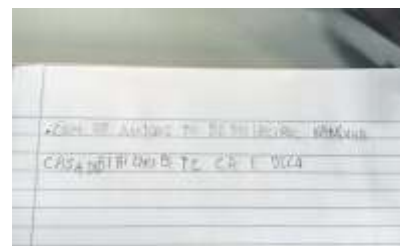


Figura 1 - Exemplar de produção textual escrita em curso

Fonte: acervo pessoal da professora

Nodal observa que a proposta de produção textual escrita tem, como defende Geraldi (1984; 1991), uma função social que transcende objetivos puramente escolares, o que caracteriza *produções textuais* de fato em contraposição às *redações*. Como evidencia-se, a professora demonstra essa preocupação na medida em que os alunos *têm interlocutores a quem dizer* (GERALDI, 1991) – os colegas da tur-

<sup>1</sup> Alfabetizadora e Orientadora de Estudos, Polo 5. Licenciado em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento. Atua na Escola Estadual Básica João Frassetto, em Criciúma (SC).

<sup>2</sup> Formadora (2013 e 2014), Polo 5. Licenciada em Letras-Português, Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas na mesma Universidade.

<sup>3</sup> Formador, Polo 5. Licenciado em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento.

<sup>4</sup> Cabe registrar que a alfabetizadora contou com contribuições de Karen B. de Souza, estagiária na turma à época.

<sup>5</sup> Não nos ocuparemos com a problematização da organização do trabalho em Língua Portuguesa em quatro eixos, porque nos afastaríamos do enfoque do relato.





**Figura 2** - Exemplo de produção textual escrita em curso  
Fonte: acervo pessoal da professora

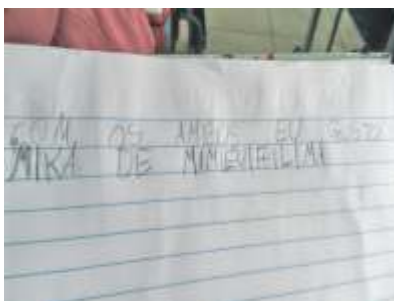
ma, mas fundamentalmente as crianças do 1º ano do contraturno –, *têm razões para dizer* (GERALDI, 1991) – o desejo de interagir com os colegas, de modo a contar a eles e ficar sabendo com o que eles ocupam seu tempo de lazer –, *têm o que dizer* (GERALDI, 1991) – as atividades com as quais ocupam seu tempo de lazer, recém descoberto como um direito garantido em um objeto cultural ocupado com essas questões –, e, para isso, *escolhem estratégias de dizer* (GERALDI, 1991), o que nos leva a um aspecto cen-



**Figura 3** - Exemplo de produção textual escrita em curso  
Fonte: acervo pessoal da professora

tral do processo de alfabetização: a apropriação do SEA. Com a premência por fazer-se entender pelo outro, os alunos lançaram mão de estratégias das quais já haviam se apropriado (poucas, seguramente), preocuparam-se com a grafia de palavras necessárias para o seu *projeto de dizer* (GERALDI, 1991), perguntando à professora ou consultando o colega, e ensaiaram uma tentativa de se fazer compreender pelo outro por meio da escrita.

Partindo da compreensão de que *análise linguística* (GERALDI, 1984; 1991) e reescrita são *operações* (LEONTIEV, 1978) constitutivas da *produção textual escrita* (GERALDI, 1984; 1991), a professora ocupou-se de acompanhar o trabalho ainda em curso individualmente, propondo releitura do escrito, fazendo intervenções quanto à grafia de determinadas palavras, perguntando o que desejavam escrever, propondo reescrita do texto e operações afins.



**Figura 4** - Exemplo de produção textual escrita em curso  
Fonte: acervo pessoal da professora

As intervenções individuais, na avaliação da professora, contribuem para a apropriação do SEA por parte do aluno, que pela interação com o *interlocutor mais experiente* (VIGOTSKI, 1978) tem sua atenção dirigida para aspectos do Sistema, dentre outras questões presentes no seu texto, os quais, sozinho, possivelmente não lhe seria possível compreender. É exemplo dessas intervenções a es-



**Figura 5** - Exemplo de produção textual escrita em curso  
Fonte: acervo pessoal da professora

tratégia pedagógica utilizada pela professora frente à produção que consta da Figura 4. À ocasião, a alfabetizadora, ao ler a produção escrita em curso e não conseguir compreendê-la, pergunta à aluna o que ela havia escrito. A menina informa à profissional sem ler, no entanto (“Com os amigos gosto de brincar de mamãe e filhinha”). A docente, então, pede para que a aluna leia o escrito, a qual não consegue. Essa abordagem serve, assim, como ponto de partida para que a aluna, conscientizando-se que o texto não é compreensível para o leitor, interesse-se em reescrevê-lo. Tal reescrita é, pois, acompanhada pela professora.

As reescritas coletivas, por outro lado, no entendimento da alfabetizadora, constituem uma importante estratégia de intervenção pedagógica, uma vez que ao projetar alguns textos e pedir contribuições do grupo para melhorá-lo todos aprendem. Além disso, nesses momentos a professora consegue fazer sistematizações, as quais são fundamentais para o processo de apropriação. São exemplos desses momentos as reescritas coletivas dos textos das Figuras 1 e 3, os quais foram discutidos pelo grupo de alunos, que sugeriu alterações com vistas a torná-los mais claros.

No texto da Figura 1, a ênfase do grupo, no processo de *análise linguística* para

a reescrita do texto, acabou se assentando na escrita da palavra 'biblioteca'. A grafia convencional da palavra foi buscada no dicionário por uma das crianças do grupo. Outro aspecto central do texto e que demandou intervenção da alfabetizadora foi a condensação de várias palavras na primeira linha do texto ('amigos to' – 'amigos gosto' – e 'brincarol' – 'brinca com a Carol'), sinalizando para uma apropriação ainda embrionária do conceito de palavra. Nesse sentido, a profissional se ocupou de explicar que a mesma sílaba pode se repetir em diferentes palavras, mas que a mesma sílaba não pode estar ao mesmo tempo em mais de uma palavra, ou por outra, sendo aproveitada em duas ou mais palavras próximas. Em seguida, procedeu à reescrita do texto seguindo as orientações do grupo. Movimento similar de *análise linguística e reescrita* coletivas foi feito com o texto da Figura 3.

Importa destacar que as operações de intervenção nos textos escritos, que envolviam *análise linguística e reescrita*, foram práticas constantes ao longo de todo o primeiro ano de escolarização desse grupo de alunos, bem como as próprias propostas de produções textuais escritas, nas quais a professora buscava contemplar as *condições de produção* destacadas por Geraldi (1984; 1991), de modo a garantir que a língua fosse compreendida como uma prática social – *ter o que dizer, ter razões para dizer, interlocutores a quem se diz etc.* Além delas, a *leitura* concebida também como prática social esteve presente ao longo de todo o ano letivo, em diferentes *tipos de leitura* (GERALDI, 1991) – *leitura busca de informação* (como a busca de palavras desconhecidas no dicionário), *leitura estudo do texto* (como a leitura do ECA), *leitura fruição* (das obras da caixa do PNAIC), dentre outros tipos.

Ainda que a prática relatada evidencie a possibilidade de trabalhar já no primeiro ano com objetos culturais bastante complexos, de *gêneros do discurso secundários* (BAKHTIN, 1952/53), não é consensual entre os alfabetizadores, muitas vezes, a compreensão de que alfabetizar até os oito anos (pressuposto fundamental do PNAIC) demanda que esse processo necessariamente tenha início já no primeiro ano. Para isso, leitura e produção de texto precisam estar presentes, o que requer preparo teórico-metodológico dos alfabetizadores, evidenciado na ação aqui registrada.

O preparo teórico-metodológico da docente expresso nas ações de ensino levadas a termo pela alfabetizadora deriva, em boa medida, da compreensão de que o processo de apropriação do SEA resulta da imersão dos sujeitos na cultura escrita e não o contrário – apropriação do SEA sendo condição para a imersão na cultura escrita (BRITTO, 2012). Tal compreensão, por sua vez, converge com o que está na origem da própria concepção de *alfabetização na perspectiva do letramento*: a apropriação do SEA nos/para os usos sociais da escrita, logo, em práticas sociais de leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1952-53]. p. 261-306.
- BRASIL. **Estatuto a Criança e do Adolescente**. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010 [1990].
- BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo na alfabetização - concepções e princípios. Ano 1, Unidade 1. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- GERALDI, João Wanderlei (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1984.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

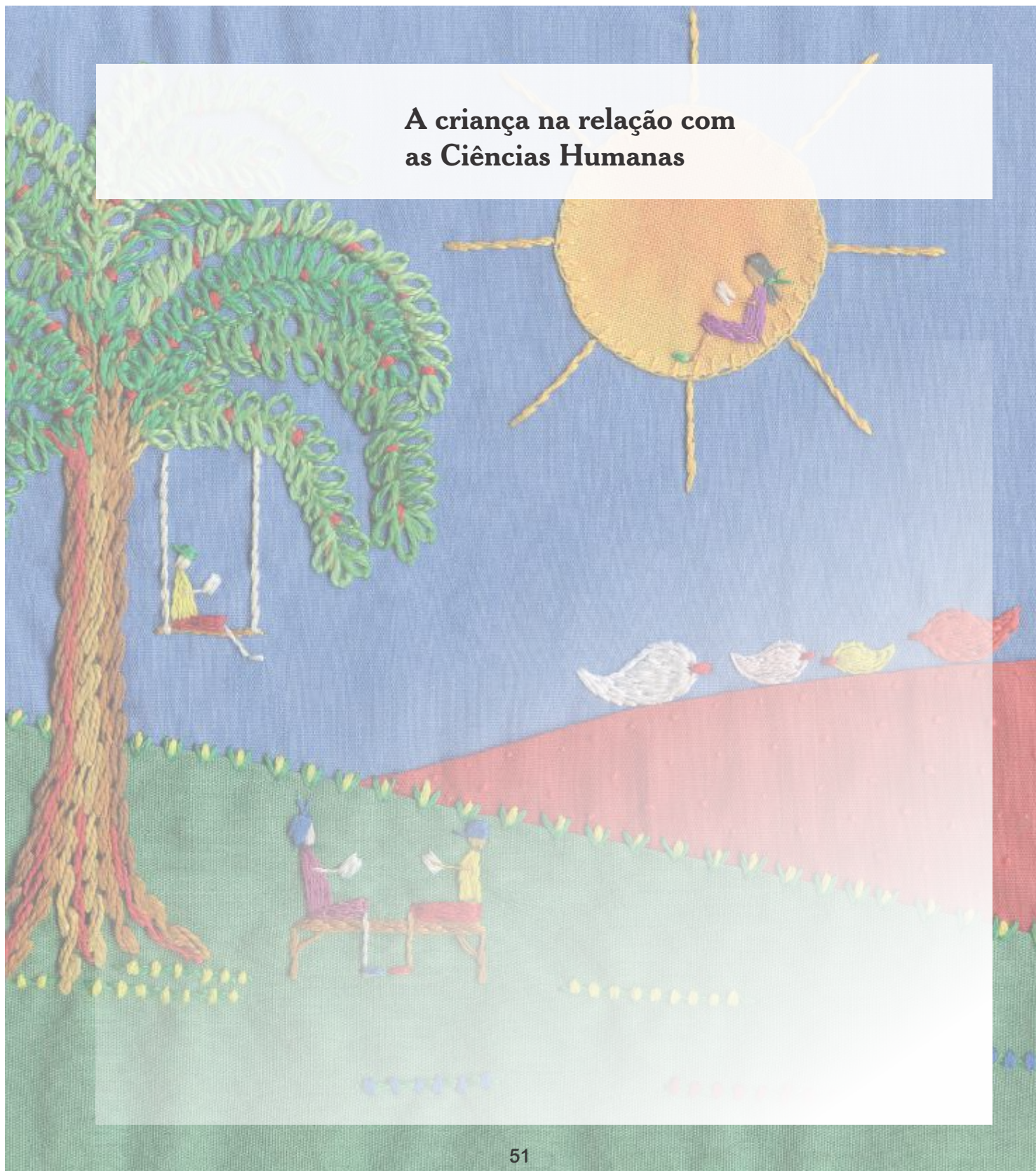
KLEIMAN, Angela B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela B.; SIGNORINI, I. (Orgs.) **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 223-243.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1978].



**A criança na relação com  
as Ciências Humanas**







## A CULTURA POPULAR E A ALFABETIZAÇÃO

Cíntia Franz<sup>1</sup>  
Maria Lucia Deluque Altenhofen<sup>2</sup>  
Catia Barauna<sup>3</sup>

Este trabalho foi realizado em 2013 com uma turma de 1º ano, constituída por 19 alunos, na Escola de Educação Básica Municipal Joaquim Amarante, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Videira (SC).



**Figura 1** - Alunos que compõem a turma de 1º ano  
Fonte: acervo pessoal da professora

O que se destaca neste trabalho é a experiência de agregar a *interdisciplinaridade* em uma proposta que se insere na perspectiva social, contribuindo não somente com a apropriação do sistema de escrita, mas levando os alunos a conhecer e valorizar conhecimentos que vão além de sua cotidianidade.

Temos a compreensão de que o conceito de *interdisciplinaridade* deve permear o planejamento do professor de modo a integrar as diversas áreas de conhecimento, com o objetivo de ampliar conceitos e, acima de tudo, prever uma alfabetização atrelada ao letramento e não apenas ao domínio de um código. De acordo com Brasil (2012, p. 21), os propósitos dessa concepção:

As práticas interdisciplinares no Ciclo de Alfabetização apresentam-se, ainda na conjuntura de escola que hoje temos, como um caminho valioso para que a alfabetização e o letramento

possam ser concretizados. Todavia, essas práticas ainda se apresentam como desafios a serem superados, não só pelo professor que atua diretamente com os alunos e é o mediador dessas práticas, mas também pela escola, que ainda articula suas práticas a partir do viés disciplinar, que amolda as disciplinas e também os conteúdos e áreas do conhecimento.

Segundo Brasil (2012), o trabalho interdisciplinar é necessário para a formação humana integral dos sujeitos, pois gera a possibilidade de romper com práticas marcadamente mecânicas e permite ao aluno pensar, refletir, discutir sobre conceitos que são essenciais para a interação social:

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013), que estabelecem a base nacional comum da educação no Brasil, defendem a formação integral dos sujeitos, rumo a sua inserção na vida social, à autonomia, à construção de sua identidade, reconhecendo suas diferenças e potencialidades. (BRASIL, 2012, p. 35).

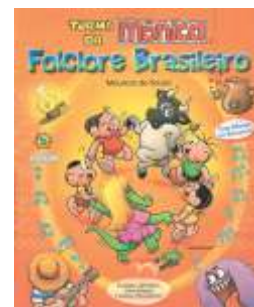
A proposta de que vamos tratar aqui é uma sequência de atividades surgida em decorrência de um tema, o *Folclore*, comemorado em 22 de agosto. Sabemos que, na escola, muitos projetos surgem e o pla-



**Figura 2** - Alunos e professora em contato com o livro escolhido

Fonte: acervo pessoal da professora

nejamento do professor necessita de avaliação e modificação. Assim, o tema *Folclore* foi inserido no planejamento com o desenvolvimento de um conjunto de atividades, as quais serão relatadas a seguir.



**Figura 3** - Capa do livro trabalhado  
Fonte: Sousa (2009)

Essa sequência de atividades teve duração de aproximadamente três semanas, e deu relevância aos eixos da Língua Portuguesa, que foram os norteadores do planejamento. Criou-se, no decorrer do ano, uma rotina de leitura em função do acervo de livros de literatura que o MEC enviou às escolas, a fim de promover a leitura de deleite e momentos de articulação da leitura com conhecimentos predeterminados pelo professor. Assim, a sequência iniciou com a roda de leitura, em que foi apresentado o livro *Folclore Brasileiro*, de Mauricio de Sousa, que consta na cai-

<sup>1</sup> Formadora, Polo 3. Mestranda do PROFLETRAS/UFSC, Licenciada em LETRAS e Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Rio do Sul-SC.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 1. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento. Professora na Escola Básica Municipal Joaquim Amarante, em Videira (SC).

<sup>3</sup> Alfabetizadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Alfabetização e Letramento. Professora na Escola Básica Municipal Joaquim Amarante, em Videira (SC).



**Figura 4** - Alunos cantando e dramatizando a cantiga

Fonte: acervo pessoal da professora

xa de livros do acervo enviado pelo MEC.

Explorou-se o livro, observando que nele há uma diversidade de parlendas e trava-línguas, além de músicas, cantigas e brincadeiras pertencentes ao folclore brasileiro. Após lermos alguns dos textos trazidos no livro, os alunos sentiram-se estimulados pelo evidente apelo lúdico que o livro apresenta. Foi gerada reflexão acerca do amplo repertório cultural ali presente e os alunos fizeram relação com histórias contadas pelos pais e avós.

Após essa conversa, foi solicitado aos alunos que escolhessem uma das cantigas lidas, e a escolhida foi “Ciranda, cirandinha”. Essa escolha deu-se em função de se tratar de uma canção já conhecida, o que propiciou momentos em que as crianças brincaram, cantaram e dramatizaram a cantiga.



**Figura 5** - Professora e alunos em contato com a escrita da cantiga

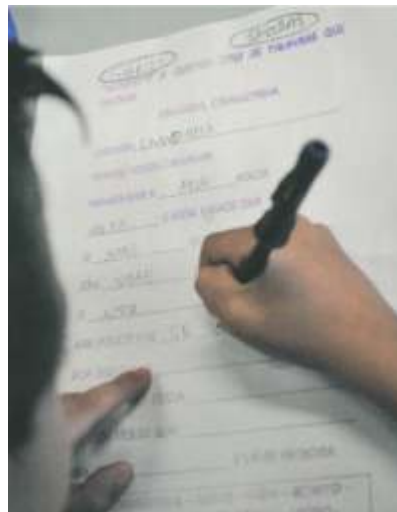
Fonte: acervo pessoal da professora

No segundo momento, a letra de cantiga foi escrita no quadro para a visualiza-

ção da escrita, e foram abordadas as seguintes questões, às quais as crianças responderam oralmente:

- Qual o título da música?
- Do que a música fala?
- Como se brinca com essa cantiga?
- Se você fosse convidado a entrar na roda, qual verso você iria dizer?

Num terceiro momento, foi entregue uma folha com a letra da música “Ciranda, cirandinha”, e os estudantes completaram a cantiga com as palavras que estavam faltando. Como alguns alunos ainda não dominam plenamente a escrita, após fazerem a tentativa, poderiam consultar as palavras no quadro e corrigi-las, caso necessário.



**Figura 6** - Alunos realizando uma das atividades desenvolvidas

Fonte: acervo pessoal da professora

Até então, foram trabalhadas a leitura, a oralidade e atividades pontuais de escrita, priorizando aspectos difundidos pelos eixos da Língua Portuguesa. Após os alunos estarem cientes do que significa o gênero *cantiga* para o folclore brasileiro, a professora apresentou aos alunos a obra do artista plástico Milton da Costa intitulada *Roda*.

Concomitantemente, a professora fa-



**Figura 7** - Pintura *Roda*, de Milton da Costa

Fonte: Costa (1942)

lou um pouco da biografia do artista, e os alunos puderam relacionar a obra com a cantiga estudada. As crianças ficaram maravilhadas e estiveram muito atentas durante a atividade. Dessa forma, a professora pôde explorar oralmente algumas reflexões sobre a pintura:

- Quantas meninas havia na tela?
- Quais as cores dos vestidos?
- Observando a tela, o que as crianças estão fazendo?
- Quais as características que diferenciam uma menina das outras?

Esse momento de socialização é imprescindível para deixar o aluno expressar o que vê e o que pensa, processos fundamentais quando se trata de leitura. Brasil (2012a, p. 8) trata da importância da integração de saberes, e inclui a Arte nesse processo:

A escola, ao proporcionar o acesso às quatro linguagens artísticas, numa perspectiva crítica e sistematizada dos conteúdos curriculares, proporcionará o avanço, de forma qualitativa, do conhecer Arte; consequentemente, abre espaço para outras formas de ler o mundo, de compreender a si mesmo e de compreender os outros.

No quinto momento da sequência de atividades, colocamos em uma folha branca a letra da cantiga de roda “Ciranda, Cirandinha” e a tela de Milton da Costa, pois agora o objetivo era cantar acompanhando a escrita, para posterior resolução



**Figura 8** - Registros da escrita dos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

de atividades de construção do sistema alfabético e registro no caderno.

Como é uma turma que está em fase de alfabetização e grande parte não domina a escrita, as atividades contemplaram diversos aspectos, como a sistematização da escrita, a segmentação das palavras, as rimas, diferenciação de vogal e consoante, caça-palavras e construção de frases individuais e coletivas (tendo por base as palavras da cantiga e o tema do folclore). Tais atividades foram registradas no quadro e no caderno.

Ainda em relação à obra de Milton da Costa, os alunos foram desafiados a recortar moldes representando os vestidos presentes na imagem, para posteriormen-

te fazer uma releitura da pintura, conteúdo, nesse caso, aspectos pessoais de cada aluno. Após o término dessa atividade, o resultado foi exposto em um mural da escola, acrescido de informações sobre a vida e a obra do artista.

Ao final desse processo, pudemos observar que através das cantigas de roda as crianças vão descobrindo a harmonia dos movimentos do próprio corpo, além da musicalidade de sua própria voz e da do colega ao lado. Ao dançar a música escolhida, “Ciranda, Cirandinha”, elas deram as mãos e tiveram a oportunidade de exercitar sua desenvoltura, de compartilhar com os amigos sua alegria, seu afeto, e também tiveram a oportunidade de se

projetar no grupo, exercitando sua capacidade de socialização, habilidade necessária ao longo da vida e de extrema importância na entrada para o primeiro ciclo de alfabetização.

Ficou claro para os alunos que é através da música e da dança que mantemos vivas a história e a cultura de nosso povo. As cantigas folclóricas são, assim, nossas grandes aliadas quando estamos ensinando nossos alunos a ler e escrever, pois eles já têm uma familiaridade com o gênero, e isso facilita o processo de escrita. Essas ações reafirmam a necessidade de uma prática que integre os conhecimentos dos diferentes componentes curriculares, tornando esse aprendizado significativo para as crianças.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: interdisciplinaridade no Ciclo de Alfabetização. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: a arte no Ciclo de Alfabetização. Brasília: MEC/SEB, 2012a.
- COSTA, Milton da. **Roda**. 1942. Óleo sobre tela. Col. Gilberto Chateaubriand. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3592/roda>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- SOUSA, Mauricio de. **Folclore Brasileiro**. Sintra, Portugal: Girassol, 2009.



**Figura 9** - Alunos recriando a obra de Milton da Costa

Fonte: acervo pessoal da professora



## PROJETO DIDÁTICO “A VIDA NO GELO”

Jaqueline de Souza Matta Adão<sup>1</sup>  
Maria Luiza Beduschi<sup>2</sup>  
Gracielle Boing Lyra<sup>3</sup>

O projeto temático<sup>4</sup> interdisciplinar intitulado *A vida no gelo* foi desenvolvido no ano de 2015, com 25 crianças, com faixa etária entre seis e sete anos de idade, da Turma 11 do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, situada no bairro Costeira do Pirajubaé, no município de Florianópolis, SC.



**Figura 1** - Exposição final na Feira de Ciências  
Fonte: acervo pessoal da professora



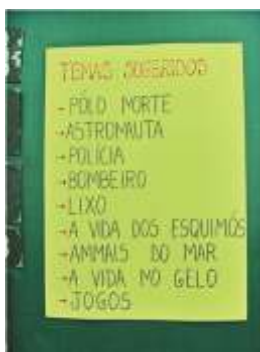
**Figura 2** - Exposição final na Feira de Ciências II  
Fonte: acervo pessoal da professora

A proposta teve como objetivo desenvolver atividades ao longo do ano letivo que levassem os alunos a se alfabetizarem na perspectiva do letramento. A modalidade organizativa *projeto temático* foi escolhida por possibilitar a integração de componentes curriculares de modo articulado, promovendo, assim, a socializa-

ção e a apropriação do saber científico e literário a respeito do tema escolhido.

O trabalho contemplou as etapas de levantamento de hipóteses, observação, leituras de gêneros diversos, saídas de estudo, palestra, pesquisa e exposição de trabalhos apresentados na feira de ciências da escola.

Iniciamos nosso projeto encaminhando para casa uma tarefa em que as crianças precisavam elaborar sugestões de temas. Muitas ideias interessantes apareceram. Para organizar as informações, montamos uma lista a fim de visualizarmos os temas sugeridos. Fizemos a leitura e combinamos de levar alguma reportagem e/ou textos em outros gêneros sobre as temáticas elencadas. Assim, poderíamos explorar as informações veiculadas para decidir qual seria o assunto de maior interesse da turma.



**Figura 3** - Lista de temas sugeridos  
Fonte: acervo pessoal da professora

No dia seguinte, conversamos sobre os temas apresentados: vimos imagens e textos advindos de suportes textuais variados, tais como livros, revistas e jornais que ofereciam conhecimentos pertinentes às temáticas elencadas. Analisamos cada material e coletivamente decidimos votar

no tema que a turma considerou mais relevante. Essa atividade possibilitou a participação dos alunos nas interações orais, em círculo, nas quais puderam questionar, sugerir e argumentar, respeitando os turnos das falas individuais.



**Figuras 4 e 5** - Explorando informações  
Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 1. Graduada em Curso Normal Superior (ASSELVI) e Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais (Dom Bosco). Atua na Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim, em Florianópolis-SC.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 1. Licenciada em Pedagogia: Orientação Educacional (UFSC) e Mestre em Educação (UFSC).

<sup>3</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

<sup>4</sup> O projeto temático é uma dentre as muitas possibilidades metodológicas indicadas pelo PNAIC. Essa modalidade permite articular diferentes áreas do conhecimento, bem como romper com a estratificação de saberes e as práticas cristalizadas. Além disso, pode contribuir não apenas com a alfabetização, mas para a formação social de leitores. Os fundamentos teórico-metodológicos podem ser acessados no Caderno 3, que trata da Interdisciplinaridade no Ciclo de Alfabetização.

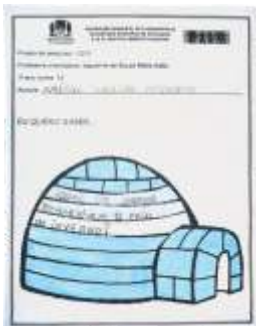




**Figura 6** - Gráfico de colunas  
Fonte: acervo pessoal da professora

Dentre os 25 votos válidos da nossa turma, 18 foram para o tema “A vida no gelo”. Visando proceder com o tratamento da informação, decidimos montar um gráfico de colunas para visualizarmos melhor como ficou o resultado da votação.

Após a definição do tema, precisávamos escolher os tópicos da pesquisa sobre a qual iríamos nos debruçar. Sendo assim, foi encaminhada para a casa uma tarefa em que as crianças deveriam escrever junto à família o que gostariam de investigar ao longo do ano letivo.



**Figura 7** - Tarefa “Eu quero saber”  
Fonte: acervo pessoal da professora

Na sequência, compilamos as nossas curiosidades em formato de perguntas e definimos algumas etapas para encontrar os conhecimentos científicos, já produzidos pela humanidade, que poderiam responder às nossas indagações. As perguntas elaboradas foram as seguintes:

- a) Quais os tipos de animais que vivem no Polo Norte?
- b) Como é a vida dos ursos polares e como sobrevivem no inverno?

- c) Os ursos polares estão em extinção?
- d) Como as baleias sobrevivem no mar congelado?
- e) Como a baleia respira embaixo do gelo?
- f) Como as focas sobrevivem no gelo?
- g) Como vivem os pinguins no gelo?
- h) Como os pinguins botam ovos?
- i) Como é a vida dos esquimós?
- j) Como se alimentam e como constroem os iglus?
- k) Como se faz uma casa de gelo?
- l) Como os esquimós fazem as roupas?
- m) Como é a cultura dos esquimós?
- n) Tem criança no Polo Norte?
- o) Quantas pessoas cabem dentro do iglu?
- p) Como as pessoas que moram no gelo tomam banho?
- q) É frio dentro do iglu?
- r) Mesmo com o sol, o clima no gelo é frio?
- s) O gelo é doce ou salgado?
- t) Existem plantas no gelo?
- u) No gelo tem noite?
- v) Como as geleiras se formam?



**Figura 8** - Gêneros textuais para revisão de literatura  
Fonte: acervo pessoal da professora

Como uma das etapas de desenvolvimento do projeto, fizemos uma revisão de literatura. Para tanto, montamos uma caixa e compusemos um acervo robusto contendo gêneros textuais diversos, cuja arrecadação só foi possível pelo trabalho e envolvimento de todos. Por estarem em processo de alfabetização, nem todos os alunos dominavam a leitura fluente, mas esse fato não foi impeditivo para interagirem com os gêneros textuais e realizarem suas explorações; ao contrário, em grande medida, essa atividade serviu para aguçar ainda mais a curiosidade sobre as infor-

mações dispostas que ainda não conseguiam acessar com autonomia.

Alguns alunos, ávidos por esclarecimentos, solicitaram momentos de leitura compartilhada e se entregaram atentamente às situações de escuta, uma vez que estavam altamente motivados a encontrarem as respostas relativas às suas indagações.



**Figuras 9 e 10** - Explorando os materiais do acervo

Fonte: acervo pessoal da professora

Numa etapa seguinte, levamos para a sala de aula o mapa-múndi e perguntamos às crianças se elas sabiam onde está situado o Brasil e em que parte do mundo estão localizadas as regiões mais frias. Os alunos estavam entusiasmados, a turma toda participou com interesse, então tivemos uma importante discussão sobre a localização de continentes e países. Em seguida, cada criança recebeu uma cópia do mapa, no qual deveriam localizar o Brasil e algumas das regiões mais frias do mundo, bem como fazer uma legenda.

A melhor maneira que encontramos para organizar as nossas descobertas foi montar um portfólio; assim, poderíamos apresentar para a comunidade educativa



**Figura 11** - Alunos identificando e pintando os continentes do mundo

Fonte: acervo pessoal da professora

o passo a passo do nosso projeto didático.

Em um de nossos momentos de leitura deleite, na biblioteca, ouvimos tivemos a contação da história *O iglu* (SILVA, 2008). As crianças ficaram encantadas. No retorno para sala, conversamos sobre a história fazendo inferências sobre o tema em estudo. Decidimos registrar as nossas breves considerações por meio do gênero *resumo*.



**Figura 12** - Organizando as descobertas no portfólio

Fonte: acervo pessoal da professora

Alguns dias depois, recebemos a visita de Augusto Huguesvon Montfort, graduando do curso de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Santa Catarina, que nos agradeceu com uma palestra sobre “A vida no gelo e animais do Polo Norte”. Foi surpreendente a reação das crianças com as imagens e os conhecimentos apresentados. Elas interagiram o tempo inteiro fazendo questionamentos interessantes e trazendo à tona conheci-



**Figura 13** - Leitura deleite na biblioteca

Fonte: acervo pessoal da professora

mentos elaborados a partir das leituras já realizadas previamente em sala de aula.

Foi um momento profícuo de compreensão conceitual e de ampliação de repertório. Essa atividade facultou, dentre outras coisas, a escuta atenta de texto oral e a familiarização com o gênero “palestra”, que, por ter um caráter formativo, possui um nível maior de formalidade.

Em outra ocasião, como contribuição para nosso estudo, a nossa amiguinha Luísa trouxe um vídeo do gênero “documentário”, intitulado *A vida do urso polar e a foca marinha*. Assistimos ao vídeo na sala informatizada da escola e obtivemos mais informações sobre a temática. As crianças ficaram admiradas com a dificuldade do urso polar para conseguir comida, bem como da foca para poder salvar sua própria vida.



**Figura 14** - Palestra sobre a “Vida no Gelo e animais do Polo Norte”

Fonte: acervo pessoal da professora

Dias depois, contamos também com as contribuições dos alunos da Turma Integral II, que socializaram suas descobertas sobre os animais do Polo Norte, por meio da leitura de seus registros, frutos também de suas pesquisas. Foi uma ex-

periência proveitosa de trocas de conhecimentos.



**Figura 15** - Socialização dos registros

Fonte: acervo pessoal da professora

Nossa pesquisa estava ficando muito interessante, então decidimos compartilhar com mais pessoas, principalmente com os pais. Para isso, criamos uma *fanpage* no Facebook, chamada *Projeto de Pesquisa A vida no gelo*. Dessa forma, pudemos socializar nossos avanços com os pais e com toda a comunidade educativa.



**Figura 16** - Imagem da *fanpage* do Facebook

Fonte: acervo pessoal da professora

Dando continuidade ao projeto, implementamos a Sacola Científica, que estava sendo muito esperada por todos, e veio a reboque das demais etapas do projeto. As crianças estavam ansiosas para levá-la para casa. Cada sacola tinha um texto, do gênero denominado “ficha técnica”, sobre um dos animais estudados, contendo um breve resumo da pesquisa realizada até o momento. Além disso, continha uma miniatura do animal (foca, urso, baleia e pinguim) confeccionada na escola.

Coletivamente, decidimos que o regis-

tro da Sacola Científica seria em forma de um “diário” e, assim, montaríamos um livro sobre como foi a passagem dos “amiguinhos” na casa de cada aluno. Antes de começarmos a levar os “amiguinhos”, tínhamos como missão escolher os nomes para eles. Dentre tantas opções, as crianças votaram em Flufllu para a foca, Gelinho para o urso, Tayla para a baleia e Arteiro para o pinguim.



**Figura 17** - Miniaturas  
Fonte: acervo pessoal da professora

Alguns dias após, assistimos ao desenho animado denominado *O pinguim arteiro*, o qual relata a aventura de um pinguim inquieto que, desde bebezinho, adorava aventuras. Junto com sua amiguinha Floco de Neve, ele brinca e descobre o mundo em que vive. Em suas muitas travessuras, faz grandes amigos, como o cientista e seu fiel amigo chamado *Cowboy*. Mas logo a personagem descobre que nem todos os homens são bons com os pinguins.

Devido às chuvas fortes, nossa saída de estudos planejada para o zoológico da cidade de Pomerode (SC) não aconteceu



**Figura 18** - Saída de estudos  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 19** - Feira de ciências da escola  
Fonte: acervo pessoal da professora

na data prevista. Desmarcamos várias vezes, até que, uma semana antes da Feira, conseguimos marcar nossa viagem para visitar o zoológico e ver bem de perto um dos animais que estudamos: o pinguim.

A última etapa do nosso projeto foi a produção de materiais que seriam expostos na Feira de Ciências da escola. Pensamos que seria interessante representar um ambiente “gelado”, então decidimos fazer:

- um iglu com caixas de leite;
- no tamanho das crianças, um urso polar, uma baleia, uma foca, um pinguim e um boneco de neve (com a contribuição dos pais);
- fotos das crianças caracterizados como “esquimós”;
- foca pintada pelas crianças em pratos de papel;
- telas pintadas pelas crianças com um dos animais escolhidos por elas.

O resultado foi espetacular e envolveu toda a escola e a comunidade educativa.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, as crianças começaram com montagem de palavras e, por fim, textos “alfabéticos” a respeito do tema. Na Matemática, trabalhamos peso, altura, gráfico, tabela, construção do número e quantidade. Em Geografia, fizemos leitura cartográfica, trabalhamos clima e tipos de moradias. Em Ciências, tipo de vegetação que podemos encontrar no gelo, modo de vida dos animais e esquimós, bem como a luta pela sobrevivência. Em Artes, fizemos as pin-

turas da tela e os desenhos produzidos ao longo da pesquisa, em que os alunos eram orientados a prestarem atenção nos detalhes. Em História, falamos um pouco sobre a passagem do tempo, em como viviam os esquimós antigamente, comparando com o modo de vida deles hoje.

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013) apontam para a importância de se promover a formação integral dos sujeitos e destacam que “[...] pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos” (BRASIL, 2013, p. 28). O projeto temático aqui relatado foi delineado nessa direção, para que além do conhecimento da pesquisa em si, abrangesse uma alfabetização significativa, contemplando *direitos de aprendizagens* relativos a vários eixos e componentes curriculares. No que tange à Língua Portuguesa, contemplou-se a *leitura*, a *produção textual* oral e escrita e a *análise linguística*, com enfoque nas atividades que facultaram a apropriação do SEA.

## REFERÊNCIAS

- ANTONELLI FILHO, Roberto. **A vida nas regiões polares**. São Paulo: FTD, 1996.
- LOPES, Noêmia. **Eles vivem numa fria!**, a. 7, n. 354, p. 14-16, dez, São Paulo: Abril, 2006.
- SILVA, Flávia Lins e. **O iglu**. São Paulo: Brinque-Book, 2008.



Este trabalho intitulado foi desenvolvido no ano de 2013 com turmas de 3º ano da Escola Básica Municipal Acácio Garibaldi, situada no bairro Barra da Lagoa, em Florianópolis. As áreas do conhecimento contempladas no projeto foram Linguagens (Língua Portuguesa e Artes – Música) e Ciências Humanas (Geografia e História), e o eixo central foi o trabalho com tradições, folclore e cultura do povo de Florianópolis. O objetivo geral foi levar os alunos a conhecer a história do lugar onde vivem e a cultura local para compará-la com as de outras regiões brasileiras. Foi proposto, como objetivo específico, o trabalho com práticas de uso da linguagem, incluindo atividades de apropriação do SEA, fala e escuta, leitura e autoria, articulando conceitos de diferentes áreas e componentes curriculares.

Inicialmente, conversamos com os alunos sobre folclore para avaliarmos o conhecimento que eles já tinham sobre o assunto. Após o debate inicial, fizemos a leitura de um texto sobre folclore que falava sobre adivinhas, parlendas, lendas, danças, brincadeiras e comidas típicas. Discutimos sobre cada um desses concei-



**Figura 1** - Interação em sala de aula  
Fonte: acervo pessoal da professora

tos e gêneros discursivos e sobre o que significam na e para a cultura popular.

Contamos aos alunos lendas como do Boto Rosa, do Saci Pererê e da Iara, conversamos sobre as personagens, a história (enredo) de cada lenda e onde aconteceu. Com a leitura dessas histórias em lendas, pudemos identificar as características desse gênero. Assim, os alunos registraram no caderno, com a ajuda da professora, as características do gênero *lenda*, exemplificando com as lendas ouvidas.



**Figura 2** - Atividade em sala de aula  
Fonte: acervo pessoal da professora

Após isso, fizemos uma dobradura da personagem Iara. Como dever de casa, os alunos fizeram exercícios de caça-palavras e de ligar os pontos sobre o vocabulário das lendas. Outra tarefa para casa foi perguntar aos pais e avós se sabiam alguma história reconhecida como lenda.

Apresentamos algumas lendas locais (Maria Sangrenta, Lagoa do Peri e da Conceição e a lenda das Bruxas) e perguntamos às crianças se já tinham ouvido falar dessas histórias e o que sabiam sobre elas. Lemos as lendas para os alunos e discutimos sobre suas impressões, explorando o que entenderam sobre as lendas ouvi-



**Figura 3** - O mapa do Brasil e as lendas brasileiras  
Fonte: acervo pessoal da professora

das. Perguntamos, então: “Em relação às lendas e histórias orais contadas de geração a geração, como Florianópolis é conhecida?” Aproveitamos para explicar que Florianópolis tem a parte continental e insular, o que muitos deles não sabiam.

Depois desse momento, mostramos o mapa do Brasil e, juntamente com os alunos, identificamos as diferentes regiões brasileiras. Apresentamos diferentes lendas de diversas regiões do Brasil e conversamos sobre as características dos lugares e seus costumes.

Na sequência das atividades, organizamos a classe em grupos. Distribuímos para cada grupo o desenho de uma persona-

<sup>1</sup> Orientadora de Estudos, Polo 1. Licenciada em Letras Português/Inglês, Bacharela em Letras Tradutor-Intérprete Inglês e Alemão pela PUC-RS, Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino de Português e Línguas Estrangeiras pela UNISINOS-RS e Mestre em Linguística Aplicada pela UFSC. Professora de Língua Portuguesa e Inglesa da Prefeitura Municipal de Florianópolis e Coordenadora da área de Línguas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

<sup>2</sup> Professora cursista, Polo 1. Licenciada em Pedagogia. Professora dos anos iniciais da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

<sup>3</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).





**Figura 4** - Elaboração de uma lenda e apresentação oral

Fonte: acervo pessoal da professora

gem lendária para que criassem uma lenda a partir do desenho e registrassem a história numa folha. Depois disso, cada grupo recebeu a lenda referente à personagem para comparar com o que foi escrito. Então, cada grupo apresentou a lenda que escreveu e leu a lenda “verdadeira”, para que o grupo pudesse conhecê-las e compará-las em uma grande roda de conversa.

Depois desse momento, organizamos a apresentação de uma peça de teatro a partir das lendas escritas pelos estudantes nos grupos. Antes, trouxemos alguns exemplares de peças de teatro escritas para que pudéssemos observar, discutir e registrar as características de uma peça teatral, e assim escrevermos a nossa.



**Figura 5** - Atividades diversas em sala de aula

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 6** - Produção escrita individual

Fonte: acervo pessoal da professora



Pedimos, então, às crianças que conversassem com seus pais sobre danças e brincadeiras de crianças típicas da nossa região. Socializamos a pesquisa feita com os pais no grande grupo. Observamos que a maioria dos alunos trouxe o boi de mamão como personagem típico da nossa cultura, e que todos conhecem e adoram participar da dança teatral do boi de mamão.



**Figura 7** - Atividades em grupo

Fonte: acervo pessoal da professora

Confeccionamos, depois dessas atividades propostas, um boi de mamão com material reciclável para usar nas mãos como um fantoche. O professor de música trabalhou com as crianças a música do boi de mamão para apresentarmos na mostra pedagógica.

No dia 31 de outubro, organizamos uma festa de “bruxos”, resgatando as histórias de bruxas da cidade de Florianópolis, que é conhecida por seus causos e lendas de bruxas. Lemos um texto informativo sobre o *halloween* com o intuito de, ao conhecer também outras culturas,

valorizar a nossa; fizemos uma roda de contação de histórias. Os alunos neste dia vieram fantasiados de bruxos e bruxas e fizemos várias atividades lúdicas relacionadas às histórias da cidade.

As questões, problematizações e dificuldades em relação à língua observadas pela professora foram trabalhadas sistematicamente ao longo do projeto, a exemplo das regularidades e irregularidades ortográficas e dos elementos de coesão textual. O trabalho foi realizado através de atividades que proporcionaram a reflexão dos alunos sobre a língua em uso, e a cada análise e reflexão sobre os usos da língua observada, realizada, trabalhada e exercitada solicitava-se um registro escrito com o propósito de, com a reflexão sobre o que escrevem e falam, consolidar a aprendizagem dos conhecimentos linguísticos sobre a fala e a escrita.

Por fim, o projeto culminou com a confecção de livros de lendas, apresentação de teatro e dança na Mostra Pedagógica da escola, no final do ano.

## REFERÊNCIAS

LOBATO, Monteiro. **Saci**. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1999.

PINHEIRO, Gigi. **Maria Sangrenta**: a história famosa da loira do banheiro. São Paulo: Baraúna, 2012.



**Figura 8** - Confecção de livro e apresentação final  
Fonte: acervo pessoal da professora

#### Videos

A LENDA do Boto Rosa. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=th42e-bkN30&noredirect=1>>. Acesso em: nov. 2016

A LENDA da Iara. Disponível em:  
<<http://lendasdobrasil.blogspot.com.br/2010/10/lenda-da-iaara.html>>. Acesso em: nov. 2016

AS BRUXAS de Itaguaçu. Disponível em:  
<<https://vivacoqueiros.com/2014/01/17/bruxas-de-itaguacu-a-lenda/>>. Acesso em: nov. 2016.

AS LENDAS da Lagoa da Conceição e da Lagoa do Peri. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=yz57t3Kkj mM>>. Acesso em: nov. 2016.

## SOU PARTE DO MEIO AMBIENTE, POR ISSO PRECISO CUIDAR DELE

Maira Kosmann<sup>1</sup>  
Cleidiana Watte<sup>2</sup>  
Maira Gledi Freitas Kelling Machado<sup>3</sup>

O relato de experiência a seguir foi desenvolvido na Escola do Centro Municipal de Educação Infantil e Fundamental, composta por aproximadamente 315 alunos, localizada na cidade de Anchieta (SC). O trabalho, desenvolvido com 21 alunos de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, foi realizado pela professora alfabetizadora Maira Kosmann.

É importante destacar que todos os alunos dessa turma frequentaram a Educação Infantil. A ideia, nesse contexto, foi desenvolver um projeto relacionado às questões ambientais. A partir disso, procuramos adotar um subtema importante e bem atrativo: *Sou parte do meio ambiente, por isso preciso cuidar dele*. Vários foram os objetivos para se trabalhar com a temática, mas destacamos aqui o mais importante: “Situar-se com relação ao 'ontem' (ao que passou), com relação ao 'hoje' (ao que está ocorrendo) e com relação ao 'amanhã' (a expectativa do por vir)”.

Para introduzir a temática em estudo, passamos para as crianças uma mensagem de reflexão, que continha imagens e escrita em *slides* de Power Point. A apresentação tratava sobre como as crianças podem melhorar o mundo e conviver melhor no ambiente em que vivem, sobre suas contribuições para a vida do planeta. Expunha, enfim, que é preciso deixar um mundo melhor para as crianças e crianças melhores para o mundo.

Depois, realizamos uma reflexão acerca da mensagem e assistimos a uma apresentação em *slides* da música “Herdeiros

do futuro”, de Toquinho. Encontrada na internet, a apresentação trazia a letra da música e imagens condizentes com ela, fazendo referência a tudo o que a natureza e a mãe Terra nos oferecem; tratava sobre a responsabilidade humana na busca da própria felicidade e da manutenção da vida do planeta como um todo, a começar pelo país onde vivemos.

As crianças se mostraram encantadas com o conteúdo da música e com as imagens, pois cantavam com inspiração. Aproveitamos o momento para pedir que eles comentassem o que ouviam dos pais e dos avós sobre como era a vida e a natureza no tempo em que eles eram crianças. Então, comparamos com a vida de hoje e fizemos questionamentos sobre como poderá ser o futuro. Eles perceberam que é nas pequenas ações que podemos fazer a diferença, fazer a nossa parte. Com essa atividade, foi possível também desenvolver a oralidade com as crianças: as crianças tinham de esperar o momento de falar e respeitar o que o outro falava. Na sequência, explicamos aos alunos sobre o projeto que desenvolveríamos no segundo semestre, destacando que haveria um trabalho com subtemas.

Em seguida, fizemos a leitura do texto “Mandamentos ecológicos” de Vasconcelos Sobrinho, na expectativa de promover reflexões sobre a preservação de todas as formas vivas que coexistem no planeta: os seus recursos e a sua produtividade, as águas e a limpidez do ar, o cuidado com o solo e os recursos naturais, as ações para não extinguir animais e plantas.

Cada aluno lia um mandamento, que corresponde a uma frase somente, e nesse momento salientamos a importância das vírgulas na leitura oral.

Depois disso, as crianças sublinharam no texto as palavras desconhecidas, anotaram-nas no caderno e procuraram no dicionário seus significados. Ao todo, foram muitas as palavras desconhecidas pesquisadas, o que nos fez perceber que costumamos pensar que as crianças já conhecem as palavras e isso, algumas vezes, é um equívoco. Foi uma atividade longa, mas que promoveu enriquecimento no vocabulário das crianças.

No momento seguinte, as crianças enumeraram os parágrafos do texto e reescreveram o parágrafo que falava sobre o “pa-

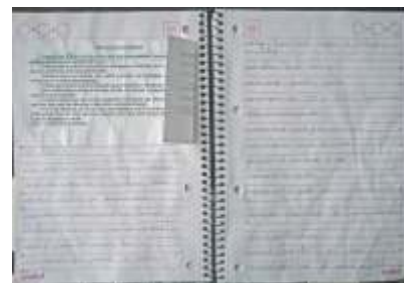


Figura 1 - Registro das palavras pesquisadas no caderno.  
Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Pós-Graduada em Educação Infantil e Anos Iniciais. Professora Alfabetizadora da rede Municipal de Ensino de Anchieta (SC).

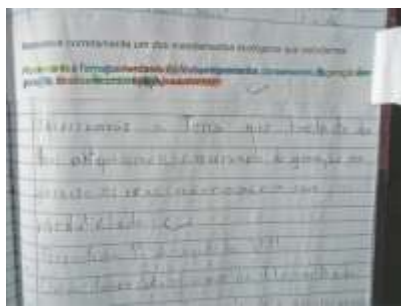
<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga, Pós-Graduada em Anos Iniciais e Educação Infantil e Especialista em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Rural. Orientadora de Estudos do PNAIC no município de Anchieta (SC).

<sup>3</sup> Formadora de Linguagem, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UESC).

trimônio original da criação”. Como o texto tratava dos recursos naturais, conversamos sobre isso; depois os alunos fizeram ilustrações no caderno representando os recursos naturais.

Quanto ao texto, pedimos que eles pintassem de verde o parágrafo que relatava como era o passado na natureza e de vermelho o parágrafo o que relatava nosso futuro. Depois, as crianças escreveram sobre o que é preciso fazer para continuarmos a preservar nosso planeta.

Na turma, havia poucos alunos que não tinham leitura fluente, a maioria lia com clareza. Entre eles, havia um aluno que sabia ler um pouco, porém na escrita não deixava o espaçamento entre as palavras. Então, entregamos a ele uma atividade diferenciada: escrevemos um parágrafo do texto dos mandamentos ecológicos com as palavras todas juntas, para que o aluno reescrevesse corretamente no caderno, com auxílio quando necessitasse. Percebemos que alunos que têm essa dificuldade devem estar constantemente sendo auxiliados, para superar a dificuldade e compreender como ocorre a escrita e a segmentação das palavras.



**Figura 2** - Registro da atividade das palavras  
Fonte: acervo pessoal da professora

Na escrita, alguns alunos trocavam letras ou deixavam letras faltando, e por isso trabalhamos com o jogo Troca Letras (da Caixa Amarela), pois as crianças gostam de brincar com palavras e com letras, refletindo sobre as semelhanças e diferen-

ças entre elas. Utilizamos também o jogo Bingo dos Sons Iniciais (Caixa Amarela), que trabalha com as sílabas e é muito importante para aqueles alunos que estão aprimorando a leitura e a escrita das palavras.



**Figura 3** - Alunos indo ao passeio feito até o viveiro

Fonte: acervo pessoal da professora

Em outro momento do projeto, a fim de observarmos como estava o ambiente na escola, no pátio e ao redor da escola, no quarteirão, fizemos uma caminhada ao longo da rua Olinda e fomos até o viveiro da cidade. Chegando lá, as crianças observaram as plantas, receberam explicações sobre como são feitos o plantio das mudas, a irrigação, a adubação, enfim, sobre os cuidados necessários para cultivar as plantas. Como o espaço do viveiro é amplo e gostoso, os alunos exploraram o espaço com liberdade; ao lado do viveiro havia um bosque que “convidava” as crianças a explorá-lo. Observaram o caminho percorrido, prestando atenção nos principais pontos de referência, e depois desenharam o trajeto, registrando os quatro pontos principais.

Observamos que poucos alunos conseguiram desenhar literalmente o trajeto e que eles tiveram dificuldades de localização. Após desenharem, montamos uma apostila com todos os desenhos.

Na expectativa de tornar a aula mais atrativa e melhorar a aprendizagem, fomos ao laboratório de informática da escola para pesquisar no Google Maps, via sa-



**Figura 4** - Desenho mapeando o percurso do trajeto feito até o viveiro

Fonte: acervo pessoal da professora

télite, o trajeto da escola até o viveiro. Depois os alunos localizaram as suas moradias. Eles se interessaram muito pela atividade, mostraram-se encantados.

Ainda no intuito de trabalhar a localização geográfica, na sala de aula utilizamos o assoalho, no qual as crianças se posicionaram uma ao lado da outra, deixando uma cerâmica vazia entre elas. Colocamos em frente a elas uma cadeira como objeto de referência e ditamos as coordenadas: um passo para a direita, um passo para a esquerda, um passo para trás, outro para frente, um passo na diagonal para o lado direito, um passo para trás na diagonal. E assim fomos explorando o ambiente, abordando a localização e a lateralidade.

No viveiro, aproveitamos para ver como são feitos o plantio das mudas, a irrigação, a adubação, e mais assuntos que surgiram referentes às plantas, inclusive sobre cidades nas quais eles participam de exposições em feiras.



**Figura 5** - Observação das plantas no viveiro  
Fonte: acervo pessoal da professora



Ainda no viveiro, pesquisamos os preços das mudas de árvores e flores (Figura 6).



Dátilo	R\$ 15,00
Amora	R\$ 15,00
Abacateiro	R\$ 15,00
Alfafa	R\$ 15,00
Almeirão	R\$ 15,00
Alcachofra	R\$ 15,00
Alho	R\$ 15,00
Alho-poró	R\$ 15,00
Alho-saco	R\$ 15,00
Alho-triplo	R\$ 15,00
Alho-velho	R\$ 15,00
Alho-verde	R\$ 15,00
Alho-rosa	R\$ 15,00
Alho-branco	R\$ 15,00
Alho-pretinho	R\$ 15,00
Alho-pimenta	R\$ 15,00
Alho-bombom	R\$ 15,00
Alho-ouro	R\$ 15,00
Alho-estrela	R\$ 15,00
Alho-cristal	R\$ 15,00
Alho-azul	R\$ 15,00
Alho-verde	R\$ 15,00
Alho-rosa	R\$ 15,00
Alho-branco	R\$ 15,00
Alho-pretinho	R\$ 15,00
Alho-pimenta	R\$ 15,00
Alho-bombom	R\$ 15,00
Alho-ouro	R\$ 15,00
Alho-estrela	R\$ 15,00
Alho-cristal	R\$ 15,00
Alho-azul	R\$ 15,00

**Figura 6** - Registro do preço das mudas de plantas  
Fonte: acervo pessoal da professora

Na sala de aula, organizamos uma lista com os preços em ordem crescente. A partir daí, vários problemas matemáticos foram realizados envolvendo os preços. Exemplos: “Pedro foi ao viveiro pra comprar muda de pessegueiro e gastou R\$ 150,00. Quantas mudas ele comprou?”; “Mariana quer plantar mais mudas frutíferas no seu pomar. Ela comprou 2 mudas de pessegueiro, 1 muda de laranja, 1 muda de parreira e 2 mudas de morgota. Quanto Maria vai gastar?”; “José foi ao viveiro e comprou 3 bonsais, pagou com uma nota de R\$ 100,00. Quanto foi o troco que ele recebeu?”; “Carla vai plantar em seu jardim 2 carreiras de mudas de camélia com 6 mudas cada carreira. De quantas mudas vai precisar? Quantos reais vai gastar para comprar as mudas?”; “Quantos reais a menos o pessegueiro custa do que a jabuticabeira?”; “João tem R\$ 50,00 e quer comprar plantas sem que reste nada de dinheiro. Liste o que ele poderá comprar”.

Em outro momento, trabalhamos também a construção da Tabuada do 5, a par-



**Figura 7** - Desenho localizando a moradia dos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

tir do valor do *Kalanchoe*. Essa atividade foi rica, pois as crianças perceberam a tabuada presente no cotidiano. Abordamos também a localização da casa onde as crianças moram, o nome da rua, o que tinha na frente e atrás da casa, ao lado direito e ao esquerdo, e um ponto de refe-



**Figura 8** - História criada pelos alunos, sobre a sementinha

Fonte: acervo pessoal da professora

rência perto da casa. Os alunos desenharam, e depois cada um falou sobre a localização da sua moradia.

Confeccionamos também um livrinho com desenhos da história da sementinha, para o qual as crianças tiveram de criar a história e o título; elas receberam os desenhos misturados e tinham de organizá-los. O livrinho ficou lindo, pois as crianças foram bem criativas na história.

Em seguida, trabalhamos com a história *Quem é o centro do mundo?* As crianças fizeram a ilustração; de um lado do livro estava essa história, e do outro lado, a história da sementinha.

Dando sequência às atividades, estudamos a poesia *Azul e lindo: planeta Terra, nossa casa*, de Ruth Rocha e Otávio Roth (2004). Na poesia, o planeta Terra é apresentado como única morada de todos os seres vivos que já passaram e que virão. Versa que a tecnologia que se encontra à disposição humana não garante a continuidade da vida do planeta, e que nem o ser humano será capaz de conhecer tudo. A partir da leitura, levantamos um questionamento para as crianças: “Qual a finalidade da poesia?” O objetivo era de que percebessem as características do gênero, então conversamos sobre essas características. Em seguida, pedimos que escolhessem quatro palavras da poesia e que formassem frases com elas.

Diante dos resultados alcançados, podemos afirmar que este trabalho contribuiu para que as crianças vivenciassem, de maneira atrativa e participativa, ativi-



**Figura 9** - História da Sementinha usada na contação

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 10** - Livro de histórias ilustrado pelas crianças

Fonte: acervo pessoal da professora

des de leitura e escrita que possibilitassem a reflexão sobre as características da língua portuguesa, associada a uma sistematização de estudos sobre o Sistema de Escrita Alfabética. Os eixos da Língua Portuguesa trabalhados durante o desenvolvimento das atividades foram *leitura, oralidade e produção de textos escritos*. Na Matemática, foram contemplados os eixos *números e operações*, além de *geometria*. Na disciplina de Geografia, salientou-se o mapeamento do espaço, e na de História, discutimos e trabalhamos *tempo histórico, fato histórico e sujeito histórico*.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Clara Rosa Cruz. **Quem é o centro do mundo?** 1. ed. São Paulo: Elementar, 2010.

ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **Azul e lindo:** planeta Terra, nossa casa. 1. ed. São Paulo: Salamandra, 2004.

O relato aqui apresentado consiste em uma sequência de atividades, organizadas dentro de um projeto que envolveu toda a escola em torno da temática “Conhecendo melhor meu município”. O trabalho foi realizado com as duas turmas do 1º ano da Escola Municipal de Educação Básica Cinderela de Santa Helena, sendo a turma matutina composta por 10 alunos e a vespertina por 13 alunos, nos níveis silábico, silábico alfabético e alfabético. O objetivo esteve centrado na garantia dos *direitos de aprendizagem*, principalmente nas áreas das Ciências Sociais, Linguagens e Raciocínio Lógico Matemático.

As atividades do projeto se iniciaram com a pesquisa de alimentos produzidos no município e que são tipicamente servidos nas festas juninas, tema que motivava os alunos no momento, em virtude da passagem do período dessas festas e devido à festa junina que iria ocorrer na escola.

Esta atividade fez surgir, entre os alunos, diferentes comentários em relação aos alimentos produzidos, suas características, seus produtores, até concluíram que praticamente todos os alimentos eram produzidos no interior. Momentos de aprendizagem como estes são importantes, pois visam a participação em interações orais, desenvolvem a argumentação e o respeito aos turnos de fala, como também oportunizam diferenciar o texto falado do texto escrito. Para registrar a pesquisa e desafiar os alunos à escrita foi proposta a seguinte atividade ilustrada a seguir, na Figura 1.



**Figura 1** - Pesquisa de alimentos produzidos no município

Fonte: acervo pessoal da professora

Ao realizar a atividade, conversamos sobre como era o interior do município, o que mais se produzia lá, o que já conheciam. E o momento foi aproveitado para fazermos questionamentos e instigar os alunos acerca do que já sabiam e sobre o que tinham interesse em conhecer sobre o nosso município: “Quem conhece bem o interior? Como é lá?”, “O que caracteriza



**Figura 2** - Recorte e colagem: o que temos no município

Fonte: acervo pessoal da professora

um espaço para que ele seja de interior?”, “Que diferenças podemos notar entre o espaço do interior e o da cidade?”. Para complementar este trabalho de diferentes falas e hipóteses e observar conceitos construídos, foi proposta uma atividade de recorte: “Recorte e cole itens que podemos encontrar em Santa Helena: no interior x na cidade”, e os alunos teriam que dispor os itens em duas colunas, como ilustra a Figura 2.

Na sequência, foi incentivada a escrita espontânea sobre os itens que selecionaram e colaram; alguns alunos registraram palavras, outros, já na fase mais avançada, escreveram frases. O trabalho foi interessante, pois propiciou reflexão, leitura, escrita e motivou os alunos a participarem e quererem conhecer mais, realizando a leitura do espaço geográfico onde vivem com enfoque na categoria *lugar*.

A dimensão social e interdisciplinar do projeto oportunizou o estudo do componente curricular da Matemática no campo *tratamento da informação*, propondo pesquisa e observação para a coleta de dados quantitativos e qualitativos sobre aspectos familiares de suas vivências. Assim, foi construída coletivamente uma

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Escola Municipal Cinderela, no município de Santa Helena-SC.

<sup>2</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Escola Municipal Cinderela, no município de Santa Helena-SC.

<sup>3</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil e em Gestão Escolar professora da Escola Municipal Cinderela, em Santa Helena-SC.

<sup>4</sup> Formadora, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).





zer sozinhos. O texto ficou interessante e, conforme sugestão dos alunos, depois de digitado foi complementado com fotos.

Depois de pronto o texto, construímos em conjunto uma “televisão portátil”, com a qual os alunos giravam o texto e faziam a leitura, o que os motivou muito.

Esse percurso demonstra que atividades conjuntas de escrita e leitura são importantes e significativas, pois ajudam o educando a construir diferentes aprendizagens. Na continuidade dos estudos, procurando retomar, sistematizar e instigar novas aprendizagens, foi proposta a construção de uma maquete, que inicialmente continha apenas o mapa do município. Cada aluno confeccionou a sua casa, usando caixinhas de fósforo, e também confeccionamos em conjunto a escola, com sugestões dos alunos. Observando como referência a escola, que fica no Centro, sede do município, cada aluno localizou a direção, o caminho, o lugar da sua moradia. Em seguida, foi sugerido a cada um que desenhasse ou fizesse uma colagem representando a si mesmo e o que havia perto de sua casa (na frente, aos lados), ou algo que fosse significativo para si.

Nessa atividade, observaram-se recortes representando plantas, animais de estimação, amigos, familiares, etc., cada um completando seu espaço, com seus signi-



**Figura 10** - Foto da maquete confeccionada pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

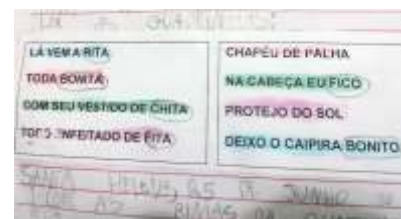
ficados, ou seja, “O lugar onde estão as referências pessoais que estruturam as diferentes formas de perceber e compreender o espaço geográfico” (BRASIL, 2015). Os alunos também sugeriram nomear as casas com seus nomes, já que a maquete era uma construção coletiva entre as turmas e, assim, poderiam identificar onde moravam os colegas da outra turma.

Pronta a maquete, conversamos sobre outras coisas que existem em nosso município, além da escola e das moradias. Falamos sobre o que as pessoas do município fazem, em que trabalham, como se divertem, que festas são populares na região, etc. Então, foi bastante comentada a festa junina, que acontecera há pouco tempo e que tinha sido muito significativa para eles, por integrar escola e família. Conversamos sobre a tradição das festas juninas e sobre o que cultivamos de sua cultura, como as cantigas, danças, comidas típicas, brincadeiras, e também a tradição de recitar quadrinhas. Foi a vez, então, de contemplar o *direito de aprendizagem* que se refere a apreciar e usar em situações significativas os gêneros literários do patrimônio cultural da infância, como parlendas, cantigas, trava-línguas e quadrinhas.

Nesse momento, começamos a questionar: “O que são quadrinhas? Conhecem alguma?”. Vários alunos recitaram quadrinhas de que lembravam. Na sequência, distribuímos às crianças duas quadrinhas para leitura, e em seguida questionamos: “Já conheciam essas quadrinhas?”, “São muito populares?”, “Têm título? Têm autor? Por que não?”, “O que as duas quadrinhas têm em comum?”. Após algumas hipóteses, como indicação de palavras com iniciais iguais, palavras parecidas, alguém falou que ambas tinham quatro linhas, ao que foi questionado: “Como se chamam essas linhas?”. Os alunos não

tinham certeza, e alguns chamavam a quadrinha toda de “versinho”, o que foi abordado com nossa intervenção, explicando e tirando as dúvidas.

Para atividade desse momento, foi sugerido que escolhessem quatro cores e pintassem cada verso de uma cor diferente. Também conversamos sobre aquilo que torna as quadrinhas textos interessantes, ou seja, as rimas. Coletivamente, identificamos as rimas e circulamos no texto.

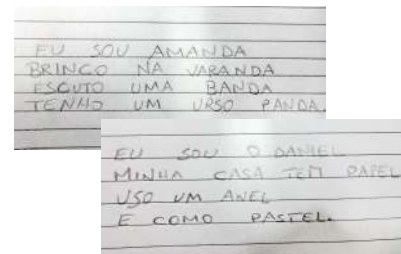


**Figura 11** - Quadrinha para os alunos conhecerem a estrutura do gênero

Fonte: acervo pessoal da professora

Para resgatar um pouco dessa cultura popular, os alunos tiveram como tarefa de casa pesquisar uma quadrinha do tempo dos pais ou uma que os pais conheciam, para registrar no caderno. Essa pesquisa despertou o interesse e a socialização e foi muito significativa, pois os alunos estavam empolgados em ler sua quadrinha, assim como curiosos em ouvir as dos colegas.

Partindo desse trabalho e procurando desenvolver a produção escrita em diferentes gêneros textuais, despertar a criatividade, nós somamos o tema da moradia, o gênero em estudo e a importância do próprio nome – algo referencial para eles



**Figura 12** - Produção de uma quadrinha usando o próprio nome

Fonte: acervo pessoal da professora

nessa fase – e desafiamos os alunos a pensar rimas para o seu próprio nome. Em seguida, propusemos a construção de uma quadrinha usando nome próprio e rimas.

Foi um momento encantador, pois surgiram diferentes ideias, inúmeras hipóteses, falas interessantes, outras engraçadas; ou seja, o grupo todo se envolveu e um ajudava o outro, fazendo leitura, escrita, provocando reflexão e até diversão. Mais uma vez, ficou claro que situações reais de escrita motivam os alunos ao registro, assim como desenvolvem o processo de leitura.

As quadrinhas produzidas foram digitadas, e cada aluno recebeu todas as quadrinhas elaboradas para levar para casa. As crianças sentiram-se felizes, pois agora estavam levando quadrinhas que elaboraram para ler e compartilhar com a família. Houve também a sugestão de colocar as quadrinhas na maquete, e assim as produções foram socializadas entre as duas turmas.

O percurso deste interessante estudo sobre o município culminou com a socialização, em uma data marcada, dos trabalhos de todas as turmas, o que foi muito significativo, pois fez acontecer uma interação de saberes e de idades, o desenvolvimento da oralidade, um verdadeiro seminário (Figura 13). O trabalho foi admirado por todos, o que fez surgir a ideia de socializá-lo também com os pais, em uma data posterior.

Concluindo este relato, podemos afirmar que procurar contemplar conteúdos necessários em cada área do conhecimento, usar diferentes estratégias didáticas, organizar as atividades, variar as formas de avaliação, requer muito planejamento e intencionalidade dos docentes e da escola como um todo, o que não deixa de ser um grande desafio. No entanto, ressaltamos que procurar trabalhar de forma articulada com as diferentes áreas do conhecimento é fundamental, pois contribui para desenvolver nas crianças habilidades e

conceitos diversificados, de modo que sejam alfabetizadas e letradas e ampliem, com maior autonomia, suas percepções acerca do mundo em que vivem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** os diferentes textos em salas de alfabetização. Ano 1, Unidade 5. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno 3. Brasília: MEC/SEB, 2015.



**Figura 13** - Socialização do trabalho para os colegas na escola  
Fonte: acervo pessoal da professora



An embroidered scene on a blue fabric background. At the top center is a large yellow sun with several rays. To the left is a green tree with red berries. Below the sun, a person in purple is sitting on the sun. In the middle, four ducks in white, grey, yellow, and red are swimming. Below them, a red hillside is visible. At the bottom, two people are sitting on a wooden bench on a green field. The scene is framed by a white border.

**A criança na relação com  
as Ciências da Natureza e a Matemática**





## VOCÊ PASSOU PROTETOR SOLAR HOJE?

Fernanda Nascimento<sup>1</sup>  
Jaqueline da Silva Silveira<sup>2</sup>

A sequência didática apresentada neste relato<sup>3</sup> teve a duração de 20 dias e foi realizada em uma turma do 3º ano, composta por cinco alunos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Constância Lopes Pereira, do município de Garopaba (SC), e aconteceu no 4º bimestre de 2015.

As atividades desenvolvidas buscaram integrar uma proposta interdisciplinar, envolvendo as áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, com o objetivo de fazer os alunos refletirem sobre a importância do protetor solar em todas as estações do ano; também foram fornecidos diversos textos marcadamente informativos para que tivessem materiais suficientes para sua própria produção.

No primeiro momento, foram apresentados às crianças exemplares da revista *Ciência Hoje* para o momento da leitura, deixando que elas escolhessem os textos a serem lidos em silêncio. Após a leitura, os alunos demonstraram admiração pela quantidade de informação que aquelas revistas traziam.

Em seguida, foi sugerido que os alunos relatassem um pouco sobre o que leram.



**Figura 1** - Revistas utilizadas  
Fonte: acervo pessoal da professora

Após a fala de todos, a professora fez alguns questionamentos orais, tais como: “Vocês acham que esses textos servem para quê?”, “Que gêneros textuais acabamos de ler?”, “Qual é o assunto principal do texto que você leu?”, “Como está a disposição dele? Possui título?”.

Então, foi explicado para os alunos que textos de cunho informativo são produções com informações sobre um determinado assunto, que têm como objetivo esclarecer as questões relacionadas a diversas temáticas. Depois, os alunos receberam o texto “Como funciona a roupa com filtro solar?”, retirado da revista *Ciência Hoje* e impresso para eles. Após a leitura em voz alta, conversamos sobre o assunto tratado no texto.



**Figura 2** - Leitura de texto informativo  
Fonte: acervo pessoal da professora

Realizamos algumas atividades de reflexão e registro para esclarecer sobre o texto lido e informações contidas nele: “Que gênero de texto é esse?”, “Para que serve esse texto?”, “Qual é o assunto principal do texto?”, “Quantos parágrafos possui?”.

Nesse momento, percebeu-se também que os alunos ainda precisavam ampliar os conhecimentos sobre textos informativos,

com relação às características: uso de título, linguagem clara, direta e objetiva, busca de diversas leituras e informações em fontes bibliográficas seguras. Conversamos um pouco sobre a proposta do texto, sua estrutura e o que é necessário para ampliar o conhecimento do leitor sobre a frequência do uso do protetor solar na escola.

No segundo momento, realizamos uma pesquisa sobre a frequência do uso do protetor solar por crianças e profissionais da escola.



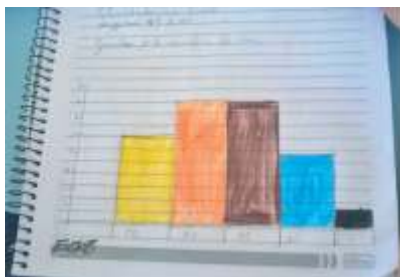
**Figura 3** - Atividade de pesquisa realizada na escola  
Fonte: acervo pessoal da professora

Em seguida, transformamos os dados da pesquisa em tabela e gráfico de barras e fizemos a análise das seguintes perguntas: “Quantas pessoas usam protetor solar todos os dias?”, “Quantas pessoas usam apenas quando vão à praia?”, “Quantas pessoas a mais passam protetor solar apenas em dia de sol, comparado às que não possuem o hábito de usar o prote-

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (UNISUL) e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais (UNIASSELVI).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos do PNAIC, Graduada em Pedagogia (UDESC) e Especialista em Práticas Interdisciplinares (FUCAP).

<sup>3</sup> A formadora Maira de Sousa Emerick de Maria, do PNAIC/SC, Polo 2, foi consultora na escrita da versão final deste relato.

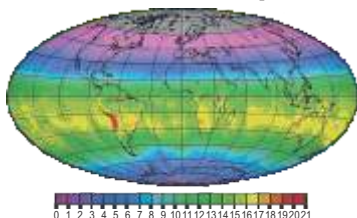


**Figura 4** - Pesquisa realizada na escola  
Fonte: acervo pessoal da professora

tor?”. Os alunos perceberam que pouquíssimas pessoas pesquisadas não fazem uso do protetor solar, porém a maioria apenas faz uso em dias de sol ou quando vai à praia.

No terceiro momento, recorremos novamente ao estudo do texto, observando a estrutura do gênero e o uso de parágrafos. Isso fez com que os alunos observassem e ressaltassem ideias e pontos importantes que devem estar presentes em textos dessa natureza. Nesse momento, a leitura e a descoberta dos alunos sobre determinado gênero foi mais científica, pois identificaram pontos significativos não mencionados antes. Para ampliar seu conhecimento, foi entregue um segundo texto informativo sobre o tema trabalhado para que os alunos realizassem a leitura, ampliassem o conhecimento e identificassem os assuntos importantes de cada parágrafo.

Com os registros feitos em seguida, discutimos o texto coletivamente em sala. Depois de explorarmos esse texto, fomos até o laboratório de informática pesquisar o horário do dia em que a radiação de ultravioleta está mais violenta para a nossa



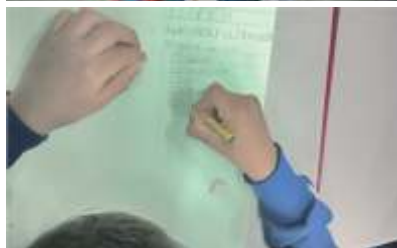
**Figura 5** - Incidência de radiação ultravioleta  
Fonte: Dalilabalekjan.wordpress.com

pele. Os alunos encontraram vários mapas da incidência da radiação ultravioleta no planeta Terra. A partir do mapa escolhido por eles, analisamos também o globo terrestre, localizando nosso país e nosso estado.

IUV	Categoria	Precauções
14	Extremo	<b>Extra proteção!</b> Evitar sol ao meio-dia, permanecer na sombra, usar boné, camisa e protetor..
13		
12		
11		
10	Muito Alto	das 11 às 13hs
9		
8		
7	Alto	das 11 às 13hs/14 às 15hs Em horários próximos ao meio-dia, procurar locais sombreados, usar camisa, boné e protetor solar.
6		
5		
4	Moderado	das 9 às 10hs/15 às 16hs
3		
2	Baixo	Você pode ficar no sol o tempo que quiser.
1		
		das 7 às 8hs/17 às 20hs

**Figura 6** - Os lados positivos da radiação UV  
Fonte: Noronha (2016)

Encontramos também uma tabela ressaltando o horário em que a radiação está mais violenta. Ao analisarmos a tabela, os alunos se deram conta de como ficamos expostos ao Sol em horários errados ou usamos protetores e bonés apenas quando vamos à praia. E novamente, recorrendo à matemática, observaram e leram a ta-



**Figura 7** - Produção de gráfico de linhas  
Fonte: Acervo pessoal da professora

bela e responderam aos seguintes questionamentos: “Qual é o horário do dia em que podemos tomar banho de Sol com segurança?”, “Em qual horário do dia os raios ultravioletas estão mais agressivos a nossa pele?”, “O que devemos fazer para evitar queimaduras na pele?”, “Além do protetor solar, o que devemos fazer para evitar doenças causadas pelo excesso de radiação ultravioleta?”.

Após a conversa sobre os dados encontrados na internet, no quarto momento foi sugerido, então, que transformassem os dados da tabela em um gráfico de linhas.



**Figura 8** - Produção de gráfico de linhas  
Fonte: Noronha (2016)

Pesquisando sobre o tema, ainda, encontramos um vídeo sobre o dia e a noite, assistimos ao vídeo e então conversamos sobre os movimentos que a Terra faz em



**Figura 9** - Assistindo ao vídeo  
Fonte: Acervo pessoal da professora



**Figura 10** - Os movimentos de rotação e translação  
Fonte: acervo pessoal da professora

torno do Sol e dela mesma.

Com ajuda de uma lanterna representando o Sol, e também de um globo terrestre, observamos como acontecem os dias e as noites, compreendendo que enquanto está dia em um lado da Terra, é noite no lado oposto. Consequentemente, retomamos os estudos dos movimentos de rotação e translação e realizamos mais atividades escritas. Então, sugerimos que realizassem um desenho sobre como é possível ver o ambiente durante o dia e durante a noite.



**Figura 11** - Produção de desenhos  
Fonte: acervo pessoal da professora

Dando continuidade, no quinto momento entramos no conteúdo 'fenômenos da natureza', e então foram realizados alguns questionamentos orais sobre o que são esses fenômenos, como se formam, o que os diferencia. Em seguida, produzi-



**Figura 12** - Uso da tecnologia para busca de informações  
Fonte: acervo pessoal da professora

mos uma lista dos fenômenos conhecidos por eles: chuva, vento, tempestade, furacão, tornado, ciclone, terremoto, raio, trovoadas, tempestades solares, maremoto e *tsunami*.

Fomos ao laboratório de informática para pesquisar informações e imagens sobre os fenômenos da natureza. Com os dados, produzimos um texto coletivo reunindo tais informações – a professora foi a escriba.

Depois disso, revisamos o texto coletivamente levando em conta as características que devem estar presentes em textos marcadamente informativos: ortografia, coerência, clareza nas informações, objetividade, linguagem técnica, organização das ideias (parágrafos: apresentação, explicação e conclusão). Em seguida, digitamos o texto para entregar a todos os alunos e realizamos algumas atividades escritas sobre os conteúdos.

Depois de adquiridos os conhecimentos sobre os raios ultravioleta, no sexto momento partimos para uma prática: realizamos a experiência da desidratação do vegetal *radicchi*. Nosso objetivo era compreender o que acontece com o nosso organismo se ficarmos muito tempo expostos ao Sol. Para isso, utilizamos seis folhas de *radicchi*, duas canecas e água. Os alunos observaram que as folhas de *radicchi* expostas ao Sol murcharam, enquanto que o *radicchi* que estava em local fresco se manteve por mais tempo intacto.



Após a experiência, cada aluno produziu um relato, a partir de um roteiro, compondo um relatório.



**Figura 13** - Experiência do radicchi  
Fonte: acervo pessoal da professora

Já no sétimo momento, e após leituras, pesquisas, estudos, conversas e debates realizados em sala de aula, os alunos já tinham adquirido os conhecimentos necessários para realizar a produção de um panfleto informativo para servir de conscientização às pessoas que usam e às que não usam protetor solar. O texto foi produzido coletivamente, e um dos colegas foi o escriba. Após a produção, realizamos a revisão, digitamos, escolhemos um desenho para ilustrar o texto e decidimos imprimir e distribuir aos alunos e funcionários da escola.





Figuras 14 e 15 - Relatório e conclusão da experiência

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 16 - Panfleto informativo

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 17 - Espalhando as informações para os alunos das outras turmas

Fonte: acervo pessoal da professora

Não satisfeitos em apenas informar os amigos e funcionários da escola, os alunos decidiram colocar em prática todo o aprendizado: produziram cartazes informativos sobre o tema estudado, para alertar as pessoas sobre a importância do uso



Figura 18 - Elaboração de cartazes

Fonte: Acervo pessoal da professora

de protetor solar para a saúde da pele, expondo as informações nas paredes da escola e do posto de saúde do bairro.



Figura 19 - Exposição de cartazes no posto de saúde da comunidade

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 20 - Exposição de cartazes na escola

Fonte: acervo pessoal da professora

Ao final do percurso, avaliamos que o tema foi bem compreendido pelos alunos, que tiveram facilidade de produzir textos relativos ao tema estudado e em diferentes gêneros (como *relatório*, *panfleto* e *cartaz*). Eles compreenderam a finalidade de textos informativos e qual o tipo de linguagem utilizada (objetiva e clara), além do uso de parágrafos, emprego de letras maiúsculas em diversas situações e organização de ideias apresentadas em um tex-

to. Alguns, ao longo do processo, necessitaram mais efetivamente da intervenção da professora e até dos colegas. Ao final, tanto no que respeita a *onde* e *quando* utilizar a pontuação adequada em suas produções, como em relação aos conteúdos e conceitos das outras áreas do conhecimento, os alunos desenvolveram as habilidades trabalhadas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à gestão educacional. **Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa**: organização do trabalho pedagógico. Caderno 1. Brasília: MEC/SEB, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à gestão educacional. **Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa**: educação estatística. Caderno 7. Brasília: MEC/SEB, 2014a.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à gestão educacional. **Pacto Nacional pela alfabetização na Idade Certa**: Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno 7. Brasília: MEC/SEB, 2015.

CIÊNCIA Hoje das Crianças. **Do tamanho do pé do rei**: histórias das unidades de medida, Rio de Janeiro, ano 26, n. 249, set. 2013, p. 28.

\_\_\_\_\_. **Tempestades solares**: o que é isso?, ano 25, n. 238, set. 2012.

\_\_\_\_\_. **Onça-pintada, a rainha da floresta**, Rio de Janeiro, ano 26, n. 251, nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Baleia-Sardineira**: enorme, veloz e superelegante!, Rio de Janeiro, ano 23, n. 210, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. **Tudo o que você precisa saber sobre Raios**, Rio de Janeiro, ano 26, n. 242, jan./fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Ei, jacaré!** Quem conhece a sua história?, Rio de Janeiro, ano 27, n. 254, mar. 2014.

DE ONDE vem o dia e a noite? Disponível em: <[http://www.dailymotion.com/video/xxqmah\\_de-onde-vem-o-dia-e-a-noite\\_people](http://www.dailymotion.com/video/xxqmah_de-onde-vem-o-dia-e-a-noite_people)>. Acesso em: 21 nov. 2016.

DOLZ, Joaquim; SCHEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2014.

INCIDÊNCIA de radiação ultravioleta. Disponível em: <[dalilabalekjian.wordpress.com](http://dalilabalekjian.wordpress.com)>. Acesso em: set. 2016.

NORONHA, Mariana. Radiação ultravioleta é a principal causadora do câncer de pele. PORTAL SATC. Disponível em: <<http://www.noticias.satc.edu.br/13189/satc/geral>>. Acesso em: 21 nov. 2016.



## CRIANDO COM AS FORMAS GEOMÉTRICAS E ESCRREVENDO PARLENDAS

Cintia Franz<sup>1</sup>  
Janete Regina Kist Neis<sup>2</sup>  
Marisa Pick Baller<sup>3</sup>

O trabalho que será aqui relatado foi desenvolvido pela da professora Janete Regina Kist Neis, com uma turma de 19 alunos do 1º ano do Núcleo Educacional Municipal Professor Claudino Locatelli, do município de Ipumirim (SC).

A professora iniciou o trabalho com uma roda de conversa e a leitura da obra *As três partes*, de Edson Luiz Kozminski (2008). Trata-se de um livro que conta a história de uma casa que cansou de ser casa e resolveu desmontar-se em três partes, para poder viver aventuras emocionantes, transformando-se em coisas novas e divertidas, brincando até de esconde-esconde com as crianças e preparando uma linda surpresa para a vovó.

Após a leitura, a alfabetizadora realizou perguntas de localização de informação e inferências sobre os fatos ocorridos na história, através de alguns questionamentos: “Quais foram os objetos que apareceram na história?”, “De que eles eram feitos?”, “Por que as três partes foram se transformando em diferentes objetos durante a história?”, “O que fez o pássaro com o peixe? Por quê?” (destacando, neste momento, informações sobre a cadeia alimentar),



**Figura 1** - Capa do livro trabalhado  
Fonte: Kozminski (2008)

“Por que as três partes não foram embora no final da história?”, “Elas estão presentes em nosso dia a dia? Onde?”.

Logo em seguida, para identificar a presença das partes, cada aluno localizou, na sala de aula e fora dela, várias outras formas, destacando sempre o nome de cada figura geométrica e depois registrando no caderno.



**Figura 2** - Alunos identificando as formas geométricas existentes na vida real  
Fonte: acervo pessoal da professora

No segundo dia, a professora apresentou aos alunos os blocos lógicos, explicando que são figuras tridimensionais, ou seja, que têm três dimensões: altura, comprimento e largura, diferentemente das figuras que faziam parte da história trabalhada no primeiro dia, que eram figuras planas.

Para as atividades, foram consideradas apenas as faces das peças. Com elas foram construídas diferentes figuras, tendo por base aquelas encontradas na sala de aula e fora dela. Além disso, oralmente cada educando explicou o que fez e quais figuras foram usadas. Por ser uma turma de 1º ano, a professora foi questionando com intuito de os educandos identificarem a letra inicial do nome da figura cria-

da, a letra final, as sílabas inicial e final, além da quantidade de letras que formavam o nome.

Depois, coletivamente instigou-os à descoberta das diferenças existentes entre as peças e a sua classificação; para isso, as crianças explicavam o porquê da classificação feita por forma, cor e espessura. Objetivando tornar a atividade mais lúdica, a professora estimulou a turma para o jogo de dominó dos blocos lógicos, em que cada aluno era desafiado a encontrar uma peça que tivesse apenas um atributo igual ou diferente à peça anterior.

O planejamento pautado nesse direcionamento, integrando saberes de Língua Portuguesa e de Matemática, é um dos aspectos abordados em Brasil (2014, p. 7):

Nos anos iniciais, a Alfabetização Matemática não deve se resumir a procedimentos mecânicos com o uso de símbolos. Vários são os estudos que mostram como isso pode levar as crianças a desenvolver concepções errôneas e a cometer erros em procedimentos algorítmicos. Entendemos que a Matemática surge como problematização e organização da realidade.

No terceiro dia, a professora iniciou as atividades com a leitura da história *Um bebê em forma de gente*, de Ziraldo (1996), e questionou: “Quem foi o personagem desta história?”, “Que idade ele pode ter?”, “Será que um bebê pode fazer o que o be-

<sup>1</sup> Formadora, Polo 3. Mestranda do PROFLETRAS da UFSC, Licenciada em Letras e Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Rio do Sul (SC).

<sup>2</sup> Alfabetizadora cursista (2013 e 2014). Pós-Graduada lato sensu em séries iniciais e Pedagogia.

<sup>3</sup> Orientadora de Estudos (2013 a 2016). Pós-Graduada lato sensu em Gestão Escolar (UDESC) e Pedagogia.



**Figura 3** - Alunos com os blocos lógicos e o jogo de dominó

Fonte: acervo pessoal da professora

bê da história fez? Como?”, “Quem ensinou o bebê sobre as formas?”, “E como o bebê percebeu que elas estavam presentes nos diversos objetos?”, “O que vocês acharam das atitudes do bebê, de mexer nas gavetas e descobrir as formas das roupas?”, “O que pode acontecer com alguém que tem atitudes idênticas às do bebê?”.



**Figura 4** - Capa do livro utilizado

Fonte: Ziraldo (1996)

Em seguida, os alunos, com os recortes das diferentes formas geométricas, construíram um novo desenho; depois, escreveram o nome de cada uma das peças, so-



bre a qual foram conhecendo: letra inicial, letra final, número de sílabas e ordem alfabética das palavras.

Nos desenhos construídos com as formas geométricas apareceram vários animais e, em função disso surgiu a necessidade de levar para a sala de aula textos informativos sobre eles, os quais foram extraídos do livro: *Como? Onde? Por quê?: perguntas e respostas sobre o mundo animal*, de Carolina Caires (COELHO, 2008). Além disso, foram utilizados textos informativos, extraídos da internet, sobre os gatos e as focas.

Brasil (2015) nos faz perceber a importância de integrar saberes, os quais, quando desenvolvidos por meio de uma prática voltada para o *letramento*, implicam em uma aprendizagem significativa para os alunos.

Quando falamos em saberes escolares, nos referimos não somente aos conteúdos específicos que fazem parte do currículo de cada uma das disciplinas escolares, tais como Língua Portuguesa, Ciências ou Matemática, mas também, e em conjunto, às discussões de procedimentos, práticas e habilidades desenvolvidas para a vida, importantes não somente para o que se espera de um aluno de sucesso, mas também para a construção de um ser humano de sucesso, que se propõe a aprender ao longo da vida (BRASIL, 2015, p. 10).

No quarto dia, cada aluno contou, no desenho, a quantidade de formas geométricas que utilizou, fazendo o registro numa tabela e construindo um gráfico. A professora fez a interpretação e explorou



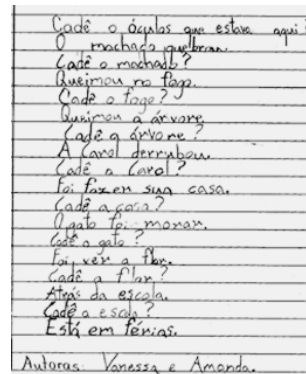
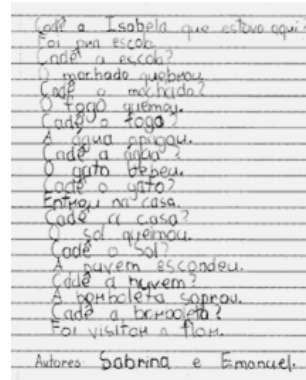
**Figura 5** - Desenhos produzidos pelos alunos com as formas geométricas

Fonte: Acervo pessoal da professora

as informações contidas no gráfico.

Posteriormente, no quinto dia, com o objetivo de produzir uma parlenda com os alunos utilizando os desenhos produzidos com as formas geométricas, a professora brincou com a parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?”. Primeiro fazendo a leitura, depois as relações entre as letras e os sons. Em seguida, os alunos foram divididos em pequenos grupos e desafiados a construir uma nova parlenda usando os desenhos feitos com as formas geométricas obtidas na atividade do dia anterior.

Com os textos concluídos, os alunos sentiram a necessidade de divulgar o trabalho realizado em sala de aula, pensaram em algumas possibilidades e optaram por compilar os textos e produzir um livro, além de fazer o lançamento desse li-



**Figura 6** - Parlendas produzidas pelos alunos

Fonte: Acervo pessoal da professora



**Figura 7** - Divulgação do anúncio do lançamento do livro  
Fonte: Acervo pessoal da professora

vro. Para isso, foi necessário confeccionar um anúncio.

No sexto dia, a professora introduziu o gênero textual *anúncio* no momento da leitura compartilhada e na análise textual, e identificou suas características. Depois, coletivamente a turma produziu o anúncio com suas ideias próprias, sendo a professora a escriba. Para concluir o trabalho, foram ao laboratório de informática da escola e digitaram o anúncio para afixá-lo no ambiente escolar a fim de divulgar o evento.

No sétimo dia de atividades, a professora criou um ambiente de discussão para listar quem seriam os convidados para o



**Figura 8** - Aluna digitando o convite e convite pronto produzido por um aluno  
Fonte: acervo pessoal da professora



lançamento do livro, então as crianças sentiram a necessidade de convidar os pais. Nessa ocasião, vieram os questionamentos: Como fazer? De que maneira elaborar o convite? E assim surgiu a ideia de escrever um bilhete. A professora estimulou os alunos a elaborarem, coletivamente, um bilhete com o intuito de convidar os pais para o lançamento do livro da turma do primeiro ano. Nesse bilhete, a professora redigiu propositalmente sete palavras grafadas de modo errado, desafiando os alunos descobrirem os erros e corrigi-los.

Em relação à escrita do bilhete, destacamos que foi um momento interessante porque os alunos que já dominavam a leitura ajudavam os outros a perceberem o erro, caso ele surgisse, mostrando que juntos todos aprendem. A turma encaminhou-se novamente ao laboratório de informática, e ali foi digitado o bilhete para entrega a seus pais.

No oitavo dia, as crianças começaram a pensar e organizar coletivamente o livro; definiram o título, a capa, a dedicatória e o sumário.

Finalmente chegou o dia tão almejado: o dia do lançamento do livro. Cada dupla de alunos leu o seu texto para os convidados, e depois foi feita a entrega de um exemplar para cada convidado, entre pais, professores e autoridades. Além disso, foi feita a doação de um exemplar para cada biblioteca das escolas, bem como para a Biblioteca Pública Municipal.



**Figura 10** - Lançamento do livro  
Fonte: Acervo pessoal da professora

No decorrer das atividades, a professora constatou alegria, empolgação, atenção, observação e criatividade por parte dos alunos, bem como a compreensão acerca da necessidade real do uso da leitura e da escrita na vida de cada um. Assim, é possível afirmar que o PNAIC veio para contribuir e melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, fazendo a diferença no agir pedagógico do educa-

Dedicatória		SUMÁRIO	
		1ª Parte - Desenhos criados	
		Gato.....	05
		Abelha.....	07
		Moto.....	09
		Carro.....	11
		Foca.....	13
		Escola.....	15
		Livro.....	17
		Vestido.....	19
		Árvore.....	21
		Flor.....	23
		Estrela.....	25
		Pessoas.....	27
		Óculos.....	29
Dedicamos este trabalho a DEUS e agradecemos a ELE pela vida e sabedoria que nos deu.			
Dedicamos também para nossa FAMÍLIA que sempre nos acompanha e ajuda,			
E às nossas PROFESSORAS que nos ensinaram a ler e escrever.			

**Figura 9** - Dedicatória e sumário produzidos pelos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

dor e na vida do educando.

Refletir sobre os direitos de aprendizagem no Ciclo de Alfabetização foi primordial para desenvolver este percurso. Segundo Brasil (2014, p. 17),

O ponto de partida para que a sala de aula possa ser um ambiente de aprendizagem, no qual as crianças se envolvam em “criar, inventar modos diferentes de se fazer matemática”, deveria ser o desafio. A criança se interessa por tarefas desafiantes. Para que isso ocorra, nós, professores, precisamos criar tarefas ou situações-problema de tal forma que a solução não possa ser obtida rapidamente, por meio de uma conta. Será necessário envolver a criança de modo que ela se sinta desafiada a descobrir o que precisaria fazer quando a proposta é aberta.

Constatamos, ao final, que com um planejamento que se concentre na ampliação de conhecimentos científicos que ultrapassem a simples codificação e decodificação, a aprendizagem se torna significativa e a apropriação do sistema de escrita passa a estabelecer uma relação direta com a realidade dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.

**Pacto nacional pela alfabetização na idade certa:** integrando saberes. Brasília: MEC/SEB, 2014.

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.

**Pacto nacional pela alfabetização na idade certa:** alfabetização matemática na perspectiva do letramento. Brasília: MEC/SEB, 2015.

COELHO, Carolina Caires. **Como? Onde? Por quê?** Sintra: Girassol, 2008.

KOZMINSKI, Edson Luiz. **As três partes.**

Obras Complementares do PNLD e FNDE. São Paulo: Ática, 2009.

ZIRALDO. **Um bebê em forma de gente.** 2. ed. Coleção Bebê Maluquinho. São Paulo: Melhoramentos, 1996.



## A GEOMETRIA NO COTIDIANO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PEDAGÓGICO INTERDISCIPLINAR

Dauana Albara<sup>1</sup>  
Lucimara Frigo Machado<sup>2</sup>  
José Antônio Gonçalves<sup>3</sup>

O trabalho a que se refere este relato foi desenvolvido em 2014, com crianças do 1º e do 3º anos do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Imigra, no município de Presidente Castello Branco, em Santa Catarina, em uma turma multisseriada com 12 alunos, de período vespertino. A presente *sequência didática* aborda o estudo da geometria, conforme previsto no Caderno 5 do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, e teve como principal objetivo desenvolver nos alunos as noções de tamanho, lateralidade, posição e dimensão de espaços e objetos. A metodologia baseou-se na observação, experimentação e representação, considerando diferentes pontos de vista, por meio de diferentes estratégias.

O desenvolvimento do trabalho pedagógico interdisciplinar com foco na geometria se iniciou com uma pesquisa entre os alunos, através dos seguintes questionamentos: “O que é geometria?”, “Onde encontramos a geometria hoje?”, “Você conhece algum objeto geométrico?”. Na sequência, os alunos registraram suas reflexões e apresentaram aos demais colegas suas conclusões, como podemos perceber nas figuras a seguir.



**Figuras 1 e 2** - Alunos socializando com os colegas o registro realizado  
Fonte: acervo pessoal da professora

Durante a socialização, na roda de conversa, os alunos apresentaram suas reflexões, expuseram suas interpretações e compreensões e compartilharam seus saberes, conhecimentos prévios relaciona-



**Figura 3** - Leitura e exploração do livro: *Clact... clact... clact...*  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 4** - Passeio ao redor da escola para observação de formas geométricas  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 5** - Cartazes produzidos para classificação das figuras geométricas planas e espaciais  
Fonte: acervo pessoal da professora

dos à geometria. Na sequência da aula, foi realizada a leitura e a exploração do livro *Clact... clact... clact...* e foram observadas as figuras geométricas que apareceram na história. Logo em seguida, durante o passeio ao redor da escola, registrado na Figura 4, os alunos identificaram as formas geométricas presentes no cotidiano escolar e, no retorno à sala de aula, registraram as figuras geométricas planas e espaciais, que foram classificadas de acordo com suas características e organizadas em um cartaz, como vemos na Figura 5.

No segundo dia de aplicação da *sequência didática* envolvendo o estudo da geometria, os alunos levaram de casa tapetes, toalhas e objetos que tinham relação com as figuras geométricas. O estudo, realizado em sala de aula, identificou as formas e as figuras geométricas nos objetos, como registra a Figura 6.

Na sequência do estudo, foi confeccionada de forma coletiva uma maquete da sala de aula com materiais alternativos e construída uma planta baixa da sala, como vemos nas Figuras 7 e 8. Para essa atividade, as crianças foram instigadas a pensar a partir dos questionamentos: “Que

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 4. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia. Escola Centro Educacional de Ensino de 1º Grau do Município de Presidente Castello Branco (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 4. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil, Anos Iniciais e Coordenação Pedagógica. Secretária Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Presidente Castello Branco (SC).

<sup>3</sup> Formador, Polo 4. Licenciado em Matemática e Especialista em Metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino. Atua na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Garopaba (SC) e como professor da Rede Estadual de Ensino de SC; Formador do PNAIC em 2014 e 2015, na área de Matemática.



**Figura 6** - Roda de conversa relacionando os objetos trazidos pelos alunos com as figuras geométricas planas e espaciais estudadas em sala de aula

Fonte: acervo pessoal da professora

formas geométricas existem em nossa sala de aula? São todas do mesmo tamanho? Têm o mesmo formato?”. Em seguida, os alunos realizaram o registro da planta baixa da sala de aula no papel quadriculado, explorando, assim, a noção de escala (Figura 9).



**Figuras 7 e 8** - Registro das maquetes confeccionadas pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

A atividade seguinte explorou a relação entre os jogos e a aquisição do conceito geométrico. Por ser o jogo um instrumento de reflexão que possibilita negociações, problematizações e estabelece relações entre os pares, no decorrer desta se-

quência didática foi desenvolvido com os alunos o jogo *Acerte o Alvo I*, descrito a seguir. Extraído do caderno de jogos do PNAIC e do *Jogo do Tangram*, proporcionou um ambiente favorável ao ensino de Matemática e da Língua Portuguesa.

Aprender matemática em um ambiente colaborativo é importante para a leitura e a escrita. Ler e escrever são ações não somente restritas do campo da linguagem e da alfabetização em língua. Com-preender um texto em língua materna, que apresenta escritas próprias da matemática e representações de conceitos e ideias matemáticas, exige um conhecimento pelo aluno para além da decodificação da língua para um conhecimento de uma linguagem específica matemática. (BRASIL, 2014, p. 19).



**Figura 9** - Registro da maquete da sala de aula em papel quadriculado

Fonte: acervo pessoal da professora

Antes de relatar a experiência, apresentamos a seguir a descrição do jogo *Acerte o Alvo I*, sugerido no *Caderno de Jogos do Pacto* e realizado em sala de aula.

**a) Objetivo do jogo:** desenvolver noções de localização e de percepção espacial; identificar a figura plana circular; utilizar medidas de comprimento convencionais ou não; perceber a sequência dos números por meio do princípio aditivo (contagem); desen-

volver a operação de adição; desenvolver o cálculo escrito e mental; comparar quantidades; estimular o desenvolvimento da habilidade de comparar e analisar dados e resultados obtidos.

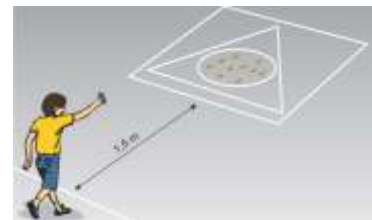
#### **b) Material:**

- 10 a 12 bolinhas de gude (ou mais, dependendo do ano de escolaridade das crianças);
- uma bolinha de gude maior ou de outra cor;
- giz, pincel ou fita crepe para desenhar no chão o esquema para o jogo;
- papel bobina (craft, pardo ou outro) e pincel atômico (para o registro das jogadas).

**c) Número de jogadores:** todos os alunos da turma ou grupos de 3 a 4 alunos.

#### **d) Regras:**

- Desenhar o esquema do jogo no chão da sala, do pátio ou de outro espaço da escola (o desenho pode ser feito com giz ou outro material que demarque o desenho), conforme mostra a figura a seguir;



- para se fazer o círculo pode-se utilizar o compasso do pedreiro;
- colocar as bolinhas de gude pequenas no centro do círculo;
- a uma distância de, mais ou menos, 150 cm (um metro e meio), marcar a linha para o lançamento da bolinha de gude maior;
- cada aluno, na sua vez, lança a bolinha de gude maior (ou de outra cor) em direção às bolinhas que estão no círculo;

- o objetivo é tirar, com a bolinha de gude maior, as bolinhas de gude do círculo, passando-as para fora da região circular;
- a cada bolinha de gude tirada do círculo, com a jogada da bolinha de gude maior (ou de outra cor), conta-se um ponto;
- após cada jogada, fazer a contagem dos pontos, registrando-os em um quadro.

### e) Exemplo:

Nome do Aluno	Bolinhas que foram tiradas do círculo	Total de Pontos
João	1 + 1 + 1 + 1	4 pontos
Márcia	0	0 pontos

O jogo proporcionou a interação entre os alunos, que utilizaram conceitos matemáticos, desenvolvendo os registros da pontuação e intensificando o estudo sobre as figuras geométricas, como é possível perceber na Figura 10. Ao final do jogo, os alunos refletiram sobre a pontuação obtida entre os participantes, analisando a tabela confeccionada, que consta na Figura 11. Posteriormente, o jogo foi apresentado aos pais durante o Seminário Final do PNAIC.



**Figura 10** - Registro fotográfico dos alunos realizando o jogo

Fonte: acervo pessoal da professora

Dando sequência aos estudos sobre geometria, ampliamos os conhecimentos com a exploração do Jogo do *Tangram*, partindo dos seguintes questionamentos:

- a) Quem sabe como surgiu o *tangram*?
- b) Que peças tem no *tangram*?
- c) O que podemos criar com o *tangram*?
- d) Para que serve o *tangram*?
- e) O *tangram* se originou a partir do quê?
- f) Qual foi a sua utilidade?

Após a explicação sobre o *tangram*, o jogo foi construído, tendo como base um quadrado. Durante a atividade, cada criança realizou a confecção do seu *tangram* e em seguida cada aluno explorou e representou diversos animais utilizando as peças do *tangram* (Figuras 12 e 13).

Apresentado este relato, finalizamos com a consideração de que a formação do PNAIC mostrou-se relevante para nós, pois o curso causou várias mudanças profissionais entre os envolvidos, já que a partir da reflexividade e das trocas de experiências entre os professores tornamos nossas práticas mais atrativas e criativas, fazendo a diferença na sala de aula.

A cada encontro de formação, foram abordadas temáticas, orientadas pelo programa de formação, dentre as quais podemos citar como mais relevantes: planejamento e organização do trabalho pedagógico, avaliação, currículo e jogos na alfabetização matemática, pois proporcionaram, além do aprendizado, oportunidade de reflexão sobre a prática alfabetizadora.

Outra abordagem amplamente discutida e implantada em nossa rede municipal de ensino, e que veio a se inserir em nossas rotinas, foi a das *seqüências didáticas* e



**Figuras 11 e 12** - Alunos confeccionando e explorando o Jogo do *Tangram*

Fonte: acervo pessoal da professora

dos *projetos* didático-pedagógicos, que possibilitou o debate sobre *direitos de aprendizagem*, processo de avaliação, acompanhamento e planejamento das situações didáticas de forma contextualizada e interdisciplinar.

A *seqüência didática* interdisciplinar desenvolvida com foco na geometria proporcionou aos alunos a aquisição dos conceitos geométricos. Pudemos observar os alunos estabelecendo comparações entre objetos do espaço físico e objetos geométricos (esféricos, cilíndricos, cônicos, cúbicos, piramidais, prismáticos), reconhecendo corpos redondos e não redondos, construindo e representando formas geométricas planas, descrevendo informalmente características como número de lados e de vértices.

Além disso, os estudantes realizavam com facilidade a composição e decomposição de figuras bidimensionais e tridimensionais (quebra-cabeça, *tangram*, brinquedos produzidos com sucatas) e desenhavam objetos e figuras. Percebemos também que os alunos ampliaram seus conceitos quanto à resolução de situações-problema, não só em matemática, mas em outras áreas do conhecimento, qualificando assim o trabalho pedagógico desenvolvido.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: jogos na alfabetização matemática. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC/SEB, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Geometria. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC/SEB, 2014a.
- IACOCCA, Liliana e Michele. **Clact... clact... clact...** São Paulo: Ática, 2000.



## CORRIDA DOS CARRINHOS COMO ESTRATÉGIA PARA PROBLEMATIZAR SITUAÇÕES ADITIVAS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Claimira Toseto Kothe<sup>1</sup>  
Sílvia Renata Monteiro<sup>2</sup>  
Gracielle Böing Lyra<sup>3</sup>  
Jussara Brigo<sup>4</sup>

Este relato de experiência se baseia em uma *sequência didática* aplicada no ano de 2014 na Escola Municipal Maria de Lourdes Cardoso Mallmann, localizada no município de Itapema (SC), pela alfabetizadora Claimira Toseto Kothe. As atividades foram realizadas na turma do 1º ano, composta por 25 estudantes, com idade entre seis e sete anos.

A professora, que participa do curso de formação Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) com a Orientadora de Estudos Sílvia Renata Monteiro, se interessou muito pela proposta de problematizar situações aditivas com os estudantes utilizando o jogo Corrida dos Carrinhos. Assim, planejou juntamente com as demais professoras das turmas de 1º ano da escola uma *sequência didática* utilizando o jogo. O grupo, porém, pensou regras diferenciadas das que foram propostas no caderno estudado durante as formações do PNAIC, então o que relatamos é o modo como fizemos a incorporação desse recurso pedagógico nas atividades com nossas crianças.

A *sequência didática* da professora Claimira teve início com o filme *Turbo*, que conta a história de Theo, um caracol de jardim que sonha em ser veloz como o seu ídolo, o corredor campeão de Indianápolis Guy Gagné. Um dia, no entanto, ele cai acidentalmente dentro do motor de um grande carro de corrida e um efeito inesperado acontece em seu corpo, fazendo com que ele se torne extremamente veloz. Com isso, ele vai para a corrida de Indianápolis, para competir com

Guy Gagné. O filme escolhido apresenta, em suma, fatos relacionados à competição por meio de uma corrida.



Figura 1 - Filme *Turbo*

Fonte: Imagem disponível na web (portal de pesquisa Google Imagens)

Após assistirem ao filme, foram realizados questionamentos para os estudantes a fim de problematizar os elementos e o enredo do filme: “Qual o nome do filme?”, “Por que tem esse nome?”, “O que aconteceu durante o filme?”, “O que significa uma corrida?”, “Será que só utilizamos carro para correr?”.

Discutidas as questões, os estudantes foram convidados a participar de uma corrida de carrinhos. A professora solicitou que os estudantes se dividissem em grupos, cada grupo composto por cinco crianças, e após a definição dos grupos foi entregue um tabuleiro com a pista contendo os números de 0 a 30, um dado, uma quantidade de palitos de picolé e quatro carrinhos em miniaturas. O grupo estava organizado em quatro jogadores e um estudante que representava o Banco. O responsável pelo Banco utilizava palitos de

picolé para representar as quantidades registradas no dado.

Primeiramente, cada jogador escolheu a sua pista e o seu carrinho, colocando-o na casa da largada. Depois, o jogo iniciou com o primeiro jogador, escolhido pelo no-



Figura 2 - Momento do jogo

Fonte: Acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia. Leciona na Escola Municipal de Educação Básica Maria de Lourdes Cardoso Mallmann, no município de Itapema (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 1. Licenciada em Pedagogia. Leciona na Escola Municipal de Educação Básica Bento Elói Garcia, no município de Itapema (SC).

<sup>3</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro (SP) e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

<sup>4</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Matemática Aplicada e Computacional, Mestre em Educação Científica e Tecnológica e Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica. Professora substituta do CEAD da UDESC, assessora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.



me em ordem alfabética dos nomes dos jogadores – essa seria a regra para a sequência das jogadas.

Cada jogador lançava o dado e avançava o número de casas contabilizado no dado, e o Banco entregava a quantidade de palitos correspondente à quantidade acertada no dado. Nesse momento, havia comentários como “Ahh... se estou na casinha número 20 e tiro no dado o 6, tenho 26!”. Os estudantes simulavam, assim, jogadas com o maior número no dado, o que evidenciava a apropriação dos conceitos de *maior* e *menor*. No decorrer das jogadas também eram problematizadas com as crianças situações como: “Se o carrinho está na casinha número 3, quantas casas faltam para que chegue à casa 10?”. O momento lúdico do jogo foi, assim, aproveitado para se trabalhar o raciocínio aditivo.

No final, quem concluía o percurso primeiro ganhava o jogo, e o total de pontos obtidos por jogador era contabilizado. Cada grupo registrava a pontuação de todos os participantes no caderno, na ordem crescente, e adicionava utilizando os palitos (agrupamentos de 10 em 10) para verificar o total de pontos referentes a cada grupo, analisando qual grupo fez maior pontuação.

Após a finalização da atividade, foi possível avaliar que o trabalho desenvolvido propiciou momentos para problematizar



com os estudantes as operações mentais de adição e subtração, experimentar a correspondência uma a uma entre as quantidades do dado e os palitos e construir a sequência dos números para ver quem obteve mais pontos. Também houve a articulação com as diferentes áreas do conhecimento, como a Língua Portuguesa, já que se trabalhou com a oralidade e o registro (nome do filme, nome do jogo e o nome dos colegas do grupo para verificar a ordem alfabética).

Esta *sequência didática* revelou o planejamento da alfabetizadora em relação ao uso do jogo como metodologia de ensino e aprendizagem da linguagem matemática junto ao processo alfabetização. A experiência promoveu a articulação da Matemática com a Língua Portuguesa e revelou aspectos bastante significativos quanto ao uso dos jogos em nossas intervenções pedagógicas. Afinal, conforme vivenciamos no PNAIC, é de fundamental importância que os educadores invistam

[...] esforços para mobilizar os sentidos da mediação pedagógica operada por meio de jogos, uma vez que as crianças, inteligentes como são, produzem e revelam conhecimentos que não são os previamente prescritos nos currículos escolares, nos manuais e tampouco nas formações dos docentes. (BRASIL, 2014, p. 56).

Também destacamos que as crianças, durante o jogo, desenvolveram atividades matemáticas envolvendo vários conceitos,



**Figura 3** - Momento do jogo: uso dos palitos

Fonte: Acervo pessoal da professora

portanto trata-se de uma atividade lúdica e rica que deve ser valorizada cada vez mais pelos alfabetizadores para a apropriação da linguagem matemática. Nessas experiências utilizando os jogos, os estudantes podem fazer uso de conhecimentos matemáticos já consolidados na esfera escolar, bem como utilizar os conhecimentos espontâneos de outra esfera cultural.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Operações nas Resoluções de Problemas. Caderno 5. Brasília: MEC, SEB, 2014a.

TURBO. Direção: David Soren. Produção: Dream Works Animations. EUA, 2013. (96 min.)

## UMA EXPERIÊNCIA COM GEOMETRIA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Graciane Borges<sup>1</sup>  
Crislei Paim da Silva<sup>2</sup>  
Lisete Hahn Kaufmann<sup>3</sup>  
Carla Cristofolini<sup>4</sup>

Este relato refere-se a uma sequência de atividades realizada em uma escola do campo (Núcleo Municipal Elza Backes) do município de Palmeira, Santa Catarina, com uma turma multisseriada, composta por três crianças do 3º, duas do 4º e três do 5º ano, com idade variando entre oito e 13 anos, no período de 18 de agosto a cinco de setembro de 2014. Desde o início do ano de 2014, procurou-se desenvolver trabalhos pedagógicos com *sequências didáticas* que possibilitassem atividades heterogêneas, potencializando as competências de cada educando. Assim, a sequência desenvolvida teve seu foco na Geometria, mais especificamente nas formas geométricas planas, buscando garantir o *direito de aprendizagem* “reconhecer figuras geométricas tridimensionais e bidimensionais” (PIROLA et al., 2014, p. 7) e no trabalho interdisciplinar, principalmente com Língua Portuguesa, nos seus quatro eixos norteadores: *oralidade, leitura, produção de textos e análise linguística* (MAGALHÃES et al., 2012).

Iniciamos a sequência de atividades propondo o tema *geometria* às crianças; iniciamos o trabalho enfocando o eixo da oralidade, buscando o “alargamento das práticas de oralidade” e compreendendo que ensinamos “[...] para que as crianças sejam sujeitos capazes de expor, argumentar, explicar, narrar, além de escutar atentamente e opinar, respeitando a sua vez e o momento de falar” (MAGALHÃES et al., 2012, p. 11). Desse modo, organizamos uma roda de conver-

sa e buscamos explorar com os alunos: O que é geometria? Onde podemos encontrá-la? Podemos encontrá-la na sala de aula? E na natureza? E no nosso corpo? Essa atividade também permitiu à professora fazer um diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos acerca da Geometria e dos conceitos a ela relacionados, para melhor direcionar e conduzir a sequência de atividades.

A partir desses questionamentos, discutimos com os alunos a proposta de, juntos, construirmos um livro, cujo nome seria *Geometria de A a Z*, no qual em cada página teríamos um tema (com verbetes seguindo a ordem alfabética, como em um dicionário – trabalho com diversos gêneros). A ideia privilegiou o planejamento interdisciplinar e várias representações geométricas.

Para tanto, como primeiro encaminhamento de trabalho pedagógico, deveríamos estudar sobre as formas geométricas. Então, sentados no Cantinho da Matemática, demos ênfase ao eixo *leitura* buscando, principalmente, que os alunos compreendessem informações implícitas e explícitas nos textos lidos e a construção dos sentidos (MAGALHÃES et al., 2012) a partir da leitura de textos informativos. Assim, lemos algumas informações necessárias sobre geometria e sobre as figuras geométricas planas; para cada figura geométrica sobre a qual líamos, conversávamos, citávamos exemplos de onde aquele formato poderia ser encontrado e anotávamos/recortávamos informações matemáticas sobre as figuras. Expandimos tam-

bém a conversa para os atributos definidores dos sólidos geométricos, que são “[...] as características invariantes e determinantes que distinguem uma figura da outra e que são utilizadas nas definições” (PIROLA, 2014, p. 21). Em seguida, colamos essas informações no livro, deixando-as como referência e pesquisa para o trabalho com os verbetes.

Durante esse processo de pesquisa, surgiu a ideia do uso do *tangram*; então, o segundo momento foi dedicado ao estudo desse jogo. O *tangram* é um quebra-cabeça chinês formado por sete figuras geométricas: dois triângulos grandes, dois triângulos pequenos, um triângulo médio, um quadrado e um paralelogramo, como ilustrado na Figura 1.

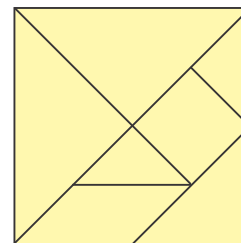


Figura 1 - O tangram  
Fonte: Portal Crescer (2016)

Contamos para as crianças a história e as lendas que envolvem a origem desse quebra-cabeça e, então, elas receberam as sete peças para montar o quadrado e ou-

<sup>1</sup> Professora Alfabetizadora da Escola Multisseriada Núcleo Municipal Elza Backes, no município de Palmeira - SC.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos.

<sup>3</sup> Formadora. Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itapiranga - SC.

<sup>4</sup> Formadora. Fonoaudióloga, Especialista em Audiologia e Fonoaudiologia Educacional, Mestre e Doutora em Linguística. Fonoaudióloga Educacional na Rede Municipal de Ensino de São José (SC).

tras figuras. Nesse momento, as crianças foram instigadas a identificar as formas geométricas.

Após esse primeiro contato, fizemos a proposta de formar a primeira letra dos seus nomes a partir das figuras do *tangram*. Depois, retomando nosso trabalho com o livro que estávamos construindo, as crianças receberam uma folha de papel-cartão, construíram um novo *tangram* e, em ordem alfabética, foram montando as 26 letras do alfabeto e colando-as no livro. Cada letra também serviu para, além de construir e desenvolver conceitos de geometria, gerar o tema da página; por exemplo, a letra “A” gerou como sugestão o tema *avião*, e durante a exploração do tema, surgiu a ideia de construirmos aviões de papel (dobradura). Como nem todos os alunos sabiam fazer aviões de papel, os que sabiam se prontificaram a auxiliar os demais, o que permitiu desenvolver a ajuda mútua, a solidariedade e o espírito de coletividade entre os estudantes.

No decorrer da atividade, fomos exemplificando: “agora temos um retângulo”, “agora observamos um triângulo”, e assim por diante, até todos concluírem. Antes de colar os aviões no livro realizamos uma competição de aviões de papel, para vermos qual avião voava mais longe. Foi um momento de descontração, mas também de aprendizado, visto que medimos as distâncias percorridas pelos aviões: primeiramente utilizamos medidas não convencionais, ou seja, contamos quantos passos cada avião percorreu, depois passamos para medidas convencionais, utilizando a fita métrica.

Fizemos o registro de cada “competidor”, até apurarmos o vencedor da competição, elaboramos situações-problema e desafios matemáticos envolvendo a competição. Afinal, acreditamos que “[...] na perspectiva do letramento, o trabalho com

as operações deve estar imerso, desde o primeiro momento, em situações-problema. Isso porque, adotamos como pressuposto a necessidade de que haja um entendimento sobre o uso das operações em diferentes contextos e práticas sociais” (BRASIL, 2014, p. 5). Ainda no trabalho com o tema *avião* (letra A), fechamos o verbete com a leitura de um livro do acervo complementar: *Alberto, do sonho ao voo* (LUCHETTI, 2005). Com essa leitura, conhecemos um pouco mais sobre o inventor do avião. E, assim, concluímos a página da letra A (Figura 2).



Figura 2 - Ilustrações da página da letra A, com o tema *Avião*

Fonte: Acervo pessoal da professora

Na letra B, surgiu como tema um barquinho, também de dobradura. Novamente uma criança possuía conhecimentos para fazê-lo, e então nos auxiliou na confecção de nossos barquinhos. Nesta página, ilustrada na Figura 3, realizamos o Jogo do Barco, explorando inicialmente suas regras, seu modo de jogar; ou seja, a atividade envolveu o trabalho de leitura, interpretação e análise da estrutura do gênero. O jogo também possibilitou a com-

preensão da nomenclatura das formas, além de desenvolver o raciocínio para colocar as peças corretamente.



Figura 3 - Ilustração da página da letra B, com o tema *Barquinho*

Fonte: Acervo pessoal da professora



Figura 4 - Ilustração da página da letra C, com os temas *Camisa* e *Cachorro*

Fonte: Acervo pessoal da professora

Representando a letra C, surgiram dois temas: uma camisa e um cachorro. Um aluno, aproveitando a dobradura do barquinho, cortou as pontas formando uma camisa. Outro aluno fez a dobradura de um cachorrinho (Figura 4).

Depois, ainda na página da letra C, as crianças foram desafiadas a solucionar a seguinte situação-problema envolvendo caixas: *Há 3 caixas separadas de igual tamanho e dentro de cada caixa, 2 caixas separadas pequenas e dentro de cada uma das caixas pequenas há 4 caixas também menores. Quantas caixas há ao todo?* As crianças primeiramente leram, desenharam para encontrar os resultados, leram novamente e utilizaram caixinhas para conferir os resultados (Figura 5). Indagaram: “Por que caixas?”, “Qual a relação com a geometria?”. Em seguida,



**Figura 5** - Ilustração do trabalho sobre as caixas: simetria

Fonte: Acervo pessoal da professora

compreenderam que a caixa é representada real de uma forma geométrica chamada paralelepípedo, que contém faces, vértices e arestas. Observaram as faces, que são os lados planos da caixa; perceberam que duas faces ao se encontrarem formam uma linha e essa linha é chamada de aresta; da mesma forma, viram que vértices são os pontos de encontro das arestas.

E assim cada letra do livro foi sendo construída. Representando a letra D, jogamos o Dominó dos Sólidos Geométricos. Antes, exploramos os sólidos geométricos com massinha e palitos, contando e identificando as faces, os vértices e as arestas. Com a letra E, fizemos atividades com o uso do espelho. As crianças foram desafiadas, por exemplo, a descobrir por que nas ambulâncias a palavra AMBULÂNCIA aparece escrita com as letras invertidas.

Na hora de representar a letra F, os alunos receberam o poema-problema “Festa Geométrica”, do livro *Poemas Problemas*, de Renata Bueno (2011), para ler, interpretar e solucionar. Então, confeccionamos as personagens da história utilizando círculos, quadrados, triângulos e losangos pintados e recortados.

Para a letra G, utilizando apenas quatro cores, o desafio foi o Mosaico do Gato e o poema-problema “Cissaninho”, também do livro *Poemas Problemas*. Já na letra H, trabalhamos as horas. Também confeccionamos um diário coletivo, com

base no horário das atividades: cada criança ficava responsável pelo registro do dia no diário, envolvendo também as atividades feitas em casa. A leitura diária passou a fazer parte das atividades permanentes de classe e, através dessa atividade, foi possível perceber nas crianças o interesse pela leitura e pela escrita, pois havia nestas um propósito.

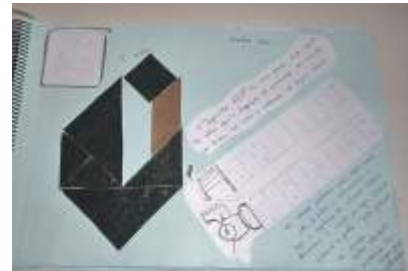
Representando a letra I, uma criança fez o desenho de uma igreja usando quadrados, triângulos, retângulos, losango, trapézio e círculos. Nesse momento conversamos sobre as diferentes religiões existentes e o respeito que devemos ter com relação a cada uma delas. Para a letra J, as crianças foram convidadas a jogar o Jogo das Figuras, que consta no caderno *Jogos na Alfabetização Matemática* (PNAIC, 2014). Esse jogo possibilita que as crianças aprendam a nomenclatura correta de figuras geométricas simples, como triângulo, quadrado, retângulo, círculo e losango. O Jogo das Figuras possibilita também que as crianças vivenciem situações de lateralidade. Lemos sobre as regras, o número de jogadores e o material necessário. Com esse jogo e as adaptações que proporcionamos, foi possível desenvolver nas crianças a capacidade de descrever a posição das figuras geométricas planas na composição de uma figura, utilizando a nomenclatura adequada e noções de lateralidade.

Com a letra K, fizemos representações com *kirigami* – uma arte oriental em que se pode obter figuras através de cortes em dobraduras de papel –, explorando, assim, noções de simetria na observação de que uma parte se sobrepõe a outra. Antes mesmo da criação das obras simétricas, as crianças observaram simetrias.

Para a letra L, trabalhamos localização na sala de aula. Fizemos representações, observamos os espaços, quem senta à frente de quem, à direita, à esquerda. Já com

a letra M realizamos atividades envolvendo lateralidade – mão direita, mão esquerda –, bem como a dinâmica “Que figura geométrica há dentro da caixa?”, que estimula o tato e o desenvolvimento da percepção geométrica.

Complementando, com a letra N as crianças foram desafiadas a encontrar alguns números embaralhados. Lemos a história *Pés na areia, contando de dez em dez*, de Michael Dahl (2011), a fim de estimular a noção da multiplicação. E com a Letra O, os alunos observaram a figura de um ônibus numa visão oblíqua – uma visão de cima e um pouco de lado.



**Figura 6** - Ilustração da página da letra O

Fonte: Acervo pessoal da professora

Foi possível desafiá-los a observar, interpretar, raciocinar até conseguir compreender e preencher corretamente os lugares no ônibus: próximo à janela, números ímpares; próximo ao corredor, números pares (Figura 6). Também foi possível explorar outras atividades e citar outros exemplos para desenvolver melhor conceitos numéricos como *metade, dobro, par, ímpar*.

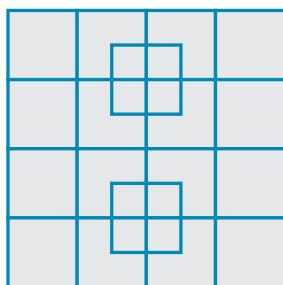
Com a letra P, montamos o 'texto fatiado' com o poema “Fiz voar meu chapéu”, de Ana Maria Machado (2012), e ilustramos com formas geométricas. Com a letra Q, fizemos um desenho no espaço de uma folha com formato quadrado. Em seguida, cortamos o papel em sete pedaços, retomando as sete peças do *tangram*; depois trocamos nossos quebra-cabeças. Também propusemos outro desafio, repre-



sentado na Figura 8: encontrar quantos quadrados há na representação ilustrada.



**Figura 7** - Crianças explorando o tangran  
Fonte: Acervo pessoal da professora



**Figura 8** - Desafio dos quadrados  
Fonte: Desistir Nunca (2016)

Com a letra R fizemos outro livrinho, com rimas, também envolvendo as formas geométricas. Nesse momento, as crianças foram convidadas a listar em seus cadernos palavras que rimassem com a palavra “quadrado”. Em seguida, puderam escolher algumas dessas palavras para responder, em forma de poesia, onde viram o quadrado (Quadro 1). Foram instigadas, assim, quanto ao interesse, à criatividade e à habilidade para escrever textos do gênero *poema*.

Com a letra S, realizamos atividades relativas à simetria. Dizemos que uma figura é simétrica quando podemos dividi-la em duas partes de modo que uma seja idêntica à outra, ou seja, que as duas coincidam quando sobrepostas. Primeiramente, a proposta foi para que os alunos usassem a régua para representar o quadriculado. Medimos na horizontal e na vertical, e formamos os quadrados com

*As formas sumiram. Alguém viu?*

O triângulo e o retângulo eu vi usando binóculo.  
O trapézio eu vi na casa do senhor Genésio.  
O círculo eu vi depois que resolvi um cálculo.  
O losango eu vi comendo um rango.  
Mas e o quadrado, alguém viu?

**Quadro 1** - Texto do livrinho com rimas do verbete da letra R

Fonte: Acervo pessoal da professora

dois centímetros; em seguida fizemos desenhos simétricos, como mostra a Figura 9.



**Figura 9** - Ilustração da página da letra S, com o tema *Simetria*

Fonte: Acervo pessoal da professora

Com a letra T, os alunos foram chamados a analisar e comparar tamanhos, retomar os conceitos de medidas convencionais e medidas não convencionais, por meio do desafio: “Há uma mesa e pedaços de cartolina, quantos pedaços iguais a esse serão necessários para cobrir a mesa inteira” (introduzindo noções de área e metragem quadrada).

Para a letra U, as crianças fizeram uma uva usando círculos, trouxeram rótulos com sabores de uva, e conversamos sobre os alimentos saudáveis e os industrializados. Com a letra V realizamos algumas atividades no caderno envolvendo observação: visão oblíqua e visão vertical. Lemos algumas informações do livro *Primeiros mapas: como entender e construir*, de Maria Elena Simielli (1993).

Com as letras W, X e Y, os alunos foram desafiados a elaborar problemas envolvendo adição, subtração, multiplicação ou divisão, com palavras ou nomes de

pessoas com essas letras. Na resolução de situações-problema, as crianças são desafiadas, e nesse ponto foi importante proporcionar um momento para que realizassem a interpretação, questionando-os sobre quais informações do texto são pertinentes a sua resolução (e incentivando-os a sublinhá-las); que hipóteses é possível abstrair; e quais as formas de representar os problemas – com desenhos, material concreto, anotações dos dados; e, por fim, a execução dos cálculos necessários. Assim, leitores do nosso livro, ao concluir os problemas de uma página, são convidados a virar a página, e outra aprendizagem acontece; parece mágica, mas é o conhecimento fluindo.

Finalmente, com a Letra Z, lemos a história *Uma zebra fora do padrão*, de Paula Browne (2011). Então, os alunos receberam uma figura pela metade para terminá-la, ilustrando-a em preto e branco, ou seja, fazendo a simetria da zebra. Também produziram um texto apresentando suas zebras, informando seus respectivos nomes, onde vivem, do que se alimentam, o que gostam de fazer, etc.

Para finalizar, lemos o poema “Para quê estudar geometria?”. Debates sobre o poema e propusemos a produção de poesias com o tema: “Se não fosse a geometria” (Figura 10).

Assim, através dos registros das atividades que foram desenvolvidas, conseguimos diagnosticar e perceber os avanços, as habilidades e as dificuldades apresentadas pelos alunos no decorrer das aulas, bem como a participação, a criatividade e o interesse de cada aluno em realizar as atividades propostas, o desempenho na solução dos problemas e desafios apresentados.

Sabemos que nenhum trabalho se encerra aqui, ele apenas se inicia. Nosso livro *Geometria de A a Z* ficará no Can-



**Figura 10** - Produção de texto coletivo: poema  
Fonte: Acervo pessoal da professora

tinho da Matemática e nos auxiliará nas próximas atividades, visto que a geometria faz parte do nosso dia a dia.

Esta sequência de atividades proporcionou diversos conhecimentos, envolvendo principalmente matemática e linguagem, visto que os trabalhos realizados possibilitaram às crianças o aprofundamento e a consolidação de alguns conceitos de geometria, leitura, interpretação, produção textual, oralidade, resolução de situações-problemas do campo aditivo e multiplicativo, cálculo mental e outras estratégias cabíveis para cada situação, além de envolver outras áreas do conhecimento.

A professora, ao desenvolver as atividades com o *tangram*, garantiu aos estudantes desenvolver um dos *direitos de aprendizagem* relacionados ao campo da



**Figura 11** - Livro produzido em sala:  
*Geometria de A a Z*  
Fonte: Acervo pessoal da professora

geometria, qual seja: “Observar, manipular, estabelecer relações entre figuras planas e espaciais, compor e decompor figuras” (PIROLA, 2014, p. 25).

O *tangram* permite compor e decompor figuras, além de proporcionar às crianças o ato de brincar com as formas geométricas. A professora foi além, desafiou seus alunos a formar diferentes personagens e objetos e construir coletivamente uma linda história, de A a Z, que resultou em um livro (Figura 8). Dessa forma, fez-se um trabalho interdisciplinar, integrando linguagem e matemática.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Operações na resolução de problemas. Caderno 03. Brasília: MEC/SEB, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa. Ano 1, Unidade 2. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BROWNE, Paula. **Uma zebra fora do padrão**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.
- BUENO, Renata. **Poemas problemas**. São Paulo: Editora do Brasil, 2011.
- DAHL, Michael. **Pés na areia**: contando de dez em dez. São Paulo: Editora Meca, 2011.
- DESISTIR Nunca. **Desafio dos quadrados**. Disponível em: <<http://www.desistirnunca.com.br/resposta-do-desafio-dos-quadrados/>>. Acesso em: ago. 2016.
- LUCHETTI, José Roberto. **Alberto, do sonho ao voo**. São Paulo: Scipione, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. **Fiz voar o meu chapéu**. São Paulo: Formato, 2012.
- MAGALHÃES, Luciane Manera et al. Planejamento do ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular: Língua Portuguesa. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- PIROLA, Nelson Antônio et al. Primeiros elementos da Geometria. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional**

**pela alfabetização na idade certa**: Geometria. Brasília: MEC/SEB, 2014.

PORTAL Crescer. **Tangram**. Disponível em: <<http://portalcrescer.blogspot.com.br/2011/02/tangram.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SIMIELLI, Maria Elena R. **Primeiros mapas**: como entender e construir. São Paulo: Ática, 1993.

## HORTA E JARDIM, DA ESCOLA PARA CASA

Deysi Maria Marques dos Santos<sup>1</sup>  
Rita Rosélis Schulka Vicente de Souza<sup>2</sup>

O projeto que aqui relatamos foi desenvolvido em 2015 com duas turmas de 2º ano – a turma do matutino, composta por 18 alunos (nove meninas e nove meninos), e a do turno vespertino: composta por 20 alunos (13 meninas e sete meninos) – do Grupo Escolar Municipal Ney Pacheco de Miranda Lima, que atende alunos das áreas urbana e rural do Município de Canoinhas, em Santa Catarina. O trabalho nasceu da necessidade de despertar o respeito à Educação Ambiental, eixo norteador das atividades interdisciplinares da Educação do Campo, conforme projeto da Secretaria Municipal de Educação do qual a escola participa.

A abordagem desse projeto despertou o interesse para uma alimentação saudável e para a beleza das plantas, pois o contato com a natureza levou os alunos a terem um aprendizado criativo e saudável, vinculado ao seu cotidiano. Na horta e no jardim da escola, proporcionamos um ambiente de aprendizado dinâmico, e foi possível desenvolver um trabalho interdisciplinar envolvendo toda a comunidade escolar, o que proporcionou possibilidades de compartilhar conhecimentos sobre a preparação de uma horta e de um jardim, na escola e em casa. Para execução do projeto, tivemos como parceria a própria comunidade escolar, em especial o morador José Carlos Haensch, o instrutor agrícola Neivaldo Wardenski e a Floricultura Divina flor.

Os trabalhos aqui relatados foram desenvolvidos integrando-se os conteúdos

das disciplinas de Ciências, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, Artes e Ensino Religioso, o que deu à proposta de aprendizagem um enfoque interdisciplinar. Objetivamos investigar junto à comunidade escolar, integrada nos meios urbano e rural, o hábito do cultivo de horta e jardim nas residências de nossos alunos, rompendo os muros escolares. Em uma dimensão maior, o trabalho buscou desenvolver o *Sistema de Escrita Alfabética* e a leitura, evidenciando a importância da horta e do jardim e da preservação do meio ambiente – escolar e familiar.

O ensino da leitura, da escrita, da oralidade e de outras linguagens pode desfazer os muros que separam as áreas e construir as pontes necessárias ao diálogo que favoreça a produção de sentidos para o conhecimento escolar articulado aos saberes e práticas sociais e culturais das crianças. É por meio da linguagem que significamos o mundo e somos por ele significados. Assim, um primeiro passo para estabelecermos um trabalho interdisciplinar na alfabetização é reconhecermos que, neste período de escolarização, temos que garantir a aprendizagem do sistema de escrita alfabética de modo simultâneo e articulado ao desenvolvimento das capacidades de leitura e produção de textos”. (2015, p.78)

Outra possibilidade metodológica foi a investigação, através da pesquisa de campo, sobre o hábito de cultivar horta e jardim em casa, conhecendo alternativas de produção de alimentos ou flores através do cultivo suspenso com reaproveitamento de pneus e do jardim geométrico. O levantamento dos dados estatísticos através de pesquisa de campo resultou em uma



**Figura 1** - Roda de conversa apresentando a proposta de trabalho

Fonte: acervo pessoal da professora

análise dos dados para a projeção de ações futuras para continuidade do trabalho. Valorizar o meio ambiente, promover estudos através de pesquisa e intervenções com o instrutor agrícola gerou debates e diversas atividades.

O desafio de difundir o hábito de manter uma horta caseira e jardins despertou o interesse em levar esse conhecimento aos familiares e à comunidade escolar para desenvolver essas práticas. Então, como produtos finais, produzimos um livro de instruções para divulgar e orientar as pessoas sobre o cultivo da horta caseira e uma maquete representativa do espaço físico da horta escolar. Todo o trabalho oportunizou muita dinâmica e prazer, valorizando aspectos da vida no campo.

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Anos iniciais, com Ênfase em Educação Especial. Grupo Escolar Municipal Ney Pacheco de Miranda Lima, em Canoinhas (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 2. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Orientação Educacional. Secretaria Municipal de Educação, Canoinhas (SC). Orientadora do grupo da formadora Amanda Machado Chraim.

Como o Grupo Escolar Ney Pacheco de Miranda Lima está inserido no Programa de Educação do Campo, partimos das propostas do Programa, iniciando com a apresentação do tema “Horta e Jardinagem” aos alunos com a intervenção do instrutor agrícola. Uma roda de conversa destacou a cultura e a importância da horta e do jardim nos ambientes escolar e domiciliar.



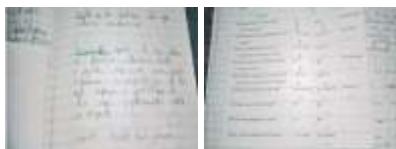
**Figura 2** - Questionário enviado aos pais  
Fonte: acervo pessoal da professora

Como resultado da roda de conversa, sentimos a necessidade de investigar, através de pesquisa em forma de questionário, se havia o hábito familiar de cultivar horta e jardim em suas residências e se havia interesse por esse tipo de cultivo.

Com os resultados colhidos, organizamos os dados da pesquisa em uma tabela, e a partir dela criamos um gráfico que apontou a cultura mais cultivada na horta e no jardim das casas. Outro passo foi o registro em caderno dos dados coletados e análise coletiva desses dados. Nesse momento, concluímos que a maioria das famílias tinha o hábito da cultura de jardim ou horta caseira, porém os pais demonstraram um grande interesse em adquirir maiores informações sobre esses cultivos. Assim, passamos a trabalhar com a ideia de repassar às



**Figura 3** - Organização dos dados da pesquisa  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 4** - Registro da organização dos dados  
Fonte: acervo pessoal da professora

famílias as informações trabalhadas na escola em forma de texto informativo.

Para a produção de nosso texto informativo, contamos com o trabalho prático do instrutor agrícola, que destacou os diferentes tipos de horta e jardim que podemos produzir, utilizando diferentes materiais. O desenvolvimento das atividades práticas nos canteiros da horta da escola e no embelezamento do jardim escolar proporcionou uma experiência de produzir verduras e temperos que foram consumidos na merenda escolar. Para embelezamento do jardim, foi construída uma bandeira do Brasil com formas geométricas, a qual foi embelezada com flores nas cores da bandeira.



**Figura 5** - Plantio de temperos na horta suspensa  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 6** - Plantio de mudas na horta da escola  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 7** - Embelezamento do jardim da escola  
Fonte: acervo pessoal da professora

Trabalhando com a questão ambiental, fizemos um passeio aos arredores da escola, onde foram encontrados e resgatados alguns pneus que estavam poluindo o ambiente. Estes também foram reutilizados no embelezamento do jardim escolar.



**Figura 8** - Resgate de pneus  
Fonte: acervo pessoal da professora

Rompendo os muros escolares, foi proporcionada visita à horta de um morador do bairro, o senhor José Carlos Haensch, onde os alunos conheceram uma horta caseira produzida em um pequeno espaço residencial. Ouviram o relato de experiência da família visitada, buscando informações para enriquecer o trabalho que vínhamos desenvolvendo.

No mesmo dia, dirigimo-nos à floricultura Divina Flor, para observar as diferentes espécies de flores que embelezaram o jardim escolar.

Após as visitas, trocamos ideias sobre as informações adquiridas e realizamos o registro dessas informações por meio de desenhos.

As informações também foram registradas com a produção de texto coletivo, para o que contamos com o auxílio do instrutor agrícola, que mediu dicas e estratégias para o cultivo de uma boa horta caseira. Após o texto ser escrito, foi realizado um concurso de ilustração das dicas, que resultou no livro instrucional que foi distribuído na comunidade escolar, do qual trataremos a seguir.

Na sequência, após a observação dos desenhos realizados pelos alunos, em equipes, e com o auxílio da professora de





**Figura 9** - Visita à horta e floricultura localizada na comunidade

Fonte: acervo pessoal da professora

Artes, confeccionamos e reproduzimos em maquetes os conhecimentos sobre formas e sólidos geométricos da horta visitada, representando também os espaços embelezados do jardim da escola.



**Figura 10** - Ilustração do passeio

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 11** - Produção do livro de instruções

Fonte: acervo pessoal da professora

Todo o trabalho, por fim, foi compartilhado na Feira Agropedagógica do G.E.M. Ney Pacheco de Miranda Lima, que aconteceu no dia 20 de novembro de 2015. Assim, assim os alunos puderam expor oralmente e presentear os visitantes com os 60 exemplares do livro instrucional produzidos por eles, intitulado *Como fazer uma horta caseira*.



**Figura 12** - Construção das maquetes

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 13** - Apresentação do projeto na

Feira Agropedagógica

Fonte: acervo pessoal da professora

Durante os meses de execução das atividades, foi possível avaliar o envolvimento, a motivação e o desempenho escolar dos alunos, principalmente no que respeita à autonomia na produção escrita. O projeto ainda terá continuidade, com objetivo de diagnosticar se houve na comuni-

dade aplicabilidade das orientações, mudanças, tomada de consciência e novos hábitos na produção de hortas e jardins domiciliares.

Com os trabalhos desenvolvidos, pode-se concluir que trabalhar de forma interdisciplinar proporciona aos educandos aprendizagem mais prazerosa, pois se trabalha de uma maneira mais dinâmica, na qual o aluno torna-se sujeito do conhecimento, trabalhando no coletivo a internalização dos conceitos necessários sobre os diferentes conteúdos a serem consolidados.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC/SEB, 2015.

CANOINHAS. Programa Interdisciplinar de Educação do Campo. **Diretrizes operacionais e curriculares no âmbito da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Fundamental e do Ensino de Jovens e Adultos na Esfera do Sistema Municipal de Educação de Canoinhas**. Canoinhas-SC: Prefeitura Municipal, 2011.

Este relato tem como objetivo socializar a experiência de um projeto de iniciação à pesquisa, realizado no ano de 2014, na Escola Básica Adotiva Libertato Valentim, pelos 24 alunos do 3º ano da Turma 34. Essa escola está situada no município de Florianópolis, no bairro Costeira do Pirajubaé.

No final de 2013, após uma reunião com a comunidade escolar, percebeu-se a necessidade de se potencializar os espaços da biblioteca e da sala informatizada como lugares de pesquisa. Após um processo de planejamento e estruturação do trabalho pedagógico, a partir de 2014 foi implementado na instituição o projeto *Aprender a conhecer: pesquisar de corpo inteiro*, que tinha como objetivo instigar os alunos na busca por um tema de pesquisa que partisse do interesse deles, com a pergunta inicial: “O que queremos aprender na escola este ano?”. O objetivo de trabalhar com o projeto era desenvolver formas de ensinar e aprender por meio da pesquisa, tendo o protagonismo da criança e do educador como instrumentos

constitutivos do conhecimento.

Muitas vezes, durante o ano letivo as crianças nos “enchem” de perguntas, de dúvidas, curiosidades, e não nos permitimos ouvi-las, pois estamos preocupados em cumprir um currículo, muitas vezes fragmentado. O novo olhar ao projeto faz com que nós educadores, além de buscar por temas, paremos para ouvir o que as crianças têm de curiosidades, que muitas vezes são aguçadas por algo que viram ou ouviram, ou até por algo que esteja muito além dos limites dos “assuntos escolares”. Sendo assim, desde 2014, a instituição vem buscando se aprimorar e instigar os educadores a trabalharem com a pesquisa científica.

Entre os meses de fevereiro e março, realizou-se um levantamento de temas os quais os alunos tinham interesse em pesquisar. Entre eles estavam: *arraia*, *plantas carnívoras*, *paraquedismo*, *arco-íris*, *jogos*, *flores*, entre outros. Os mais votados foram *arraia*, com nove votos, e *plantas carnívoras*, com 14 votos, sendo este último o escolhido por ter sido o mais votado.

Em maio fizemos um levantamento do que os alunos já haviam realizado dentro do projeto, e iniciou-se a formulação das perguntas, ou seja, aquilo que os alunos tinham interesse em saber sobre as plantas carnívoras: “O que queremos pesquisar sobre elas: 1) O que elas comem?; 2) Quais espécies existem?; 3) Como elas nascem?; 4) Qual é o hábitat dessas plantas?; 5) Qual ambiente elas preferem, frio ou calor?; 6) Qual é o tamanho a que elas podem chegar?; 7) Como é sua digestão?”. Após a elaboração das perguntas, foram formados grupos e cada grupo ficou responsável por pesquisar sobre uma pergunta. Para isso, utilizamos a sala in-



**Figura 2** - Perguntas elaboradas pelas crianças e registradas pela professora.

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 1** - Votação do tema

Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela UDESC e Especialista em Mídias na Educação pelo IFSC. Participou da formação do PNAIC em 2014 e 2015, pelo município de Florianópolis (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 1 (2013-2015). Graduada em Pedagogia pela UDESC, Especialista em Metodologias de Ensino das Séries Iniciais e mestranda em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC.

<sup>3</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro (SP) e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

formatizada, a biblioteca, a sala de aula e a colaboração das famílias na pesquisa.

Com intuito de colaborar com a pesquisa e ampliar o repertório da turma acerca do tema, foram realizadas diversas atividades envolvendo conhecimentos de diferentes áreas, entre elas: leitura do livro *A planta carnívora de Léo*, e posterior releitura com massa de modelar e, depois, com massa de *biscuit*. Houve ainda a produção do portfólio com as várias atividades realizadas durante o ano, envolvendo gêneros textuais como *regra de jogos*, *história em quadrinhos*, *relato e texto instrucional*. Ao final do trabalho, colocamos nesse portfólio o registro desta *sequência didática*, apresentada no curso do PNAIC.

Também realizamos concurso de desenhos sobre o tema: os desenhos foram compartilhados na página criada na rede social Facebook<sup>4</sup> e o desenho mais curtido foi estampado na camiseta que usamos na Feira de Ciências da escola, quando apresentamos os resultados de nossa pesquisa para a comunidade escolar. Durante a pesquisa, foram realizadas perguntas e respostas, além da confecção de um *quiz*<sup>5</sup> e de um aparelho com botões para os alunos jogarem e aprenderem brincando. Além disso, selecionamos fotos de várias espécies de plantas carnívoras e elaboramos um jogo de memória. Cartazes também foram



**Figura 3** - Aparelho utilizado no quiz

Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>4</sup> Endereço da fanpage: <<https://www.facebook.com/turma34plantascarnivoras>>.

<sup>5</sup> Quiz é o nome dado a um jogo no qual os jogadores (individualmente ou em equipes) tentam responder corretamente a questões que lhes são apresentadas.



**Figura 4** - Sacola Científica

Fonte: acervo pessoal da professora

confeccionados com as conclusões das pesquisas realizadas pelos alunos.

Outra atividade realizada foi a da Sacola Científica, que foi levada para casa para que as famílias pesquisassem junto com seus filhos e confeccionassem uma planta carnívora com material reciclável, já que esse era um dos conteúdos trabalhados na apostila adotada pela escola, do Sistema Educacional Família Escola.

Enriquecendo as vivências das crianças, nesse contexto, em novembro realizamos uma saída de estudos ao herbário da Universidade Federal de Santa Catarina. No local, os alunos foram recepcionados pelos bolsistas da instituição, e através de uma apresentação de imagens lhes foram mostradas as plantas carnívoras catalogadas em todo o mundo. Na oportunidade, os alunos visitaram o herbário, puderam visualizar a forma de armazenamento das plantas e o modo como elas são catalogadas, além de conhecer a planta

carnívora denominada *utriculária*, presente na região aquática próxima de rios e mares da Ilha de Santa Catarina.

Os resultados da pesquisa foram organizados e apresentados pelos alunos no final de novembro, na II Feira de Ciências realizado na escola. Como qualquer trabalho, este também teve suas dificuldades, que nesse caso foram relativos à aceitação por parte dos alunos, já que aqueles que não votaram no tema das plantas carnívoras ficaram, durante muito tempo da pesquisa, desinteressados pelo tema. Entretanto, percebemos que ao elaborarmos os jogos, todos os alunos apresentaram um maior envolvimento com a pesquisa e um maior aprendizado.



**Figura 5** - Portfólios

Fonte: acervo pessoal da professora

No dia da apresentação na Feira de Ciências, a maioria dos alunos estava muito animada com a pesquisa e com a possibilidade de apresentar aos pais e a toda comunidade escolar os conhecimentos que haviam “descoberto”. Nesse dia, até o Secretário de Educação do município esteve presente, fato que deixou a turma ainda mais eufórica.

Acreditamos que trabalhar o ensino





**Figura 6** - Exposição na Feira de Ciências da escola

Fonte: acervo pessoal da professora

através da iniciação à pesquisa é muito importante para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, pois além de contemplar os conteúdos dos diferentes componentes curriculares, pode-se trabalhar com atividades que proporcionam contato com os conteúdos atitudinais, como autonomia, responsabilidade e democracia, tão importantes para a formação dos discentes.

## REFERÊNCIAS

- FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Escola Básica Municipal Adotiva Liberato Valentim. **Projeto Aprender:** pesquisar de corpo inteiro. Florianópolis: PMF/SME, 2014.
- FÓRUM CARNÍVORAS. **Dionéia Muscipula.** Disponível em: <<http://www.carnivoras.com.br/dionaea-muscipula-t206.html>>. Acesso em: 13 set. 2015.
- FRANCO, Marina. **Nova planta carnívora é encontrada no Brasil graças a foto em rede social.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2015/07/nova-planta-carnivora-e-descoberta-no-brasil-gracas-foto-em-rede-social.html>>. Acesso em: 13 set. 2015.
- GABARDO, Carmem Lucia. **Coleção caminhos:** fundamentação. Livro do Professor. Curitiba: SEFE, 2011.
- MIRANDA, Ricardo. **Ficha de cultivo:** *Nepenthes alata*. Disponível em: <<http://plantascarnivoras.forumr.net/t129-ficha-de-cultivo-nepenthes-alata>>. Acesso em: 13 set. 2015.
- PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. **Elefante Elfo:** plantas carnívoras. Disponível em: <[http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/atividades\\_plantas/br\\_kids\\_conhecendo\\_plantas\\_carnivoras.swf](http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/atividades_plantas/br_kids_conhecendo_plantas_carnivoras.swf)>. Acesso em: 13 set. 2015.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Smart Kids. **Jogo de Quiz:** Plantas Carnívoras. Disponível em: <[http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/atividades\\_plantas/plantas\\_carnivoras\\_quizz.swf](http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/atividades_plantas/plantas_carnivoras_quizz.swf)>. Acesso em: 13 set. 2015.

SOUZA, Cláudia. **A planta carnívora de Léo.** São Paulo: Callis, 2010.



## A MATEMÁTICA DAS ENERGIAS: MULTIPLICANDO ALTERNATIVAS

Evandra Regina Macagnan<sup>1</sup>  
Claudia Elizabet Fávero Boccalon<sup>2</sup>  
Claudinei Schimanko<sup>3</sup>  
Maira Gledi Freitas Kelling Machado<sup>4</sup>

Este trabalho foi desenvolvido com crianças do 3º ano do Centro Educacional Municipal Frei Silvano de Ensino Fundamental, no ano de 2015. A escola pertence à rede municipal de Água Doce, no Meio-Oeste de Santa Catarina. As turmas eram compostas de 18 alunos no período matutino e 19 alunos no período vespertino, que participaram ativamente deste trabalho escolar.

Atualmente, ao ligarmos nossa TV, o rádio, ou acessarmos a internet, são temas comuns o aumento da conta de luz e a crise da falta de água no Estado de São Paulo. Diante dessa preocupação, frequentemente os alunos chegam à sala de aula fazendo algum tipo de questionamento ou comentário sobre o tema. O que fazer?

Assim, a justificativa deste projeto centra-se no fato de que, diante da escassez de água enfrentada no planeta, especialmente na região de São Paulo, surge a necessidade de pesquisar o tema, tomando-o como base para o estudo da Matemática. Afinal, a energia elétrica é recurso vital, necessária diariamente em nossas residências, para o uso de eletrodomésticos, eletrônicos e lâmpadas, além de ser recurso essencial para indústria, comércio e todos os setores de desenvolvimento do planeta.

Sabemos que dois fatores determinam a quantidade de eletricidade gerada por uma usina hidrelétrica: o primeiro fator está relacionado à altura das turbinas em relação à superfície da água, e o segundo fator é o volume do fluxo de água que se move através das turbinas. Considerando

uma hidrelétrica com uma turbina que necessite de uma queda de 100 metros, são gastos em média 3.600 litros de água para produzir 1 kW de energia elétrica. Sendo assim, ao analisarmos a população da cidade de Água Doce, vamos ver que é preciso muita água para gerar a energia elétrica consumida. Como esse recurso natural está cada vez mais escasso, e o aumento da população é cada vez maior, percebemos que precisamos fazer algo urgentemente – e o ideal, neste sentido, seria o uso de energias alternativas, ou seja, a energia eólica e a energia solar.

Dentro desse processo de pesquisa, objetivamos: identificar as fontes de geração de energia elétrica, dando ênfase àquela produzida pelas usinas hidrelétricas; compreender que é necessário utilizar muita água para gerar 1 kW da energia consumida em nossas casas; sensibilizar a classe escolar e a população local para a importância de se economizar água para garantir a geração de energia, recurso fundamental em nosso dia a dia; identificar as maiores usinas hidrelétricas do mundo; identificar as maiores hidrelétricas do Brasil; expor a pesquisa realizada à população em geral para haver conscientização de como utilizar os recursos naturais sem desperdiçá-los; levar os alunos e a comunidade local a compreender que ao economizarmos energia elétrica estamos também economizando água; identificar as formas de energia alternativa, como a gerada através do vento e do Sol; identificar o parque eólico de Água Doce como importante fonte de energia elétrica renová-

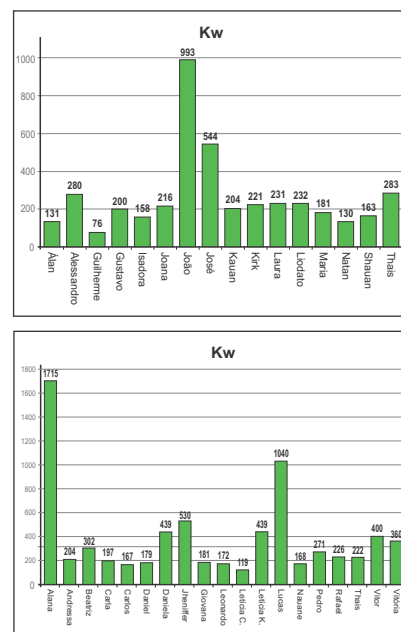


Figura 1 - Gráfico dos kW/h gastos das turmas (matutino e vespertino)

Fonte: acervo pessoal da professora

vel; pesquisar os maiores parques eólicos do Brasil; calcular os kW de energia gastos por família de aluno; identificar quais são as famílias que mais consomem ener-

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Séries Iniciais, Tecnologia e Gestão Ambiental. Professora Alfabetizadora no Centro Educacional Municipal Frei Silvano, em Água Doce (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Orientação, Administração e Supervisão Escolar e em Didática, Fundamentos Teóricos da Prática Pedagógica. Orientadora Pedagógica no Centro Educacional Municipal Frei Silvano, Orientadora em Educação Especial no município de Água Doce (SC).

<sup>3</sup> Formador de Matemática, Polo 3. Licenciado em Matemática, Especialista em Interdisciplinaridade e Gestão Ambiental e mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana. Professor de matemática da Rede Estadual e Municipal de Educação de Itapema (SC).

<sup>4</sup> Formadora de Linguagem, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UEDESC).

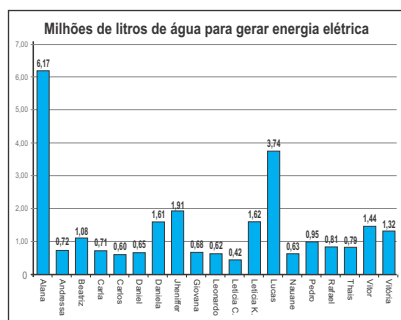
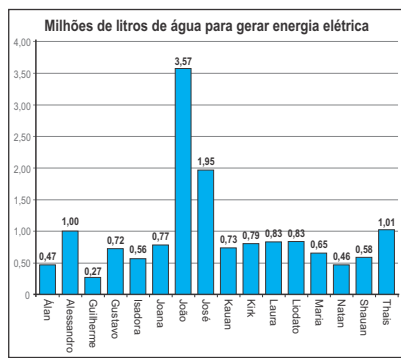
gia em casa; compreender a confecção de um gráfico e sua importância; aprender a multiplicar utilizando como referência o consumo de energia elétrica das famílias; incentivar a fabricação de placas solares através da utilização de garrafas PET e caixas de leite; confeccionar jogos utilizando-os como meio para aprender matemática; construir uma miniplaca solar e compreender os mecanismos de seu funcionamento; utilizar a placa solar para aprender a Tabuada do 5.

Percebendo o interesse dos alunos, no mês de março decidimos lançar um desafio envolvendo não apenas a turma de 3º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também suas famílias.

Levando em consideração que 70% da energia produzida no Brasil vem das usinas hidrelétricas, motivamos os alunos a descobrir, através de pesquisa: Como é gerada a energia que consumimos? Quantos litros de água são necessários para gerar 1 kW de energia elétrica? Qual é o consumo diário de cada família da turma? Quanta água é necessária para gerar a energia consumida pela família em um mês? Dentre os alunos da turma, qual a família que mais consome energia elétrica no mês? Qual o consumo de energia da escola? Sabendo que a energia hidrelétrica causa grandes impactos ambientais, quais seriam as formas de geração de energia limpa? Buscar dados junto à CASAN (companhia local de abastecimento) para identificar quantos litros de água cada pessoa da cidade consome por dia, por semana, por mês, por ano. Quantos litros diários são consumidos por toda a população? Quantos litros são consumidos mensalmente pela população da cidade?

Esses foram alguns dos questionamentos que foram surgindo no decorrer do desenvolvimento do projeto. Também procuramos fazer um comparativo entre a quantidade

de de água consumida por pessoa em Água Doce e a quantidade de consumo indicada pela ONU. Com isso, foi preciso desenvolver situações-problemas envolvendo cálculos com contas de luz e quantidade de água utilizada no processo de geração de energia.



**Figura 2** - Gráfico com cálculo dos litros de água gastos para gerar energia elétrica por família das turmas de alunos (matutino e vespertino)

Fonte: acervo pessoal da professora

A turma realizou visita a uma usina artesanal hidrelétrica, uma PCH (Pequena Usina Hidrelétrica), e ao Parque Eólico, ambos presentes no município de Água Doce (SC).



**Figura 3** - Visita ao parque eólico de Água Doce

Fonte: acervo pessoal da professora

Entre os desafios do projeto, estavam: identificar o que é uma usina hidrelétrica, uma usina eólica e uma usina de energia solar; pesquisar as maiores usinas hidrelétricas do Mundo e do Brasil, através de recursos midiáticos, expondo as imagens para a turma; pesquisar sobre as maiores usinas eólicas do Brasil; estabelecer comparativos visando identificar qual delas causa menos danos ao meio ambiente; e identificar os impactos causados pelas usinas hidrelétricas.

Com isso, o grupo pôde elencar as vantagens da energia eólica; produzir textos a partir de cada visita e das pesquisas efetuadas; montar maquetes em forma de gráficos elencando os dados levantados; montar um portfólio com o cálculo dos kW/h e da água gasta para produzir energia, conforme os cálculos efetuados durante as atividades; construir uma placa solar através de parceria com a EPAGRI, utilizando para isso 300 garrafas PET e 300 caixas



**Figura 4** - Placa Solar, construída na escola em parceria com a EPAGRI

Fonte: acervo pessoal da professora

de leite, a ser utilizada na cozinha da escola; estender a visitação para os pais, a fim de que conhecessem o projeto da placa solar, incentivando-os a construir em suas propriedades.



**Figura 5** - Jogo Sobe e Desce, confeccionado por alunos e professora  
Fonte: acervo pessoal da professora

Com os resultados alcançados, podemos concluir que o projeto *A matemática das energias: multiplicando alternativas* levou os alunos a aprender a multiplicar utilizando como referência o consumo de energia elétrica das famílias, a calcular os kW de energia elétrica e, ao mesmo tempo, a cuidar do meio ambiente. Todos os conceitos e atividades foram desenvolvidos através de jogos. O primeiro deles foi o jogo Sobe e Desce: é Jogar e Economizar, com o qual os alunos precisam resolver as multiplicações para seguir jogando, podendo utilizar os palitos de fósforos para resolver as operações.

Para reforçar a multiplicação de forma lúdica, construímos o Dominó Humano, com o qual os alunos aprendem a tabuada brincando.

Aproveitando a placa solar construída na escola, que é uma das alternativas para economizar água, utilizando-a desenvolvemos o conceito da Tabuada do 5. O jo-



**Figura 6** - Jogo Dominó Humano, confeccionado por alunos e professora  
Fonte: acervo pessoal da professora

go funciona da seguinte forma: 10 barras de cano PVC com 5 garrafas PET cada cano. Desta forma o aluno conta, por exemplo:  $1 \times 5 = 1$  barra da placa solar com 5 garrafas = 5;  $2 \times 5 = 2$  barras da placa solar com 5 garrafas cada =  $5 + 5 = 10$ ;  $3 \times 5 = 3$  barras da placa solar com 5 garrafas cada =  $5 + 5 + 5 = 15$ ; e assim sucessivamente.



**Figura 7** - Tabuada do 5, confeccionada com garrafas PET  
Fonte: acervo pessoal da professora

O relógio, recurso comum em sala de aula, também foi utilizado para reforçar a Tabuada do 5. O jogo Batalha da Multiplicação, construído com o baralho de Uno, tem como objetivo trabalhar a multiplicação. Ao sinal do “já”, os alunos viram as cartas e multiplicam seus valores. O que falar primeiro o resultado correto fica com as cartas que estão na mesa. Ganha o jogo quem ficar com o maior número de cartas ao final do jogo.

Através de gráficos e tabelas são apresentados dados sobre a quantidade de água gasta para gerar energia elétrica, co-



mo também o consumo de água de cada residência dos alunos da turma em um mês.



**Figura 8** - Jogo Batalha da Multiplicação, confeccionado por alunos e professora  
Fonte: acervo pessoal da professora

Com este projeto, concluímos que para economizar água devemos economizar primeiramente a energia elétrica, pois economizando energia elétrica indiretamente estamos economizando água. Além disso, utilizando como tema o consumo de água e energia elétrica, foi possível confeccionar e aplicar jogos capazes de desenvolver os conceitos matemáticos, especialmente da tabuada, e a formular gráficos de forma significativa e prazerosa.

## SITES PESQUISADOS

BBVK Energia Solar. Disponível em: <<http://www.bvkenergiasolar.com.br>>. Acesso em: nov.2016.

O VALE. **Crise hídrica exige economia de energia elétrica, aponta estudo feito pela Sabesp.** Disponível em: <<http://www.ovale.com.br/crise-hidrica-exige-economia-de-agua-e-de-energia-eletrica-aponta-estudo-feito-pela-sabesp-1.579523>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

PLANET SEED. Disponível em: <<http://www.planetseed.com>>. Acesso em: nov.2016.

TOP 10+. **Maiores hidrelétricas do mundo.** Disponível em: <<http://www.top10mais.org/top-10-maiores-hidrelétricas-mundo>>. Acesso em: nov. 2016.

O trabalho *Minha vida em números* foi desenvolvido com alunos de 3º ano do Ensino Fundamental, turma de matutino e vespertino. Ele surgiu de um problema já bem conhecido na sala de aula: a distância que damos entre a matemática e a nossa vida. Geralmente os conteúdos são ensinados sem que o aluno consiga perceber que os números fazem parte do cotidiano e de sua vida desde o nascimento. Temos uma data, dia, mês e ano, somos pesados, medidos, e daí continua a matemática no nosso cotidiano. Todos nascemos já mergulhados na matemática. É neste sentido que entendemos que matemática e realidade precisam estar interligadas também, e principalmente, em sala de aula, pois, conforme Scheffer (1999), “O saber constrói-se contextualizado enquanto emerge da experiência vivida [...]”.

Ainda segundo Fischer (1992), “É através da interação com o meio, a partir da curiosidade aguçada, que a criança vai fazendo relações entre sua vida, sua história e a vida dos outros e a história coletiva.” Assim, a matemática que o aluno aprende não pode estar distanciada de seu mundo.

Por isso, este trabalho possibilitou aos alunos construção de conceitos matemáticos a partir de atividades significativas que envolviam o cotidiano e informações sobre a vida deles, tais como contar, comparar, compreender informações, medir, etc. Também os levou a ler informações e dados apresentados em tabelas; desenvolver interesse e curiosidade com a matemática, construindo relações temporais,

espaciais e lógico-matemáticas, agrupando, ordenando, medindo, classificando etc.; integrar dados pessoais relacionados a sua pessoa; entender que a vida é um processo de continuidade do passado e do presente; estudar quantidades, fazer comparações. Trabalhando, enfim, com números, os alunos puderam perceber que eles são usados para medir, indicar ordem ou posição e codificar.

A *sequência* utilizada teve início quando abordamos a história dos números e andamos, com a turma, pelas ruas para perceber onde podemos encontrá-los, por que os números surgiram e como foi a sua evolução até os dias de hoje. A partir daí, dividimos os números entre aqueles que são usados para: contar, medir, indicar ordem e posição e para codificar. Para tal, cada aluno preencheu uma ficha com alguns dados de sua vida. Começamos, então, a analisar elementos que dizem respeito à nossa vida: nome, data de nascimento, idade, peso, altura, número de calçado, endereço e documentos.

Através do nome pudemos contar, comparar e utilizar gráficos. Quantos nomes



**Figura 1** - Gráfico confeccionado pelos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

começam com a mesma letra? Quantas letras têm o meu nome? Os alunos avaliaram a quantidade, fizeram comparações entre seu próprio nome e os nomes dos colegas. Qual o nome que tem mais letras na nossa turma? Qual o nome que tem menos letras? Qual a diferença entre o nome



**Figura 2** - Gráfico dos aniversários

Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Educação Especial e Educação na Cultura Digital. Professora Efetiva da Rede Pública Municipal de Água Doce (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga e Pós-Graduada em Orientação, Administração e Supervisão escolar e em Didática, Fundamentos Teóricos da Prática Pedagógica. Orientadora Pedagógica no Centro Educacional Municipal Frei Silvano, Orientadora em Educação Especial no município de Água Doce (SC).

<sup>3</sup> Formador de Matemática. Licenciado em Matemática, Pós-Graduado em Interdisciplinaridade e Gestão Ambiental e Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana. Professor de matemática da Rede Estadual e Municipal de Educação de Itapema (SC).

<sup>4</sup> Formadora de Linguagem. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).



com mais letras e o nome com menos letras? Quantos nomes começam com a mesma letra? Qual a letra que inicia a maior quantidade de nomes em nossa sala? Qual a letra que tem menos nomes? Quais letras que não pertencem a nenhum nome na sala? Ao final, fizemos um gráfico.

Com a data de nascimento, identificamos as unidades de tempo, como os meses dos anos, os dias da semana e as horas. Criamos gráficos de aniversários, analisamos o calendário, fizemos leitura de horas em relógio digital e analógico. Convertimos nossas idades em meses, semanas e dias utilizando a calculadora e relacionamos o tempo em manhã, tarde e noite. Relacionamos também nossas idades e data de nascimento com os dias do ano, meses e semanas, horas do dia, ano bissexto.



**Figura 3** - Cartaz das medidas de comprimentos dos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

Utilizamos o peso, a altura e o número do calçado para medir e comparar, conhecer as unidades de medidas, seu surgimento, sua utilização; conhecer como eram as medidas antigas, como a polegada, o palmo, o pé e o côvado. Utilizamos nosso corpo para medir superfícies da sala e a altura de um colega. Comparamos os dados e analisamos quais as maneiras ideais se de medir e pesar. Então, confeccionamos um mural com a informação dos tamanhos de cada aluno com barban-



**Figura 4** - Cartaz com as medidas de altura dos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

te; realizamos comparações; fizemos um cartaz com o desenho de um dos alunos e medimos em polegadas, côvados e palmo.

Confeccionamos, ainda, um jogo da memória em que era preciso formar pares das medidas em metros, centímetros e milímetros, percebendo que um metro é igual a 100 cm e 1000 mm.



**Figura 5** - Cartaz com as medidas de altura dos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

Depois, dividimos a turma em duas filas: os alunos que pesavam mais de 30 kg e os alunos que pesavam menos. Comparamos as filas e discutimos sobre ela: Que fila está maior? Por quê? Estimulamos os alunos a observarem: qual seu peso? Qual coluna tem mais gente? Qual coluna tem menos gente? Qual pessoa está menos pesada? Qual pessoa está mais pesada?

Também comparamos o peso de cada



**Figura 6** - Jogo da memória confeccionado pelos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

aluno com pacotes de alimentos que foram trazidos da cozinha, e cada um foi montando seu peso com esses alimentos, estabelecendo assim uma comparação com algo que já faz parte do nosso universo. Fizemos alguns jogos sobre os pesos dos alimentos e a troca de quilos por gramas; depois, uma gincana em que os alunos foram divididos em grupos e procuravam nas embalagens o peso indicado nos cartões. Também fizemos o jogo em que era preciso formar 1 kilo com os gramas indicados no cartão, ou seja, formar 1000 gramas.



**Figura 7** - Crianças que pesam mais de 30 kg e menos que 30 kg  
Fonte: acervo pessoal da professora

Também fizemos um gráfico com os números de calçados, e estabelecemos comparações: quantos calçam o número 33? Qual o maior número de calçado? Qual o número que mais aparece? Qual a média dos números que apareceram?

Com os documentos, endereços, telefones e números de calçado, exploramos os



**Figuras 8, 9 e 10** - Comparação do peso das crianças com pesos de alimentos

Fonte: acervo pessoal da professora

números como código na organização das informações. Afinal, cada indivíduo possui um RG, um CPF, um endereço, um número de telefone, etc. Assim, foi confeccionado um jogo de Super Trunfo com as informações dos alunos.

Os vários conteúdos matemáticos trabalhados de forma lúdica e prazerosa com os alunos do Ensino Fundamental (3º ano) do Centro Municipal Frei Silvano, de Água Doce (SC), tiveram grande relevância. Os alunos perceberam que é possível aprender Matemática de

forma lúdica, recreativa e divertida, ampliando conhecimentos em relação aos conteúdos estudados. Concluímos, com esse trabalho, que os alunos perceberam o quanto a vida é cheia de números e que a Matemática está presente nas diversas atividades humanas – praticamente, não há uma em que não seja necessário codificar, quantificar, analisar, contar, interpretar, ordenar, generalizar e estabelecer relações. Puderam perceber, além disso, que a Matemática traz soluções para os problemas do nosso cotidiano.



**Figura 11** - Cartaz da confecção do gráfico com números dos calçados dos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

## REFERÊNCIAS

- SCHEFFER, Nilce Fátima. Modelagem Matemática: uma Abordagem para o Ensino-Aprendizagem de Matemática. **Educação Matemática em Revista**, p. 11-16, maio, 1999.
- SOUZA, Andréia F. de; RAFFA, Ivete; SOUZA, Sílvia da Silva F. de. **Matemática: Primeiros Passos**. Arujá, SP: Giracor, 2009.

## GÊNEROS DO DISCURSO COMO COADJUVANTES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O TRABALHO COM ANÚNCIO

Cíntia Franz<sup>1</sup>  
Ieda Pertuzatti<sup>2</sup>  
Marlise Maria Junges Hackenhaar<sup>3</sup>  
Maria Rita Spagnol Kist<sup>4</sup>

As atividades apresentadas no presente relato foram realizadas na Escola Reunida Municipal Professora Lydia Franzon Dondoni, situada na cidade de Nova Erechim (SC). Trata-se da única escola que atende alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano no município; são alunos da zona rural e urbana e atualmente correspondem a 261 alunos, atendidos nos turnos matutino e vespertino por professores formados e qualificados dentro da área em que atuam.

A educação do município conta com um grupo dedicado e comprometido de professores, gestores e colaboradores, razão pela qual aderiram ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) desde o seu início, em 2013. No decorrer da formação, contou-se com a participação de todos os professores regentes de turmas, não somente os professores alfabetizadores. Neste processo, foram atendidos em 2013 um total de 156 alunos do 1º ao 3º ano; em 2014, 153; e em 2015, 139. O compromisso abarcado pelo processo de alfabetização e de letramento dos educandos até o 3º ano, deu-se de forma significativa e unânime entre os professores regentes e das disciplinas diversificadas. Esse é um fator que consideramos decisivo para os ótimos resultados que a escola vem colhendo no processo de formação dos seus educandos. Considerando que essa formação deva se realizar de forma dinâmica, no bojo de um conjunto de fatores – sociais, cognitivos, emocionais, econômicos, culturais e históricos –, priorizamos as relações e a *dialogi-*

*cidade* entre professores e educandos, bem como o respeito à diversidade, alimentando a igualdade de forma que os direitos e deveres sejam atribuídos a todos.

Nesse contexto, propomos aqui mostrar um pouco do trabalho realizado pela escola por meio de um projeto didático desenvolvido com os alunos do 3º ano de 2015, pelas professoras Maria Rita Kist e Lilian Terribile. O projeto aconteceu com três turmas do 3º ano, ao longo de 2015, que totalizavam 45 alunos.

Destacamos como objetivos estabelecidos pelas professoras: explorar o gênero do discurso *anúncio*; ampliar, desenvolver e concretizar habilidades e competências dos alunos em *leitura, escrita, interpretação, produção textual*, bem como a compreensão da norma ortográfica; sistematizar o conceito de moradia e o localizar-se geograficamente; sistematizar os conceitos de compra e venda, aprofundando o sistema monetário.

Durante todo o processo de planejamento, as professoras procuram contemplar os conceitos apreendidos durante o curso de formação do PNAIC e nas trocas estabelecidas entre os pares. Nessa perspectiva, o ambiente em que se encontram os alunos é considerado, suas expectativas com a escola e com as aprendizagens em sala de aula são escutadas, a individualidade e a diversidade são respeitadas e influenciam no planejamento das atividades. Busca-se, assim, garantir uma educação com qualidade e que ofereça a todos os educandos a mesma possibilidade de aprender e se desenvolver, intera-

gindo e se relacionando. Para tanto, no planejamento das atividades foram ressaltados os *direitos de aprendizagem* abordados durante o processo de formação do PNAIC, quais sejam:

a) **Língua Portuguesa:** *Leitura e interpretação* (leitura para automatismo da mesma, estabelecer relações entre diferentes gêneros textuais, compreender diferentes assuntos tratados); *Oralidade* (relacionar fala e escrita tendo em vista o Sistema de Escrita Alfabética e suas variantes linguísticas e diferentes gêneros textuais); *Produção* (produzir diferentes gêneros textuais, atendendo a outras finalidades, organizar o texto dividindo em tópicos e parágrafos, pontuar os textos, revisar os textos, reescrevendo-os de modo a aperfeiçoar as estratégias discursivas (reestruturação), utilizar recursos coesivos para articular ideias ou fatos).

b) **Matemática:** *Adição* com agrupamento e *subtração* com desagrupamento; representação utilizando o Q.V.L. (Quadro Valor de Lugar); uso de técnicas ope-

<sup>1</sup> Formadora, Polo 3. Mestranda do PROFLETRAS da UFSC, Licenciada em Letras e Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Rio do Sul (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Mestranda em Educação da Unochapecó, Licenciada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia, Educação Infantil e Séries Iniciais e Magistério Superior. Professora na ERM Professora Lydia F. Dondoni, em Nova Erechim (SC).

<sup>3</sup> Coordenadora local, Polo 3. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora da ERM Professora Lydia F. Dondoni, em Nova Erechim (SC).

<sup>4</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora na ERM Professora Lydia F. Dondoni, em Nova Erechim (SC).

ratórias convencionais; construção de equivalência entre o real e os centavos; compreensão dos valores monetários, composição de valores, escrita de números por extenso, interpretação, leitura, raciocínio lógico matemático, domínio de conceitos da subtração (resto e diferença), cálculo mental e escrita.

c) **História e Geografia:** Localização no espaço geográfico (endereço, direções, mapas).

Com base nisso, então, iniciaram-se as atividades com a leitura do livro *Quero Casa com Janela* (SALLOUTI, 1998) pela professora. Na oportunidade, os alunos foram convidados a observar o anúncio que se encontrava no texto, e dessa forma o gênero textual foi oralmente discutido.



Figura 1 - Capa do livro lido pela professora  
Fonte: acervo pessoal da professora

As professoras, durante o processo, utilizaram-se de indagações para estimular a interpretação e a reflexão sobre o texto nos alunos: “Sobre o que o texto está tratando?”, “Vocês já ouviram falar em *classificados* ou *anúncios*?”, “Por que as pessoas utilizam esse recurso e pagam para colocar anúncios no jornal?”, “Que outros meios as pessoas utilizam para anunciar, além do jornal?”, etc.

A professora mostrou alguns anúncios, que foram lidos pelos alunos, e eles então refletiram e chegaram à conclusão de que esse gênero serve para anunciar alguma

coisa, algum produto, objeto, ou então para vender, trocar ou alugar. Foram oferecidos aos alunos revistas e jornais para que encontrassem e recortassem outros anúncios, os quais também foram utilizados no cartaz das produções sobre os anúncios. Na ocasião, os alunos perceberam a presença da palavra “classificados” nas páginas dos jornais, e essa palavra foi pesquisada no dicionário.

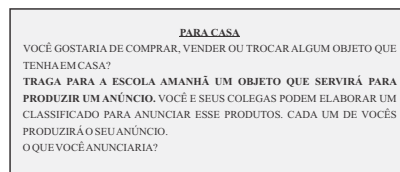


Figura 2 - Bilhete encaminhado como tarefa de casa  
Fonte: acervo pessoal da professora

Com o objetivo de intensificar a compreensão sobre o gênero textual *anúncio*, sua finalidade e estrutura, as professoras pediram para que os alunos elaborassem um anúncio de algo que gostariam de vender. Nesse momento, a professora indicou alguns detalhes que precisariam estar claros no anúncio, tais como: para que serve aquele anúncio, o que se pretende com

ele (vender, comprar, alugar, etc.), a quem se destina, ou quem se pronuncia nele, quais os detalhes sobre o objeto, informações de contato, entre outros. Essa atividade foi programada tendo em vista que os alunos, por se encontrarem em turmas do 3º ano, já se pronunciavam satisfatoriamente bem com o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), e o momento, então, se define pela consolidação desse processo de alfabetização, por meio do incentivo à produção autônoma dos diversos gêneros textuais.

Assim, cada aluno desenvolveu o seu anúncio. Como a intenção no momento era trabalhar com os conceitos de *compra*, *venda*, *troca* e *valores monetários*, as professoras direcionaram a produção desses textos. No dia seguinte, os alunos trouxeram os seus anúncios e, com o grupo, foi elaborado um painel para expô-los.

O significado da palavra “anúncio” foi procurado no dicionário pelos alunos com o objetivo de irem se familiarizando com a utilização do dicionário e com a sua função.

Na intenção de se trabalhar com o



Figura 3 - Anúncios produzidos pelos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora



Sistema Monetário Nacional e os conceitos de *compra* e *venda*, os alunos foram convidados a trazerem para a escola, no dia seguinte, os objetos que descreveram no anúncio. Na sequência, os alunos foram apresentados ao “dinheiro” como representante quantitativo do sistema monetário e, em uma roda de conversa, foram indagados sobre: “Como conseguimos dinheiro?”, “O que podemos fazer com ele?”, etc. O elemento *trabalho* apareceu e, na oportunidade, a questão que movimentou o debate foi: “Quem pode trabalhar? Trabalhar é o mesmo que ajudar, ter responsabilidades em casa?”.

Após a conversa, algumas atividades sobre o tema foram realizadas e os alunos tiveram contato com o dinheiro, realizaram contagens, agrupamentos e atividades relacionadas no caderno. No encadeamento das atividades, as crianças, posteriormente, foram convidadas a montarem um “mercado” para poder vender, comprar ou trocar os objetos que trouxeram



**Figura 4** - Alunos realizando as compras e vendas

Fonte: acervo pessoal da professora

Observem nas fotos os objetos que foram utilizados para produzir os anúncios do terceiro ano e seus respectivos preços logo abaixo da figura.

 RS9,00	 RS4,00	 RS12,00	 RS2,00
 RS78,00	 RS11,00	 RS13,00	 RS15,00
 RS105,00	 RS39,00	 RS45,00	

1. Coloque nos espaços os preços em ordem crescente e escreva como se lê:

RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_  
 RS \_\_\_\_\_

**Figura 5** - Problemas matemáticos elaborados pelas professoras

Fonte: acervo pessoal da professora

de casa e que estavam no anúncio. Os objetos trazidos foram fotografados, e cada um estimou o preço de venda, a partir das considerações: “Como os valores são estimados?”, “Podemos pagar o que queremos pelos produtos?”, “O ‘dono do mercado’ pode vender os produtos pelo preço que deseja?”.

Após a negociação dos seus objetos, que foi acompanhada e mediada pelas professoras, os alunos realizaram um relato das negociações no caderno, contando por quanto venderam ou compraram, se houve troca, se ficaram satisfeitos com a negociação, etc.

Dando continuidade aos trabalhos, foi realizada a leitura do poema de Roseana Murray “Classificados Poéticos”, como fechamento da *sequência didática*, possibilitando que as professoras relacionassem a temática com outro gênero do discurso, a *poesia*, explorando estrofes e rimas.

Com essa atividade, os alunos foram convidados a imaginar como seria a casa que estava sendo anunciada no poema. Cada um recebeu uma folha para desenhar a casa que imaginou, e o momento se

1. Relacione

Vinte e cinco reais	RS 7,60
Três reais e cinquenta centavos	RS11,80
Sete reais e sessenta centavos	RS25,00
Dois reais	RS 3,50
Onze reais e oitenta centavos	RS 2,00

2. Vamos comparar

a) O ursinho de pelúcia custa quantos **reais a menos** que o creme hidratante?

Cálculo \_\_\_\_\_ Prova real \_\_\_\_\_

Resposta \_\_\_\_\_

b) Quantos reais a mais custa o notebook em relação ao celular?

Cálculo \_\_\_\_\_ Prova real \_\_\_\_\_

Resposta \_\_\_\_\_

c) Encontre a diferença de reais entre o rádio e a lanterna.

Cálculo \_\_\_\_\_ Prova real \_\_\_\_\_

Resposta \_\_\_\_\_


estendeu para a casa de cada um. Com uma música de fundo, as professoras pediram para os alunos fecharem os olhos e irem imaginando, relembando as suas casas, o que eles enxergavam quando chegavam em frente à casa, quando abriam a porta, adentrando os cômodos, seu quarto, detalhes, cores, onde mais gostavam de ficar, o que faziam, etc. As professoras aproveitaram para tratar da necessidade de se ter uma casa, um lar, da função da casa para nossas vidas, da questão econômica implicada nos tipos de moradias – avaliando que esse não seria um fator deter-

UMA CASA EM UM CANTO  
 ENCANTADO VIRA POEMA  
 VENDE-SE UMA CASA ENCANTADA  
 NO TOPO DA MAIS ALTA MONTANHA  
 TEM DOIS AMPLOS SALÕES  
 ONDE VOCÊ PODERÁ OFERECER BANQUETES  
 PARA OS DUENDES E OS ANÕES  
 QUE MORAM NA FLORESTA AO LADO.

TEM JARDINEIRAS NAS JANELAS  
 ONDE CONVÉM PLANTAR MARGARIDAS.

TEM QUARTOS DE TODAS AS CORES  
 QUE AUMENTAM OU DIMINUEM  
 DE ACORDO COM SEU TAMANHO  
 E NA GARAGEM HÁ VAGAS  
 PARA TODOS OS SEUS SONHOS.

ROSEANA MURRAY, *classificados poéticos*.



**Figura 6** - Poema “Classificados Poéticos”, de Roseana Murray

Fonte: acervo pessoal da professora

minante para gostarmos ou não das nossas casas, mas que a casa da gente tem de ser bonita pelas pessoas que moram nela, pelo cuidado que temos uns com os outros na nossa família e pelo conforto dos abraços que damos. Nesse momento, o livro *Quero casa com janelas* foi lembrado.

Após essa viagem imaginária pela casa de cada um, os alunos foram desafiados a descrever como foi, o que cada um viu, sentiu, lembrou. O resultado foi fantástico, os textos produzidos revelaram o quanto a imaginação das crianças pode colaborar com o aprendizado e com a sua criatividade. Alguns alunos chegaram a relatar que sentiram o cheiro gostoso da sua cama, o travesseiro macio, e os exemplos seriam muitos.

As professoras escolheram alguns desses textos para trabalhar com a reestruturação textual. Os alunos receberam um texto apenas, digitado na sua forma original, sem o nome do autor, e como foi comunicado antecipadamente que o texto seria reestruturado, o aluno tinha a opção de se pronunciar ou não sobre a autoria. A turma foi preparada para a atividade e estava consciente de que o texto seria uma atividade para todos aprenderem, que existiam pontos relativos à escrita nos quais todos precisavam avançar. Com o texto em mãos, os alunos foram sendo questionados e as mudanças – de estrutura, orto-

gráficas e de consonância – que eram levantadas por eles iam sendo reelaboradas no quadro pela professora, que no momento serviu de escriba da turma.

A reestruturação do texto serviu para estimular e conscientizar os educandos da necessidade de se manterem atentos na hora da escrita, pois o ato de escrever possui uma função importantíssima em nossas vidas, e uma informação trocada ou mal elaborada pode causar sérios enganos. Nesse sentido, concordamos com Soares (1999, p. 38):

[...] a hipótese é que aprender a ler e escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

Assim, justificamos nossa preocupação de que os educandos, além de dominarem a tecnologia de ler e escrever, tendo domínio do código alfabético, sejam conscientizados quanto à necessidade de se atribuir sentido, reflexão, interpretação, expressão e criticidade nessa ação, uma vez que o uso das linguagens desempenha funções nas relações sociais. Por isso, importa que saibam fazer uso da leitura e da escrita incorporadas em suas vidas.

Outro fator importante nessa atividade é a possibilidade de a professora, enquanto mediadora do processo, chamar a atenção dos educandos quanto às relações

som–grafia presentes na norma ortográfica, que nesse período deve ser apropriada pelos educandos. Sabemos da importância de se respeitar a linguagem cultural da criança e de todo o cuidado que a escola precisa dedicar quanto a isto, mas também temos, enquanto professores, a responsabilidade de favorecer ao educando o conhecimento da norma culta da língua, levando-o a refletir sobre a normatização, sobre as regras ortográficas.

Enquanto professoras alfabetizadoras e participantes das formações que o PNAIC proporcionou, gostaríamos de deixar algumas considerações sobre o processo de formação, sobre a prática que estamos realizando em sala de aula, sobre o papel do educador e da escola na construção de uma educação pública de qualidade, que atenda os requisitos de uma educação democrática e que respeite a diversidade e os conceitos de igualdade.

De início, deixamos claro nossa preocupação enquanto professoras em continuar nossa formação, mantendo-nos atualizadas quanto às necessidades que vão acometendo o meio educacional devido às grandes e velozes mudanças que vêm enfrentando o nosso mundo globalizado. Destacamos o papel fundamental que escola, família e sociedade precisam desempenhar em harmonia; o educar que se propõe na escola necessita estar alinhado com a sociedade que se apresenta na realidade dos seus educandos e com a família, por sua vez, que precisa estar presente também neste processo, acompanhando, manifestando-se, colaborando e opinando.

Compreendemos que nossa escola não deve ser neutra aos acontecimentos que lhe cercam, precisa possibilitar aos seus educandos a reflexão sobre tais acontecimentos, desenvolvendo a conscientização, a criticidade e a autonomia de perceberem que é atuando na sociedade e nas rela-

#### A MINHA CASA

Hoje nos viagenos na imaginação a professora leu para nos imagina eu entrei na minha casa eu imagino que a minha mãe estava varendo a casa e meu pai trabalhando e eu entrei na minha casa eu comesei com a porta a porta bramca e a sala e mo lado da cozinha o lado esquerdo da cozinha de pois eu fui no meu quarto e a parede azul e depois eu fui na sala a cordela é branca e depois eu fui no quarto dos meuspais e anarela.

O meu quarto e linpo e no meu quarto tem uma cama ropeiro uma televisão uma conoda azul e branca e na quarto da minha mãe e uma cona um berço es um ropeiro e no cozinha tem uma mesa, geladeira, uma pia e um fagom e na sala tem uma televisão um sofa e lepoi eu sai da minha casa.

Figura 7 - Produção de um aluno, escolhida para trabalho coletivo de reescrita

Fonte: acervo pessoal da professora

ções, de forma humana, justa e respeitosa, que atenderemos à construção de um mundo ideal.

Assim, a alfabetização e o letramento fazem-se indispensáveis para a formação desse cidadão crítico, reflexivo e ativo que almejamos e descrevemos como ideal. Para tanto, esse processo deve ser pensado, planejado e efetivado com a preocupação e responsabilidade do professor, com o auxílio da instituição escolar, dos atributos governamentais, e com a participação da sociedade.

Uma educação de qualidade para todos não se faz sozinha, ela precisa estar envolvida com a realidade social, cultural, política, econômica e histórica que lhe cerca. Essa teia em que se encontra precisa estar segura em todos os lados, para o professor ter segurança em passar por ela, contribuindo de maneira efetiva e significativa na formação de sujeitos críticos, reflexivos e ativos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: o último ano do ciclo de alfabetização: consolidando os conhecimentos. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- SALLOUTI, Elza Cesar. **Quero casa com janela**. São Paulo: Ática, 1982.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Este trabalho foi desenvolvido com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional Municipal Frei Silvano, situado no município de Água Doce, Santa Catarina. A turma era composta por 25 crianças, com idades entre seis e sete anos, e uma professora regente. As *seqüências didáticas* aqui relatadas fazem parte da realização de um projeto institucional intitulado *Clact Geométrica*, cujo objetivo principal é desenvolver o raciocínio, através de jogos, brincadeiras, músicas, histórias, acerca das formas geométricas.

A descoberta dos números não aconteceu de repente, nem foi uma única pessoa a responsável em descobri-los. A numeração apareceu da necessidade que as pessoas tinham de contar objetos, coisas e animais, e também da necessidade de registrar as quantidades e medidas. A Matemática está presente em toda a parte e é através do meio em que vivemos que construímos conhecimentos matemáticos, tais como: tamanhos, distância, comprimento, cores e formas. As crianças têm capacidade de descobrir coisas, iguais ou diferentes, organizar, classificar e criar conjuntos, estabelecer relações, observar os tamanhos das coisas, brincar com as formas, ocupar um espaço, e é assim que vivem e descobrem a matemática.

Através de brincadeiras, contação de histórias, músicas, jogos e atividades lúdicas, desafiamos e encorajamos os alunos a proporem soluções, explorando possibilidades, levantando hipóteses, desenvolvendo o raciocínio e a identificação de diversas formas geométricas. A aprendiza-

gem matemática ocorre de modo significativo quando o aluno se depara com situações que exijam investigação, reflexão e empenho, levando-o a construir e desenvolver conceitos e procedimentos matemáticos.

Existem muitas formas de conceber e trabalhar com a Matemática, pois ela está presente na arte, na música, em histórias, na forma como organizamos nosso pensamento, nas brincadeiras e nos jogos. Uma criança aprende muito de matemática antes mesmo que o adulto precise ensiná-la. Contudo, é importante pensarmos que tipo de materiais podemos disponibilizar para as crianças a fim de possibilitar-lhes tais descobertas.

A matemática é parte essencial do conhecimento de todo cidadão, para uma atuação crítica, prática e cotidiana na sociedade. É preciso estimular e desenvolver habilidades que permitam resolver problemas, lidar com informações numéricas para tomar decisões, fazer inferências, opinar sobre temas diversos, desenvolvendo a capacidade de comunicação e de trabalho coletivo, sempre de forma crítica



**Figura 1** - Confecção do jogo  
Fonte: acervo pessoal da professora

e independente. As crianças não aprendem pela mera repetição de técnicas e modelos, mas a partir de desafios com os quais se deparam e da organização de meios para superá-los.

A contação de histórias possui um papel importante na educação das crianças, pois contribui para o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e linguístico, além de ser facilitadora do processo de aprendizagem. Ouvindo histórias, o aluno constrói o conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do prazer de ouvir, da



**Figura 2** - Materiais do projeto  
Fonte: acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Pós-Graduada em Séries Iniciais, Tecnologia e Gestão Ambiental. Professora Alfabetizadora no Centro Educacional Municipal Frei Silvano, em Água Doce (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 3. Pedagoga e Pós-Graduada em Orientação, Administração e Supervisão escolar e em Didática. Fundamentos Teóricos da Prática Pedagógica. Orientadora Pedagógica no Centro Educacional Municipal Frei Silvano, Orientadora em Educação Especial no município de Água Doce (SC).

<sup>3</sup> Formador de Matemática. Licenciado em Matemática, Pós-Graduado em Interdisciplinaridade e Gestão Ambiental e Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana. Professor de matemática da Rede Estadual e Municipal de Educação de Itapema (SC).

<sup>4</sup> Formadora de Linguagem, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).



imaginação, memória, concentração, atenção, socialização e afetividade.

Nessa fase de desenvolvimento infantil, é importante propiciar a visualização, a exploração e o contato com os livros, adentrando esse universo de cores e formas, a fim de que a criança possa identificá-las. Assim, o projeto do *Clact Geométrica* partiu do livro *Clact... Clact... Clact...*, por ser uma obra por meio da qual o leitor identifica, compara e reconhece as formas planas, em especial o quadrado, o retângulo, o círculo e o triângulo, de maneira lúdica e prazerosa, o que é essencial nessa fase do desenvolvimento.



**Figura 3** -Usando formas geométricas  
Fonte: acervo pessoal da professora

Então, iniciamos o trabalho com a leitura do mencionado livro, primeiramente explorando sua capa, suas cores, o autor, fazendo com que os alunos usassem a sua imaginação em relação à história. As crianças ficaram sentadas em círculo no chão para ouvir a história, e após a realização da leitura recontaram com suas próprias palavras o que foi lido. Em seguida, foram feitos questionamentos referentes à história.

Na sequência, as crianças observaram os diferentes objetos existentes ao seu redor, procurando identificar cada forma geométrica que se apresentava. Então, recortaram em revistas e jornais objetos que se pareciam com as formas geométricas e, posteriormente, foi feito um mural identi-

ficando com o nome cada forma. Com fita adesiva no chão da sala de aula, foram feitas as formas geométricas, e cada aluno andou em cima das figuras, enquanto tocava uma música; quando a música parava, cada aluno se posicionava dentro de uma figura e, depois de feito o sorteio de uma figura, quem estava dentro da figura sorteada saía da brincadeira.



**Figura 4** -Brincadeira  
Fonte: acervo pessoal da professora

Por acreditarmos que com a música também se aprende, os alunos escutaram a canção “Era uma casa muito engraçada” e, a partir disso, confeccionaram uma casa em EVA, com o que puderam observar e identificar as partes da casa como figuras geométricas. Usando de sua criatividade, os alunos elaboraram diversas figuras a partir das peças do *tangram*.

Entre as atividades realizadas, as crianças trabalharam nos cadernos com desenhos de tesouras, fazendo pequenas operações de adição e subtração. Além disso, vários jogos foram desenvolvidos no decorrer do projeto, para melhor compreensão do conteúdo sobre as figuras geométricas, quais sejam:

- Quebra-cabeça em EVA das figuras geométricas: quadrado, triângulo, retângulo e círculo;
- Jogo da Memória de figuras geométricas, com o qual as crianças observaram suas formas e cores;
- Tapete com figuras geométricas, em que as crianças identificam a figura geométrica e colocam-na no lugar certo;



**Figura 5** -Exposição do projeto  
Fonte: acervo pessoal da professora

- Bingo, utilizando as figuras geométricas;
- Corrida das figuras geométricas, em que são jogados dados e as crianças avançam as casas, de modo que quem chegar primeiro ganha o jogo;
- Jogo da Velha com figuras geométricas.

Como complemento das atividades realizadas, foram contadas as histórias dos livros *História do quadradinho* e *As três partes*. Ao final, podemos afirmar que os objetivos do projeto foram alcançados, e por meio de atividades lúdicas e de trabalho sistemático as crianças puderam refletir sobre os conteúdos trabalhados.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Auxiliadora Sampaio. Por que ensinar geometria nas séries iniciais de 1º grau? *Educação Matemática em Revista*, São Paulo, Ano 2, n. 3, p. 12-16, 1994.
- BERTONHA, R. A. *O ensino de geometria e o dia-a-dia em sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1989.
- GIONGO, Afonso Rocha. *Construções geométricas*. São Paulo: Nobel, 1984.
- KALEFF, Ana Maria. Tomando o ensino da geometria em nossas mãos. *Educação Matemática em Revista*, São Paulo, Ano 1, v. 2, p. 19-25, 1994.
- PAVANELLO, Regina Maria; ANDRADE, R. N. G. Formar professores para ensinar geometria: um desafio para as licenciaturas em matemática. *Educação Matemática em revista*, Edição Especial, Abr., 2002.

## ECOSSISTEMAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

Cléia Fátima Slongo Barbosa<sup>1</sup>  
Maria Leticia Naime-Muza<sup>2</sup>  
Gracielle Boing Lyra<sup>3</sup>

Este trabalho, intitulado *Ecosistemas da Ilha de Santa Catarina*, foi desenvolvido no ano de 2013 com turmas de 3º ano da escola EBM Herondina Medeiros Zeferino, situada no bairro Ingleses no norte da Ilha de Santa Catarina, conhecida, também, como Ilha de Florianópolis. As áreas do conhecimento contempladas no projeto foram Linguagens, Ciências Humanas e Ciências Naturais, e o foco central foi trabalhar ambientes costeiros e marinhos. Nesse sentido, o objetivo geral foi conhecer a fauna e a flora da ilha e entender a importância dos diferentes ecossistemas que integram a Ilha de Santa Catarina para desenvolver atitudes de respeito, preservação e conservação. Para tal intuito, foram introduzidas, trabalhadas e aprofundadas práticas de uso da linguagem, incluindo atividades de apropriação e consolidação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) nos eixos nominados aqui como *fala e escuta, leitura e autoria*, articulando os direitos de aprendizagem das áreas do conhecimento aos conteúdos planejados e propostos.

O projeto foi desenvolvido a partir da curiosidade dos alunos em conhecer os diferentes ambientes do local onde vivem. Muitos alunos da escola vêm de outras cidades e não têm oportunidade de conhecê-los. Assim, os ambientes estudados foram: dunas, restinga, mangue, praia, costão rochoso e ambiente marinho.

Inicialmente, apresentamos aos alunos imagens e lemos textos informativos sobre os ambientes que estudamos; ainda, assistimos a alguns vídeos sobre tais

ambientes, para podermos aprofundar as discussões e pesquisas. A seguir, apresentamos exemplos dos materiais utilizados para introduzir este trabalho.



Figura 1 - Exemplos de materiais utilizados  
Fonte: Fotografias geradas pelos autores

Demos partida aos estudos pelo ambiente *dunas*. Através da observação de imagens e leitura de textos e relatos de alunos, foram analisadas as principais características das dunas. Listamos as características no quadro e os alunos fizeram o registro em seus cadernos. As características das dunas observadas pelos alunos foram:

- Areia fina;
- Areia de cor mais clara que a da praia;
- Poucas árvores;
- Vegetação diferente;
- Flores lindas, apesar da areia seca;
- Vegetação no topo das dunas;
- Areia solta.

Na sequência, fizemos uma pesquisa na internet sobre os animais que vivem nas dunas, e cada aluno registrou no caderno os animais pesquisados e suas ca-

racterísticas. Fizemos uma votação sobre qual desses animais poderíamos estudar mais detalhadamente, e os alunos escolheram a coruja como principal animal das dunas, por ser conhecido de todos. Então, realizamos a leitura do conto *Os filhotes do vovô coruja* (NA; KIM, 2010), mas antes de iniciarmos exploramos as informações da capa do livro. Ao longo da leitura, fomos questionando os alunos sobre as informações mais explícitas, conduzindo-os à compreensão de informações implícitas. Também fizemos atividades de interpretação por escrito para o registro e a exploração do vocabulário. A figura a seguir ilustra a capa do livro:



Figura 2 - *Os filhotes do vovô coruja*: capa do livro  
Fonte: Acervo pessoal da professora

<sup>1</sup> Professora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Anos Iniciais e Educação Infantil pela Faculdade Dom Bosco. Professora dos anos iniciais na Prefeitura Municipal de Florianópolis.

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos, Polo 1. Licenciada em Letras Português/Inglês, Bacharelada em Letras Tradutor-Intérprete Inglês e Alemão pela PUC-RS, Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino de Português e Línguas Estrangeiras pela UNISINOS-RS e Mestre em Linguística Aplicada pela UFSC. Professora de Língua Portuguesa e Inglesa da Prefeitura Municipal de Florianópolis e Coordenadora da área de línguas da SME de Florianópolis.

<sup>3</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

Depois desse momento, planejamos e organizamos uma saída de estudos até as dunas do Rio Vermelho para observar de perto o que havíamos estudado em sala. Os alunos conheceram as dunas, a restinga e observaram as plantas e os animais do local, conforme mostram as fotos a seguir.



**Figura 3** - Saída de estudos: dunas do Rio Vermelho

Fonte: Acervo pessoal da professora

Após esse momento, os alunos fizeram um relato oral sobre a saída de estudos, produziram um texto coletivo (Figura 4) e cartazes representando o ambiente das dunas (Figura 5).



**Figura 4** - Texto coletivo sobre a saída de estudos

Fonte: Acervo pessoal da professora



**Figura 5** - Exemplo de cartaz sobre as dunas

Fonte: Acervo pessoal da professora

Dando continuidade ao projeto, estudamos sobre o manguezal, a praia, costões rochosos e ambientes costeiros e marinhos. Antes disso, através do mapa de Santa Catarina e do município de Florianópolis, mostramos aos alunos o que é litoral e quais áreas fazem parte dele. Também conversamos sobre o Oceano Atlântico e o fato de nosso bioma se chamar Mata Atlântica. Usando o mapa do Brasil, observamos que esse bioma não está só aqui em nosso estado, mas compõe partes de todo o Brasil. Assim, o ambiente seguinte a ser estudado foi o manguezal. Como não tivemos a oportunidade de visitar esse ecossistema, apesar de ter manguezais em Florianópolis, assistimos a um vídeo retirado da internet (GEVAERD, 2016) em que os alunos tiveram a oportunidade de observar como é um manguezal, qual a vegetação que o compõe e as formas de vida existentes nele. A visita ao manguezal teve de ficar para uma oportunidade futura.

Após a leitura dos livros informativos *Um mundo numa ilha* (CECCA, 1999) e *Mata Atlântica* (SANTOS; BAHIA, 2012), destacamos as características que diferenciam o manguezal dos outros ambientes já estudados. Os alunos fizeram esse registro no caderno. Após as leituras, escolheram para estudar mais detalhadamente o jacaré e o caranguejo, por considerarem os animais mais interessantes do manguezal. A seguir, apresentamos os textos informativos, abordando as características



**Figura 6** - Textos informativos sobre o caranguejo e sobre o jacaré

Fonte: Acervo pessoal da professora

terísticas do caranguejo e do jacaré.

Fazendo a ponte com a literatura, lemos para os alunos o conto infantil *Os três jacarezinhos* (KETTEMAN, 2010), explorando os conhecimentos prévios, conforme os estudos feitos até o momento. Antecipando a leitura, exploramos capa, título, autor; e, enquanto líamos para eles, os alunos observaram as imagens.



**Figura 7** - *Os três jacarezinhos*: capa do livro

Fonte: Acervo pessoal da professora

Depois da leitura, exploramos as ideias e informações do conto, localizando as informações explícitas e descobrindo as implícitas, atividade que foi feita primeiramente de forma oral e depois por escrito. Como atividade lúdica de avaliação do que estudaram, os alunos confeccionaram um cartaz com as características do manguezal, conforme ilustramos a seguir, na Figura 8, com um dos cartazes feitos pelos alunos.



**Figura 8** - Exemplo de cartaz sobre o manguezal

Fonte: Acervo pessoal da professora

Depois disso, iniciamos o estudo dos ecossistemas: praia, costão rochoso e ambiente marinho. A professora de ciências, Zandra, apresentou aos alunos os ambientes e falou um pouco sobre cada um deles. Foram listados pelos alunos os animais que conheciam e que habitam esses ambientes: lagarto, gaivota, siri, tatuíra, minhoca, linguaruda, entre outros.

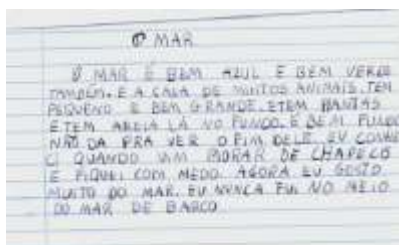


Na sequência das atividades, trabalhamos textos informativos sobre esses ambientes e sobre animais que os habitam. Exploramos as estratégias de leitura para a apropriação e consolidação desses conceitos e apresentamos aos alunos o livro *Todas as cores do mar* (PIMENTEL, 2007), a partir do qual foi realizada a observação de imagens, a leitura e atividades de compreensão leitora (Figura 9).



**Figura 9** - *Todas as cores do mar*: capa do livro  
Fonte: Acervo pessoal da professora

Em um momento seguinte, solicitamos aos alunos que criassem um texto falando um pouco sobre o que sentem quando estão próximos ao mar. Sobre esse trabalho, em relação à reflexão linguística, usamos o texto do aluno Kelvin, com o consentimento dele, para observar a importância da pontuação, no sentido de facilitar a leitura e a compreensão do texto, de melhorar a experiência de leitura, com as sensações que ela proporciona.



**Figura 10** - Texto produzido por aluno  
Fonte: Acervo pessoal da professora

Depois disso, organizamos com a Escola do Mar uma saída de campo, cujo objetivo foi observar os ambientes costeiros e marinhos para conhecer de perto esses ambientes (Figura 11 e 12).

Como atividade escrita, os alunos fizeram um relatório sobre a saída de estudo



**Figuras 11 e 12** - Segunda saída de campo: ambientes costeiros e marinhos

Fonte: Acervo pessoal da professora

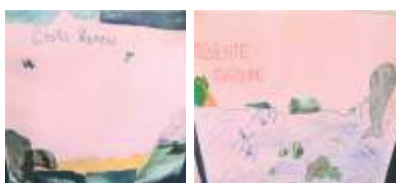
com a Escola do Mar, lembrando que as características e função deste gênero discursivo já haviam sido apresentadas aos alunos anteriormente. A seguir, apresentamos imagem de parte de um dos relatórios produzidos pelos alunos, Figura 13.



**Figura 13** - Trecho de relatório produzido por um aluno

Fonte: Acervo pessoal da professora

Após essa atividade de aprendizagem, os alunos também confeccionaram cartazes sobre os ambientes costeiros e marinhos, como forma de resgatar e registrar o que estudaram (Figura 14).



**Figura 14** - Exemplares de cartazes sobre ambientes marinhos e costões

Fonte: Acervo pessoal da professora

Antes de finalizarmos o trabalho, realizamos um relato coletivo sobre o que foi estudado nesse projeto, resgatando conceitos e atitudes em relação aos ambientes. Os alunos avaliaram o trabalho, analisando o processo e concluindo o quanto esse estudo foi proveitoso e importante para entenderem e respeitarem os ambientes costeiros e marinhos, além dos animais

que neles habitam. Por fim, expusemos na Mostra Pedagógica da escola as fotos, os cartazes, os textos informativos e os relatos produzidos pelos alunos.

Tratamos, enfim, sobre a preservação da natureza no local em que vivemos, além de tratar dos gêneros do discurso estudados para os registros de estudo e pesquisa. É importante destacar, assim, a importância do trabalho com os gêneros do discurso nos anos iniciais, uma vez que o processo de alfabetização se consolida a partir de textos reais em situações de uso da língua.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Conservação da biodiversidade na zona costeira e marinha de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/Conserva%C3%A7%C3%A3o%20da%20Biodiversidade%20na%20Zona%20Costeira%20e%20Marinha%20de%20Santa%20Catarina.pdf>>. Acesso em: set. 2016.
- CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Um mundo numa ilha**. Florianópolis: Cecca, 1999.
- KETTEMAN, Helen. **Os três jacarezinhos**. São Paulo: Autêntica, 2010.
- GEVAERD, Marcelo. **Manguetal - Rio Tavares - Floripa**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PiCiz1txf9o>>. Acesso em: set. 2016.
- NA, Eun Hee; KIM, Sook Kyung. **Os filhotes do vovô coruja**. Porto Alegre: Callis, 2010.
- PIMENTEL, Luís. **Todas as cores do mar**. São Paulo: Global, 2007.
- SANTOS, Cristina; BAHIA, Ana Beatriz; TAKASE, Emilio. **Mata Atlântica: o bioma onde eu moro**. Florianópolis: Lagoa, 2012.



## JOGOS E PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Marinês Snigura<sup>1</sup>  
Edinara Perin Amann<sup>2</sup>  
Claudinei Schimanko<sup>3</sup>  
Maira Gledi Freitas Kelling Machado<sup>3</sup>

Este trabalho foi desenvolvido com crianças do 3º ano da Rede Estadual de Ensino Fundamental da Escola Padre Reinaldo Stein, em 2014. A escola localiza-se na cidade de Anchieta, extremo Oeste de Santa Catarina, e a turma era composta de 12 alunos, que participaram ativamente deste trabalho escolar.

Partindo do pressuposto de que o trabalho com gêneros possibilita a interação com a diversidade de suportes que circulam na sociedade e contribui para que os educandos possam escrever ou falar de maneira mais adequada diante de uma dada situação real de comunicação, optouse por trabalhar o gênero textual *instrução de jogos*, pois o jogo faz parte da vida das crianças e contribui para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo. O gênero *instrução de jogos* está constantemente presente no dia a dia das crianças, em casa ou no meio escolar e desperta o interesse dos alunos. O uso de jogos na prática pedagógica do ciclo de alfabetização vem se mostrando mecanismo eficaz de aprendizagem, não por si só, mas através das intervenções pedagógicas realizadas em sala de aula pelo professor na sistematização das atividades. “Os jogos são objetos e práticas socioculturais produzidos pela humanidade e designam tanto o objeto material da brincadeira quanto a ação lúdica que se desenvolve por meio desse objeto” (BRASIL, 2015, p. 58). O trabalho com jogos vem sendo discutido amplamente no PNAIC, diante dos benefícios constatados em trabalhos desenvolvidos pelos professores. São recursos didá-

ticos que ampliam o conhecimento e possibilitam um trabalho intertextual e interdisciplinar na escola.

Fazer uso de jogos na sala de aula propicia momentos de aprendizagens diversas, devido à amplitude de possibilidades de exploração, que podem permear as diversas áreas do conhecimento, não se limitando a determinada disciplina. O uso dado pelo professor ao jogo desenvolvido marca o objetivo didático que se pretende atingir. Em matemática os jogos facilitam a assimilação e entendimento de conceitos básicos essenciais para atingir os direitos de aprendizagem pretendidos.



**Figura 1** - Um primeiro encontro com o gênero  
Fonte: acervo pessoal da professora

No primeiro momento, os alunos foram desafiados a fazer uma *caça ao tesouro*: a turma foi dividida em grupos e os alunos instruídos a seguir as pistas para achar um tesouro escondido. Depois da conversa da professora com a turma, explicando a atividade e as regras, a turma foi organizada em sala com a primeira pista da caçada. Cada grupo recebeu pistas diferentes, que os levavam a outras pistas em vários ambiente da escola. Foi uma atividade de que os alunos gostaram muito, pois a cada pista que descobriam

recebiam novas instruções sobre o que fazer e aonde ir para encontrar o tesouro.



**Figura 2** - Caça ao tesouro  
Fonte: acervo pessoal da professora

Em sala, depois da “caçada”, os alunos saborearam o “tesouro”, que consistia em balas e pirulitos. Após acalmarem-se, dialogaram sobre o momento que tinham vivenciado, relembando cada instrução que precisaram seguir para que fosse possível encontrar o tesouro. Os alunos foram questionados e instigados a refletir

<sup>1</sup> Alfabetizadora. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora da Rede Pública Estadual de Anchieta (SC).

<sup>2</sup> Orientadora de Estudos. Pedagoga e Especialista em Educação. Professora da Rede Pública Estadual de Guarujá do Sul (SC).

<sup>3</sup> Formador de Matemática. Licenciado em Matemática, Pós-Graduado em Interdisciplinaridade e Gestão Ambiental e Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade San Lorenzo (UNISAL). Professor de matemática da Rede Estadual e Municipal de Educação de Itapema (SC).

<sup>4</sup> Formadora de Linguagem. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).

sobre cada instrução, a fim de que a partir desse primeiro contato com o gênero instrucional, pudessem construir e ampliar seus conhecimentos.



**Figura 3** - O Jogo de Argolas  
Fonte: acervo pessoal da professora

No segundo momento, com os alunos em sala, foi a vez de jogar o Jogo das Argolas, construído a partir de materiais reaproveitados. No início da aula, os alunos foram motivados e instigados a jogar, sendo instruídos a respeito do jogo, que consistia em acertar argolas em tubos de cores diferentes. Cada argola acertada tinha sua pontuação, de acordo com as cores dos tubos. Os pontos foram somados por jogadas dos alunos. Depois foi feita a classificação de acordo com os pontos obtidos pelos jogadores da turma. Tudo foi registrado no quadro, para a visualização coletiva, reflexão e entendimento, e também no caderno, de forma individualizada.

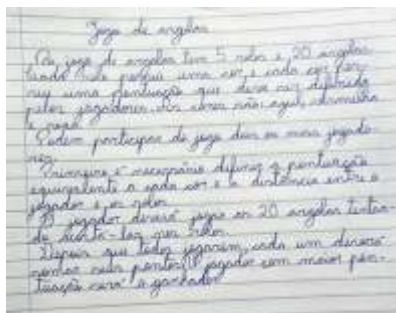
Após esses trabalhos, em sala, os alunos continuaram com a produção coletiva



**Figura 4** - Registro da pontuação do Jogo de Argolas  
Fonte: acervo pessoal da professora

de um texto instrucional, as regras do Jogo de Argolas, produzido a partir dos seus conhecimentos sobre o gênero e das explicações da professora com relação às regras do jogo. Essa atividade possibilitou aos alunos o registro escrito, contendo o desenvolvimento do jogo, as regras e a pontuação. Formou-se, então, um texto coletivo da turma, e todos os alunos sabiam falar com propriedade sobre a atividade desenvolvida. A produção textual é de suma importância para o desenvolvimento no processo de alfabetização na perspectiva do letramento. A exploração de situações diferentes e vivenciadas para a produção textual sugere ao aluno recursos para que ele consiga produzir textos com propriedade.

Dando continuidade aos trabalhos, foi desenvolvido em sala o gráfico do Jogo de Argolas, contendo a pontuação dos alunos. Com a observação do gráfico pronto, os alunos puderam visualizar o jogo desenvolvido sob outro olhar. O resultado final foi analisado e discutido entre todos.



**Figura 5** - Produção textual: instruções do Jogo de Argolas  
Fonte: acervo pessoal da professora

O jogo, além do registro de pontos e do gráfico, foi trabalhado de maneira interpretativa, ainda no campo da Matemática. Sabemos que a interpretação não envolve apenas a disciplina de Português, então os alunos expressaram através da atividade uma avaliação e, conforme a realização da atividade pelos alunos, a professora pôde



**Figura 6** - Pontuação de cada aluno no Jogo de Argolas

Fonte: acervo pessoal da professora

perceber o seu êxito.

Para dar continuidade ao trabalho, foram utilizados os jogos de alfabetização disponibilizados pelo MEC, conhecidos como os Jogos da Caixa Amarela. Para o trabalho com esses jogos os alunos foram divididos em grupos; cada grupo trabalhou com um jogo, sob a supervisão e o auxílio da professora. Cada jogo tinha suas regras a serem seguidas, as quais os alunos precisavam ler e compreender para que pudessem jogar e, posteriormente, ajudar os demais grupos.



**Figura 7** - Problemas matemáticos relacionados ao Jogo de Argolas

Fonte: acervo pessoal da professora

A princípio, é fácil seguir as regras, mas é preciso leitura e interpretação delas para o jogo acontecer corretamente; também é primordial que todos tenham a conscientização da necessidade de serem seguidas e respeitadas por todos durante



**Figura 8** - Confeção e criação de jogos

Fonte: acervo pessoal da professora

o transcorrer do jogo.

Durante essa atividade, os alunos foram instigados a refletir sobre o jogo e suas instruções, para que pudessem perceber as características do gênero instrucional, como ele é escrito e com que finalidade, a fim de ampliarem os seus conhecimentos. E então, no momento final, os alunos foram desafiados a criar um jogo e elaborar as instruções ou regras. Esta atividade foi de grande importância para

que refletissem sobre os jogos e sobre o gênero instrucional. Avançaram do ato de jogar para o ato de criar, e criar é ir além, pensar no modo de jogar, nas regras, no jogo por inteiro. Os alunos surpreenderam no resultado final da criação do jogo, que continha metas, regras e normas, tudo desenvolvido por eles mesmos.

Para a conclusão dos trabalhos, foi realizada uma oficina de jogos na escola, na qual os jogos utilizados em sala foram levados para o espaço de recreação e os alunos da turma puderam jogar com os alunos do 3º ano, ou seja, ocorreu a socialização do trabalho com outros alunos da escola.

O trabalho desenvolvido foi bastante prazeroso e contribuiu com aprendizagens significativas sobre o gênero, além do desenvolvimento de outras habilidades que o próprio jogo possibilita. O trabalho coletivo possibilitou maior envolvimento e cooperação no desenvolvimento das atividades, e os objetivos inicialmente almeja-

dos foram alcançados, uma vez que os alunos construíram e ampliaram os conhecimentos acerca do gênero textual *instrução de jogos*. Desenvolveram-se, concomitantemente, a criatividade, o raciocínio, a atenção, a linguagem oral e a linguagem escrita, em associação aos conteúdos estabelecidos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: a organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização. Caderno 4. Brasília: MEC/SEB, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Jogos de Alfabetização**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: jogos na alfabetização matemática. Brasília: MEC/SEB, 2014.



**Figura 9** - Oficina de Jogos

Fonte: acervo pessoal da professora



## PROJETO “MERCADINHO RAIO DE SOL”

Solange Boch<sup>1</sup>  
Andréa do Prado Felipe<sup>2</sup>  
Gracielle Boing Lyra<sup>3</sup>

O projeto temático interdisciplinar intitulado *Mercadinho Raio de Sol* foi desenvolvido com 23 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, localizada no Bairro Vargem do Bom Jesus, município de Florianópolis, Santa Catarina. Seu objetivo foi desenvolver de modo articulado aprendizagens relativas aos componentes curriculares das áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências.

A ação pedagógica focalizou as habilidades de *análise linguística* para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), *leitura, produção textual* oral e escrita, além da resolução de problemas aditivos e do reconhecimento de cédulas e moedas e seus respectivos valores. As reflexões dos alunos acerca do sistema monetário foram possíveis por meio de experiências lúdicas, na resolução de situações-problema com “dinheirinho”, que simulavam situações reais de uso. Além disso, a proposta possibilitou a ampliação do repertório cultural no que tange às questões relativas à sustentabilidade e ao consumo consciente.

A ideia do projeto surgiu da tentativa de promover a inclusão de todos os alunos dentro de uma proposta que fosse significativa e com a qual eles pudessem vivenciar e compartilhar as suas experiências com seus familiares, fora do espaço escolar. Então, a motivação para o desenvolvimento de tal proposta nasceu de observações realizadas na interação com alunos, por meio de conversas cotidianas ao che-

garem à escola e na hora do recreio. Nesses momentos, pudemos observar as enunciações sobre “o comprar”: comprar lanche na escola, comprar cartinhas para jogar, ir ao *shopping* para comprar algo, etc. Muitos relatavam que iam ao mercadinho fazer compras para os familiares, mas percebemos, através de seus relatos, que a maioria das crianças desconhecia os valores que carregavam, tampouco sabiam converter valores de cédulas em moedas e vice-versa. Um deles mencionou: “Eu adoro quando vou com um dinheiro e a moça me devolve um monte de moeda! Fico com muito mais!”. Em outra ocasião, ouvimos o seguinte relato: “É bom aqui em Floripa, não precisa de dinheiro pra andar de ônibus, só cartão!”.

Identificamos, portanto, que as práticas sociais que envolviam o dinheiro e as questões relativas à estrutura e ao funcionamento do sistema monetário poderiam promover aprendizagens relevantes para o grupo. Assim, iniciamos as atividades pedindo que trouxessem para a escola algumas embalagens vazias de produtos, estimulando a partir disso o consumo consciente e a importância da reciclagem. Levantamos questões sobre: “Como esses produtos foram parar em suas casas?”, “O nome escrito na embalagem era o do



**Figura 1** - Crianças explorando e separando as embalagens

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 2** - Crianças separando embalagens de produtos de limpeza

Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 3** - Embalagens de produtos de limpeza

Fonte: acervo pessoal da professora

produto oferecido?”, “O que há nas embalagens? Números? Letras? Imagens?”, “Para que servem esses produtos?”.

<sup>1</sup> Professora alfabetizadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia. Atua na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, em Florianópolis (SC).

<sup>2</sup> Orientadora. Licenciada em Pedagogia, com Habilitação em Educação Infantil e Anos Iniciais, Especialista em Práticas Educativas Interdisciplinares e Mestra em Psicolinguística Aplicada. Atua na Gerência de Formação Permanente da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (SC).

<sup>3</sup> Formadora, Polo 1. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela Universidade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).







**Figura 12** - Crianças pesquisando preços, marcando os preços nos produtos e brincando de mercadinho  
Fonte: acervo pessoal da professora

da da seguinte maneira: os repositores, os caixas e os marcadores de valores. Os demais alunos seriam os compradores.

A situação de aprendizagem que envolveu a simulação de compras foi recebida com muito entusiasmo pelos alunos. A resolução de situações-problema no campo aditivo ganhou destaque e significativa relevância nesse contexto. Dentre as variadas atividades que foram realizadas, podemos citar uma situação-problema: um aluno “comprador” recebeu R\$ 50,00 em notas diferentes para fazer suas compras; depois, escolheu os produtos e se dirigiu ao caixa para efetuar o pagamento. O aluno “caixa” teve como missão realizar a adição dos preços dos produtos e escolher as notas adequadas para o troco; o cálculo realizado na situação-problema foi registrado numa folha de papel. O restante da turma teve a oportunidade de vivenciar situações semelhantes, com outros valores e produtos.

Além dessas atividades, outras intervenções pedagógicas foram acrescentadas, visando à apropriação do SEA – por exemplo: com o auxílio da estagiária



**Figura 13** - Alunos simulando situações de compra e venda  
Fonte: acervo pessoal da professora

Camila, promovemos um ditado de palavras utilizando imagens de produtos retirados de uma caixa-surpresa. Após o ditado, os alunos separaram as sílabas e corrigimos na lousa; com as palavras do ditado, confeccionamos um caça-palavras.

Adicionalmente, inúmeras outras situações de aprendizagem foram possibilitadas a partir do tema em questão, dentre elas a elaboração de listas de compras in-



**Figura 14** - Criança retirando imagem de uma caixa para o ditado  
Fonte: acervo pessoal da professora



**Figura 15** - Crianças realizando atividade de caça-palavras  
Fonte: acervo pessoal da professora

dividuais e a produção de cartazes promocionais para serem disponibilizados no “mercadinho”. O projeto culminou com a visita ao supermercado do bairro para a compra dos ingredientes de uma receita de bolo de chocolate. No retorno, fizemos o bolo de modo colaborativo.



**Figura 16** - Crianças visitando o supermercado  
Fonte: acervo pessoal da professora

A experiência foi extremamente significativa para o grupo, percebemos que os alunos estavam constantemente motivados na realização das etapas do projeto e puderam se apropriar de conhecimentos imprescindíveis para a sua formação. A alfabetização se deu em contexto de letramento, na perspectiva da inclusão e da ludicidade.



**Figura 17** - Crianças fazendo bolo de chocolate  
Fonte: acervo pessoal da professora

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **A economia de Maria**. São Paulo: Editora Brasil, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a oralidade, a leitura e a escrita no Ciclo de Alfabetização**. Caderno 5. Brasília: MEC/SEB, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: grandezas e medidas**. Caderno 6. Brasília: MEC/SEB, 2014.
- NIGRO, Rogério Gonçalves. Coleção Projeto Ápis do Ensino Fundamental I. **Ciências: 2º ano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- PADOVAN, Daniela et al. Coleção Projeto Prosa. **Matemática: 2º ano**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, Saraiva-Didático, 2012.

## MEDIDAS E GRANDEZAS: SOU GRANDE OU PEQUENO?

Marli Nicodem Immig<sup>1</sup>  
Iloni Frey Manfro<sup>2</sup>  
Nadia Inês Marconatto<sup>3</sup>  
Maira Gledi Freitas Kelling Machado<sup>4</sup>

A *sequência didática* que vamos relatar foi desenvolvida no segundo semestre de 2014, com as turmas do 1º ano da Escola Municipal de Educação Básica Cinderela, no Município de Santa Helena (SC). As turmas eram compostas por 14 alunos cada, numa faixa etária entre seis e sete anos, envolvendo ao todo 28 alunos. O trabalho objetivou atender, com base no Caderno 6 do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), os seguintes direitos de aprendizagem: a) Construir estratégias para medir *comprimento, massa*, utilizando unidades não padronizadas e seus registros; compreender o processo de medição, validando e aprimorando suas estratégias; b) Reconhecer, selecionar e utilizar instrumentos de medida apropriados à grandeza *massa*; c) Produzir registros para comunicar o resultado de uma medição, explicando, quando necessário, o modo como ela foi obtida; d) Comparar comprimento de dois ou mais objetos para identificar: *maior, menor, igual, mais alto, mais baixo, mais pesado, mais leve*, etc.

O estudo foi desenvolvido juntamente com outros componentes curriculares, dando sequência ao Projeto do Meio Ambiente, já em desenvolvimento na escola. Iniciamos a *sequência* com a tarefa de listar o nome de plantas e a sua classificação quanto ao conceito de tamanho, com base no que as crianças consideravam como plantas grandes e plantas pequenas. O objetivo foi observar quais conhecimentos as crianças trariam sobre tamanhos e o que para eles era *grande e peque-*

*no*. Tratamos também sobre a importância do cuidado com o meio ambiente, mais especificamente sobre reciclagem e destino adequado do lixo, questionando se esses cuidados eram apenas atitudes de pessoas grandes, de pequenas ou de todos.

Aproveitando as diferentes hipóteses que surgiram e dando continuidade às reflexões acerca dos conceitos de medidas ou grandezas, convidamos os alunos a ouvirem a história *Grande ou pequena?*, de Beatriz Meirelles (2001). O livro conta a história de uma menina que está confusa, sem saber se é grande ou pequena, e precisa da ajuda de seus pais para esclarecer essa confusão.



Figura 1 - Capa da obra *Grande ou Pequena?*  
Fonte: Meirelles (2001)

Iniciamos fazendo a exploração da capa do livro, e durante a contação de história também foram feitos alguns questionamentos para levantamento de hipóteses, desenvolvimento da oralidade e argumentação, tais como: “Qual é a grande dúvida da personagem?”, “Como ela pode descobrir qual o seu tamanho?”. Nesse

momento, um aluno prontamente respondeu: “Se olhando no espelho!”. Outro aluno completa: “Mas não é só o tamanho que ela quer saber”. Depois, questionamos: Afinal, Mariana descobriu se era grande ou pequena? Um aluno respondeu: “Não, mas entendeu que para algumas coisas ela era grande e para outras ainda era muito pequena, assim como é na minha casa”. Outro aluno fez uma relação e disse: “É quase como diz na minha camiseta do pré. Vou ler o que está escrito: 'Ninguém é tão grande que não possa aprender e nem tão pequeno que não possa ensinar.’” Na continuidade do diálogo, questionamos: “E quem aqui se acha grande? E pequeno?”, “Em que momentos vocês se acham grandes? E pequenos?” Procurando aproveitar a empolgação e desenvolver a produção escrita, pedimos que registrassem suas falas em uma atividade que questionava “Para que coisas você pensa que é: grande x pequeno?”, na qual os alunos tinham de preencher em duas colunas as possíveis respostas (Figura 2).

No momento da socialização, observaram-se as mais diferentes ideias, foi um

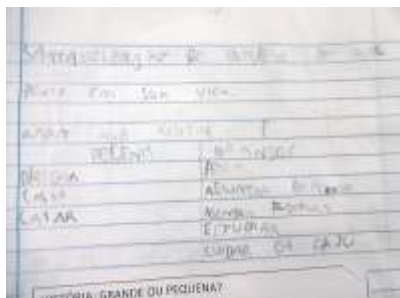
<sup>1</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Escola Municipal Cinderela, no município de Santa Helena-SC.

<sup>2</sup> Alfabetizadora, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Escola Municipal Cinderela, no município de Santa Helena-SC.

<sup>3</sup> Orientadora de estudos, Polo 3. Pedagoga e Especialista em Gestão Escolar e

Transdisciplinaridade. Atua na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Turismo de Tunápolis-SC.  
<sup>4</sup> Formadora, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).





**Figura 2** - Produção escrita dos alunos  
Fonte: acervo pessoal da professora

momento rico de trocas e diálogos, envolvendo até uma conversa sobre direitos e deveres. Na sequência, perguntamos: “E na turma, tem alguém que é grande de tamanho? Quem vocês acham que é o mais alto?” Logo responderam: “O João, professora!”. E seguiu-se o diálogo que reprodizimos a seguir:

Professora: Por que será?

Aluna Ana: Porque ele é o mais velho!

Aluno João: Não, eu tenho 6 anos, e vocês já têm quase todos 7 anos.

Professora: Então, por que será?

Aluna Ana: Pode ser porque os pais dele são grandes também.

Aluno João: Talvez...

Professora: E quem tem o maior peso?  
(Notas de campo da professora.)

Os alunos seguiram dialogando, afirmando que era também o colega João o mais pesado, por conta de seu tamanho, e então sugerimos que se dispusessem em fila, em ordem do maior ao menor. Esse foi um momento interessante, pois as crian-

ças começaram a se medir, um em relação ao outro, comparando tamanhos, dialogando e procurando encontrar explicações. Essa atividade provocou os alunos a usarem os conhecimentos de suas vivências em relação às medidas. Quando estavam organizados, registramos a primeira hipótese com as fotos (Figura 3).



**Figura 3** - Alunos comparando suas medidas e organizando-se do maior para o menor  
Fonte: acervo pessoal da professora

Em seguida, solicitamos que se reorganizassem, mas dessa vez por ordem de peso, ou seja, do mais pesado ao mais leve, o que foi uma tarefa mais difícil. Primeiro olharam para o tamanho, discordavam, e então começaram a sentir o peso dos colegas erguendo uns aos outros. Os alunos demonstraram certa dúvida, mas depois de um tempo conseguiram se organizar e



**Figura 4** - Levantando hipóteses sobre o peso: organizando-se do mais pesado ao mais leve  
Fonte: acervo pessoal da professora

tiramos mais uma foto, para o registro da hipótese.

Depois disso, perguntados à turma sobre o que é mais fácil perceber, se a altura ou o peso. Logo responderam que é a altura, pois dava para “ver melhor”, enquanto o peso era difícil de identificar e comparar, pois havia muitos colegas parecidos em tamanho. Com essas atividades foi possível observar as experiências que os alunos já possuíam em relação às medidas, mesmo que de maneira informal.

Para desenvolver a leitura e a escrita, elementos importantes no processo de alfabetização, foi proposta uma atividade com relação à história contada anteriormente, objetivando também o registro das hipóteses e constatações quanto ao tamanho e ao peso. Essa atividade está reproduzida na Figura 5, a seguir.



**Figura 5** - Atividade com a escrita  
Fonte: acervo pessoal da professora

Podemos afirmar que no decorrer desse primeiro momento do estudo, observamos que as crianças já trazem consigo vários conhecimentos sobre medidas e são capazes de fazer comparações. Sabemos que o ato de medir está presente em diversas atividades do nosso cotidiano, e desde muito cedo as crianças vivenciam situa-





ções em que é necessário medir. Quando as crianças vêm para a escola, já vivenciaram algumas situações envolvendo medidas, sejam elas jogos, brincadeiras ou outras atividades do seu dia a dia. Daí a relevância deste estudo, que procurou oferecer elementos para favorecer a compreensão dos conceitos de medida não convencionais, desafiando os alunos a conhecer uma unidade padrão.

Para instigar os alunos e observar suas hipóteses e estratégias de medição, levamos para a sala de aula diferentes produtos (arroz, macarrão, açúcar, etc.), mas em iguais porções, ou seja, 1 kg de cada. Todos os produtos foram embalados com papel pardo, para que os as crianças não vissem de que produto se tratava, nem o seu peso<sup>5</sup>. A seguir, pedimos para que elas os colocassem na ordem do mais pesado para o mais leve.



**Figura 6** - Estudo sobre o peso dos produtos  
Fonte: acervo pessoal da professora

Esse foi um momento de muitas dúvidas e percebemos que alguns alunos já vivenciaram situações de constatações de peso não convencionais, pois não usaram a referência do tamanho para classificar, e sim ergueram os produtos com as mãos, tentando aferir o peso das embalagens.

Após a classificação, abrimos as embalagens para vermos os produtos e questionamos: “Vocês ainda concordam com a primeira classificação que fizeram? Por quê?”. Nesse momento os alunos confrontaram suas novas hipóteses, exploraram as informações que encontravam nas embalagens, e mesmo percebendo que to-

<sup>5</sup> Peso é o termo popularmente associado a medida observada com o uso de balança, mas em termos científicos a medida obtida ao subirmos na balança corresponde a nossa massa corporal.



**Figura 7** - Alunos localizando informações nas embalagens dos produtos  
Fonte: acervo pessoal da professora

dos os produtos continham o mesmo peso, alguns apresentaram dificuldades em aceitar que apesar dos tamanhos serem diferentes todos possuíam pesos iguais. Após desafiá-los à percepção de que não se pode saber o peso convencional de um produto observando apenas o tamanho ou a quantidade indicada na embalagem, e chamando a atenção para a medida padrão, retomamos os questionamentos e a unidade de medida padrão das embalagens que estavam na sala. Ao final, concluíram que com esses produtos não haveria uma ordem específica, uma vez que todos tinham o mesmo peso, ou seja, 1 kg.

Alguns alunos comentaram suas observações: “Ah! Precisa mais macarrão para 1 kg do que sal, porque o macarrão é mais leve que o sal, né professora?”; “Por isso é bom ter uma balança para pesar.” Questionados sobre se sempre existiu balança, e todos responderam que não. Desafiados a pensar sobre como as pessoas de antigamente faziam para saber o peso dos seus produtos, quando trocavam ou compravam, já que não havia balança, argumentaram: “Trocavam um pouco por outro pouco [mostrando com as mãos]”. Questionados sobre quanto é esse “pouco”, uma aluna respondeu “Como pegar uma bacia de feijão, por uma bacia de farinha”. Ainda restou a dúvida sobre se as trocas eram sempre iguais ou justas.

Conversamos, então, sobre a necessi-



dade de criarmos uma unidade de medida padrão, no caso *quilograma*. Pensamos ser importante que o aluno conheça a história de como surgiu a necessidade de se medir e quais os tipos de instrumentos que foram utilizados ao longo do tempo até se chegar aos instrumentos de medidas convencionais. Na sequência, utilizamos uma balança digital. Para facilitar a leitura, os alunos foram se pesar (conferir sua massa) um por vez, enquanto os demais foram registrando os dados e construindo uma tabela.



**Figuras 8 e 9** - Aluna se pesando e registro dos pesos  
Fonte: acervo pessoal da professora

Ainda em sala, organizamos a tabela de pesos em ordem, do maior ao menor, de forma coletiva.

Em outro momento da sequência, questionamos os alunos sobre o que usamos nos dias de hoje para saber o peso dos produtos que compramos ou vendemos, e em que lugares ou atividades percebemos que a balança é usada frequentemente. Os alunos citaram postos de saúde, açougues, mercados, e alguns comentaram



**Figura 10** - Tabela construída coletivamente  
Fonte: acervo pessoal da professora

que em suas casas também usam a balança com frequência.

Para trabalhar as noções de medida por meio de atividades significativas, e para que os alunos vivenciassem um ambiente em que as unidades de medida estivessem bem evidentes, fizemos uma visita a um mercado próximo à escola. Lá, os alunos observaram os produtos vendidos em quilogramas e a importância dessas informações para os consumidores. A experiência foi interessante, pois os alunos se sentiram importantes e pesquisaram, conferiram, observaram, trocaram informações. Foi um momento de muita aprendizagem, pois envolveu leitura, escrita, observação.



**Figura 11** - Ida ao mercado para pesquisar produtos vendidos em kg  
Fonte: acervo pessoal da professora

As crianças admiraram-se, pois já haviam estado muitas vezes em mercados e não tinham se dado conta de quantos produtos são vendidos em quilos e gramas. Conversaram também sobre os produtos vendidos em litros e sobre aqueles que estão na seção de frutas e verduras. Os questionamentos também foram interessantes, pois envolveram preço final, valores e estimativas.

Pontuamos, ainda, que durante o desenvolvimento de toda esta *sequência didática* envolvendo o estudo de grandezas e medidas, a qual foi aqui descrita mais especificamente no âmbito da Matemática, foi desenvolvido também um trabalho interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como Ciências, por meio do estudo sobre alimentação saudável; Língua Portuguesa, contemplando o estudo do gênero textual *receita*, desenvolvendo *leitura, produção textual escrita, oralidade e análise linguística*. Concluindo, podemos afirmar que o estudo de *grandezas e medidas* é um conhecimento importante a ser trabalhado de modo sistemático, para que os educandos tenham interesse e sintam a sua importância e função social.

Assim, um dos desafios da alfabetização matemática é desenvolver com o aluno competências necessárias para o exercício pleno da cidadania. Para atingir esse objetivo é preciso desenvolver sua capacidade de aprender, tendo como meios o domínio da leitura, da escrita e do conhecimento matemático, de tal forma que lhes seja permitido compreender o mundo a sua volta, os valores que fundamentam a sociedade, para nela atuar de forma crítica e participativa. Nesse sentido, o conteúdo *grandezas e medidas* traz grandes contribuições, pois tem estreitas relações com diversas áreas da atividade humana, sendo aplicado em diversas situações do cotidiano.

## REFERÊNCIAS

- CORCINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC, 2007.
- MEIRELLES, Beatriz. **Grande ou Pequena?** Coleção Dó-ré-mi-fá. Ilustrações de Aida Cassiano. São Paulo: Scipione, 2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: grandezas e medidas. Caderno 6. Brasília: MEC/SEB, 2014.



Pacto Nacional pela  
Alfabetização na Idade Certa



Secretarias  
Municipais  
de Educação

